



Tinha sido muito difícil para Simone aceitar que o medo e a antipatia que sentia pelo capitão Kent Travers se transformasse numa profunda atração. Mas depois daquele beijo trocado sob o luar da Ilha de Chipre, ela tinha que admitir a si mesma que o amava, embora Kent a desprezasse. E foi assim que, ainda como aeromoça do avião pilotado por ele, embarcaram naquele último voo. Um voo fatídico, pois, por descuido dela se perderam no deserto e tiveram que fazer uma aterrissagem forçada. Será que sairiam de lá com vida? E caso se salvassem, será que algum dia Ken poderia perdoá-la... e amá-la também?

A sombra de uma ilusão

"There came a tyrant"

Anne Hampson



CAPÍTULO I

A tripulação do VC-10 estava reunida na sala dos oficiais. O capitão Travers, o piloto, dava as últimas instruções sobre a viagem do dia seguinte para Bahrain. Como sempre, a única que não falava era a comissária Simone Clarke. Odiava aquele tipo de reunião, onde nunca pediam a sua opinião.

Mas a pior parte ainda estava por vir. Quando todos foram dispensados, o capitão Travers pediu que ela ficasse. Resignada, esperou que os outros saíssem, imaginando qual seria a queixa dele daquela vez.

— Espero que tenha entendido bem o que acabei de dizer para o pessoal. Pela sua cara, me pareceu que achava esse vôo extra uma temeridade.

— Não, senhor.

Como gostaria de poder lhe dizer o que realmente pensava. Aos trinta e cinco anos e treze de serviço, o capitão Kent Travers era um homem muito atraente, respeitado pelos subordinados e perseguido pelas mulheres. O solteiro mais cobiçado da base. Mas, para Simone, não passava de um homem autoritário, agressivo e arbitrário.

— Então, comissária, acha que vamos conseguir o milagre de fazer esse vôo sem problemas?

— Espero sinceramente que sim, senhor.

— Devo lhe dizer que é a comissária mais ineficiente que já encontrei e que a minha paciência está se esgotando.

Indignada, Simone tentou se defender:

— Nem sempre essas falhas são culpa minha. Algumas coisas fogem do meu controle. . .

— Está se desculpando?

— Não exatamente, mas.. .

— Não há desculpa para a ineficiência. Quando estiver em serviço, tente prestar mais atenção ao trabalho e pensar menos no seu amiguinho.

— Oh, eu nunca imaginei que... Sinto muito, senhor. Seguiu-se um incômodo silêncio e depois o capitão Travers acrescentou:

— Esse vôo de amanhã é muito importante, entendeu? — Sim, senhor.

— Pode ir.

Simone saiu aliviada. Este homem jamais gostou de mim, pensou, dirigindo-se para o alojamento dos sargentos, no bloco oposto. Mesmo no primeiro encontro, ele a tratara com indiferença e brusquidão desnecessárias. Acostumada a ser sempre elogiada pelo antigo chefe, a severidade do capitão Travers fez com que começasse a cometer pequenos erros inexplicáveis.

Simone entrou no bar dos sargentos, como sempre despertando olhares de admiração dos colegas.

Sentou-se ao lado das amigas Linda e Carole, que a esperavam ansiosas para saber qual tinha sido o problema daquela vez.

— Levou outra bronca, não é? — perguntou Linda.

— Detesto aquele sujeito. Por que justo eu fui escolhida para a tripulação dele, e não uma de vocês?

— Qual é? Quer ver a caveira das suas amigas? Impossível não rir com Linda: ela não levava nada a sério e sempre dizia o que queria.

— Ele teve a audácia de me perguntar, com aquele detestável sarcasmo, se nós éramos capazes de realizar o vôo.

As amigas riram da irritação de Simone. Soltando uma baforada de cigarro, Carole comentou:

— Seu problema, Simone, é que você se preocupa demais e acaba atraindo as coisas ruins.

No fundo, sabia que a amiga tinha razão, mas tinha ficado assim depois que o capitão Travers se tornara seu superior. Com o capitão Holmes, as coisas eram diferentes. Ele era amável, não poupava elogios e fazia com que ela se sentisse segura de sua capacidade.

A má sorte começou quando Kent Travers apareceu. Simone antipatizou com ele assim que seus olhares se cruzaram pela primeira vez. Foi estranho e ridículo, já que não via motivo nenhum para isso.

Carole interrompeu seus pensamentos:

— Com essa mania de esperar sempre o pior, você fica toda agitada sem necessidade e acaba perdendo o controle. Ele percebe e se aproveita disso.

— Não é verdade, porque já trabalho aqui há muito tempo e isso nunca tinha acontecido antes.

— É, mas só trabalha há três meses com Travers.

— Para mim, parecem três anos, de tanta coisa ruim que já me aconteceu nesse tempo.

— Só coisas pequenas. Você se preocupa à toa. Afinal, todo mundo erra, ninguém é infalível.

— São coisas pequenas, mas ele se aborrece como se fossem enormes. Fica uma fera.

— Ele é um perfeccionista — falou Linda. — E um solteirão inveterado. Qualquer mulher seria vítima com um homem desses.

— Eu não sei, não... Ele me impressiona e não acha que detestaria ser casada com ele. Além do mais, gosto do tipo dominador — comentou Carole.

— Você é completamente louca — falou Simone.

— Ele é mais do que dominador: é mandão, mesmo — corrigiu Linda.

— Concordo inteiramente — disse Simone. — E se está tão interessada no homem, Carole, quem sabe conseguimos uma troca de comissária na tripulação?

— Você sabe que isso não é possível — respondeu ela.

— Felizmente, só tenho mais seis meses de serviço com ele — disse Simone.

— Só seis meses? E depois?

— Não sei, depende do resultado dos meus exames.

Simone havia se interessado por geologia durante seus vôos ao Oriente Médio e esperava conseguir trabalho numa companhia petrolífera de lá.

— Vou ficar desapontada, se não passar.

— Mas é lógico que passa! — disse Linda. — Você se esforça tanto em tudo o que faz! Mas.. e Mathew? Vocês não iam se casar?

— Que casar o que. . . Nosso caso é superplatônico.

— Não acho que, com o seu charme, qualquer relação possa ser platônica. Se eu tivesse a sua cara e o seu corpo, estaria procurando um marido rico e mandando a carreira para o inferno — disse Carole.

Nesse momento, John e Frank, dois comissários, juntaram-se às moças.

— Conversa de mulheres, ou podemos entrar?

— Já entraram! Linda encarou John.

— Quem é a vítima desta vez?

— Não seja tão maldosa, Linda! Sabe muito bem que, se não fosse por mim, você não seria tão informada!

Simone apoiou os cotovelos na mesa e perguntou;

— Como é que você consegue ser sempre o primeiro a saber das fofocas?

— Se é isso o que pensam de mim, vou contar em outra freguesia. Vamos, Frank, essas mulheres são umas mal-agraçadas — disse John, magoado.

— Espere, não sou como elas: estou sempre pronta para um mexerico. Quem é, desta vez? — perguntou Carole.

— O capitão Travers!

— Como? — disse Simone, arregalando os olhos.

— Sabia que se interessaria por notícias do seu chefe.

— Não seja criança, John — cortou Carole —, você está morrendo de vontade de contar o que sabe.

— Bem, preparem-se. ... Ele vai deixar o serviço!

— Ele vai o quê? Quando? — Simone ficou ansiosa.

— Como é que ele pode sair? — perguntou Carole.

— Claro que pode: ele é oficial. Aiém disso, parece que vai receber uma fortuna de herança de um tio da América que não deixou filhos.

— Milhões? Não brinque. . .

— Juro! Ouvi dizer que é uma senhora herança e ele já está comprando uma companhia aérea de frete, onde só vai dirigir e administrar, instalado num suntuoso escritório em Nicósia.

Simone adorava Chipre. Se um dia ficasse milionária, como Travers, iria morar lá. Perguntou:

- É uma companhia cipriota que ele está comprando?
- Não, é inglesa, com escritórios em Nicósia, Conhecendo bem o capitão, acho que vai passar mais tempo por lá do que na Inglaterra. Ele adora a vida ao ar livre!
- Simone suspirou.
- Que inveja! E quando é que ele vai?
- Acho que dentro de seis meses. Pelo menos, foi o que ouvi. — John olhou firme para ela.
- Ainda dando trabalho a você?
- Acho que terei aborrecimentos com ele até o fim.
- Pobrezinha! E o vôo de amanhã só vai servir para piorar as coisas.
- Piores do que já estão? Duvido.
- Gostaria de saber o porquê dessa inimizade toda — falou Carole.
- Imagino que ele deve ter boas razões para me perseguir — disse Simone.
- Com os outros, é bem simpático. Quando está de folga, os homens até o chamam pelo seu primeiro nome e as moças o chamam de chefe.
- Por que você também não passa a chamá-lo de chefe? — sugeriu Linda.
- Não dá- Simplesmente não tenho jeito.
- Sabem o que ouvi? — John interrompeu.
- Há mais ainda? Continue — falou Carole.
- Simone se parece demais com a noiva de Travers.
- Noiva? Ele não é noivo — disse Linda, esperando uma explicação.
- Corrijo: ex-noiva, deveria ter dito. Ela o deixou, e essa pode ser a razão de sua inexplicável antipatia por Simone.
- Quer dizer que Simone tem uma sócia?
- Não sei, apenas sei que o fulano que me falou do assunto observou a semelhança entre elas. Simone tem o mesmo colorido: cabelos pretos e olhos azuis.
- Muito bem. Em que mais me pareço com ela?
- Simone se lembrou da incrível indiferença que tinha notado quando foi apresentada a Travers.
- Vocês têm os mesmos traços, o mesmo jeito de andar e de falar. . .
- Não consigo imaginar Travers às voltas com mulheres. Sempre me pareceu tão distante!
- Agora, realmente é. Mas isso foi há muito tempo.
- Você disse que ela o deixou? Como foi isso?
- Bem, você sabe como é quando os homens estão servindo. Eles viajam um bocado. Ela se divertia com outros e suas escapadas foram parar nos ouvidos de Travers. A partir daí, ele nunca mais olhou para outra mulher.
- Se é essa a razão de sua aversão por mim, então é um homem mais detestável do que pensei. E agora, onde está ela?
- Casada e feliz, segundo dizem.
- Às cinco horas do dia seguinte, Simone estava a bordo com as aeromoças, cumprindo sua obrigação de checar se tudo estava em ordem para a chegada dos passageiros.
- Depois de uma hora e meia de formalidades e verificação de lista de passageiros com o escrevente e com a polícia, Simone pegou um pequeno pacote marcado "prioritário" e o colocou cuidadosamente na prateleira da cozinha.
- Os passageiros embarcaram em seguida. Deu-lhes as boas-vindas a bordo, informou a que altitude voariam e o tempo que esperavam encontrar e disse que se precisassem dela, ou de qualquer outro membro da tripulação, era só chamar.
- Finalmente, verificou se todos estavam confortáveis e mandou que as aeromoças servissem a comida e a bebida. Sua tensão diminuía: parecia que não ia haver problemas.
- Antes da aterrissagem em Akrotirí, em Chipre, Simone chamou um dos comissários e entregou-lhe o tal pacote que tinha guardado com tanto cuidado.
- Isto é para ser deixado na base. Por favor, não se esqueça!
- Tudo bem.
- Mas, alguns minutos depois da decolagem de Akrotiri. o comissário veio até ela, assustado, dizendo que tinha se esquecido de deixar o pacote na base.
- Simone sentiu-se mal e olhou para o selo vermelho em que estava escrito "Prioridade, Akrotiri".
- Os outros problemas eram nada, comparados com aquele.

Não sabia como avisar o capitão e ficou por alguns instantes com o pacote nas mãos.
Armou-se de coragem, pegou o microfone e anunciou:

— Aqui, comissária Clarke falando: sinto muito, senhor, mas tenho más notícias.

— Más notícias?

— Sim, capitão. Tínhamos uma peça prioritária para Akrotiri que esquecemos de desembarcar.

— O quê?

— Sinto muito, senhor... — falou, trêmula.

Ele foi até ela, pálido de raiva, e de nada adiantou o comissário admitir que tinha sido seu esquecimento e sua falta, porque toda a raiva de Travers era dirigida a Simone.

— Compreende que teremos de voltar?

— Sinto muito, senhor.

— Sente! Você sempre sente. E não me venha com choros, porque esse tipo de autopiedade me irrita profundamente!

Quando pretendia responder, viu que ele lhe dava as costas.

Não apenas tiveram que voltar, como também reabastecer. E a demora aumentou a fúria incontida do capitão.

Chegando a Muharraq, Simone levou os passageiros até o hotel de trânsito da Força Aérea e deu por encerrados seus deveres.

Antes, tinha encomendado sanduíches e cerveja para a tripulação, no bar.

— Temos todas as marcas que quiser — disse o *barman*, sorrindo.

— Queria Ansdale. É para o capitão!

— Justo essa não temos. Serve uma outra? Ele beberá qualquer uma, aposto.

— Espero!

— O que é isso? — gritou Kent, quando lhe serviram uma Daresburg.

— Sinto muito, senhor, mas eles não têm a sua marca de cerveja preferida e não pude fazer nada.

Mesmo quando não estavam em serviço, Simone não conseguia esquecer que ele era seu chefe. Sentou-se junto aos comissários Greg e Miles, para um bate-papo, esforçando-se para ignorar a presença de Kent. Nesse momento, outra tripulação entrou no bar e Simone reconheceu seu querido capitão Holmes.

— Curly! Estou tão contente de ver você! — ela falou, usando o apelido dele.

Não reparou no rápido olhar de desaprovação que Kent deu aos dois.

— Simone! Que surpresa agradável. Você fica mais linda a cada dia que passa!

— E você ainda é o maior galanteador do planeta! Kent acompanhava a conversa, interessado, e ela sentia uma satisfação enorme em demonstrar sua amizade com o antigo chefe. Com seu jeito descontraído, Holmes disse;

— Que danado! Você tem a melhor comissária da Força Aérea.

— Acha mesmo? Então, deve haver algum segredo para tirar o melhor dela, coisa que não consigo. Preciso de seus conselhos.

— Não entendi, Kent!

— Sabe o que é? O capitão Travers não é da mesma opinião a meu respeito. Acha que sou a pior da Força — respondeu Simone, prontamente.

— O quê? Não acredito. É melhor explicar.

Houve, de repente, um estranho silêncio no grupo. Para surpresa de Simone, Kent não ficou à vontade para falar de seus defeitos diante dos outros.

George quebrou o silêncio chamando Jeff, o engenheiro da outra tripulação.

— Jeff! Não vejo você há anos. Onde tem andado? Venha sentar com a gente.

— George! Como é que vai cara?

Os dois começaram a falar de máquinas, viagens e motores. Depois de poucos minutos, Miles protestou:

— Chega por hoje! Vamos fechar as portas do hangar, minha gente,

A brincadeira trouxe de volta a alegria e a descontração para a mesa e os dois capitães esqueceram o ligeiro desentendimento a respeito da competência da comissária Clarke.

Finalmente, bastante cansada do longo vôo, Simone deu boa-noite, depois de combinar ir à praia na manhã seguinte com Bárbara, a comissária de Holmes.

— Já vai? — perguntou Holmes.

- Estou morta, Curly. Vejo você amanhã. Bárbara disse que vão ficar na ilha por uma semana.
- Isso mesmo. E vocês também, pelo que Kent me disse. Vamos jantar no Hotel Gulf amanhã, que tal?
- Ótimo! Será como nos velhos tempos! — falou, depois de olhar de relance para Travers.
- É lógico que vai ser como nos velhos tempos, e acho que vou reservar todas as suas noites livres antes que alguém mais o faça — Curly continuou, animado.
- Maravilha! Mas agora vou dormir.
- Vá, querida, e tenha lindos sonhos — falou, com os olhos fixos nela.
- Boa noite, Curly. Boa noite, pessoal. — E, olhando para Kent de uma maneira desafiadora, disse:
- Boa noite, senhor.

CAPÍTULO II

O azul intenso do mar de coral ofuscava a vista e Simone colocou os óculos escuros ao sair do mar.

- Que delícia! A água tão quentinha! — disse, sentando-se ao lado de Bárbara.
- Quentinha?
- É claro. Senão, o coral não se desenvolveria.
- Fico boba como você sabe de cada coisa!
- Estudei geologia e estou esperando, ansiosamente os resultados dos exames de um dia para o outro.
- Geologia? Parece estranho. E onde vai usar esses conhecimentos todos?
- Se tudo der certo, quero trabalhar para uma companhia de petróleo.
- Espertinha! Quer trabalhar onde existe realmente dinheiro, hein?
- Acho que o dinheiro nada tem a ver com isso, o importante mesmo é a gente fazer o que gosta.
- Fale sobre o coral — pediu Bárbara, virando-se para tomar sol nas costas, — Não é uma rocha, é?
- É uma rocha, sim. Mas é um tanto complicado. Sabe, a rocha é formada por fósseis de coral e muitos outros microorganismos que vão se depositando em camadas, à procura de alimento.
- Nossa! Quer dizer que é uma coisa viva?
- O coral não pode sobreviver exposto ao ar. Qualquer recife que você ache acima do nível do mar está morto.
- Se não vive acima do nível do mar. como é que esse coral veio parar aqui?
- Deve ter sido formado abaixo do mar e depois ergueu-se com os tremores da terra, que sempre existem, mas são tão leves que a gente não percebe.
- Mas você disse que o mar deve ser quente. Por que, se o coral só nasce nas profundezas?
- Nas profundezas não, na plataforma logo abaixo do nível do mar. A água é morna e sempre tem que ser límpida.
- Como aqui na ilha?
- Isso mesmo.
- Uma ilha pode ser inteirinha de coral?
- É claro, e são lindíssimas. O solo é formado dos mais variados tons de verde.
- Bárbara sentou-se, olhando Simone com admiração.
- Não fazia idéia de que geologia era tão fascinante.
- As pessoas não costumam se interessar por essas coisas. O que é uma pena, porque as rochas são a base da vida. Praticamente tudo o que usamos vem da rocha, da pedra. Até a carne. O gado não pode existir sem comida, e sua comida vem do solo, que é feito de rochas.
- Caramba!
- Simone riu gostosamente.
- Que alegria toda é essa? — alguém perguntou.

— Curly! — exclamou Bárbara.

Mas Simone olhava para Kent, que a examinava com aqueles olhos verdes perturbadores. Corou, pois sua presença a embaraçava.

— Podemos nos juntar a vocês? — perguntou Holmes, com um largo sorriso.

— Mas é claro!

Eles estenderam as toalhas ao lado delas.

— Pode-se saber por que estavam rindo tanto? — perguntou novamente Holmes.

— Simone estava me dando uma verdadeira aula sobre o coral e gozando a minha ignorância.

Simone invejou a amiga, que tinha se dirigido a Kent tão à vontade e conseguido dele um sorriso amistoso. Ela, pelo contrário, era obrigada a conviver com o pior lado dele, o arrogante e sarcástico.

— Ah, é mesmo! Você ainda está estudando geologia?

— Acabei de fazer meus últimos exames, mas ainda não sei como me saí, Curly.

De relance, percebeu uma expressão de interesse não habitual no rosto de Kent, mas ela logo desapareceu.

— É claro que vai passar: você se esforçou tanto! — Simone espera conseguir emprego numa companhia de petróleo — explicou Bárbara.

— Muito interessante. Mas não tem pena de parar de voar?

— Já voei bastante.

— Espero que consiga, Simone. Você merece.

— Obrigada, Curly. Assim que souber o resultado do exame, eu aviso

— Vou entrar na água de novo. Quem me acompanha? — Bárbara perguntou.

Holmes se levantou.

— Eu vou!

Subitamente, Simone se viu a sós com Kent. Só que, desta vez, não tinham nada a se dizer. O silêncio que se instalou foi mais desagradável do que as broncas que ele costumava lhe dar. Afinal, tentou quebrá-lo de qualquer maneira:

— Já entrou na água? Está maravilhosa, não?

— Muito agradável, sim.

— Temos sorte de estar aqui por uma semana!

— Temos? Conheço lugares melhores!

— Claro que há lugares melhores. O que tentei dizer é que há lugares em que o mar é frio como na Inglaterra.

Simone imaginou que ele devia estar pensando em Nicósia, em sua fabulosa herança e na companhia de frete que comprara. Talvez até numa linda casa, cheia de criados.

Sentindo que ele não tomaria a iniciativa de continuar a conversa, comentou;

— Eu não gostaria de morar para sempre na Inglaterra!

— Mas não vai precisar morar, vai?

— Se conseguir o emprego que quero, irei para o Oriente Médio por um tempo.

— Tanto quanto o emprego durar, não é?

— É isso mesmo. Com esse tipo de trabalho, nunca se sabe se vai durar ou não.

— Sabe que os homens costumam ter preferência nesses empregos? Instintivamente. Simone levantou a cabeça, desafiando:

— Mulheres podem ocupar cargos e fazer a maioria dos trabalhos tão bem quanto os homens. Felizmente, os patrões estão descobrindo isso.

— A maioria dos trabalhos? — Kent olhou para ela, sarcástico. Simone sentou-se, tão irritada que esqueceu que ele era seu chefe e se arriscou a dizer:

— Não tenho tido muita sorte desde que comecei a trabalhar com o senhor. Com o capitão Holmes as coisas sempre corriam muito bem.

— Como eu disse, ele deve ter algum segredo para conseguir esse milagre.

Simone ficou furiosa consigo mesma por provocar o assunto.

— Sinto muito. Sei como esses pequenos imprevistos são irritantes. — Pequenos imprevistos? Você considera a nossa volta para Akrotiri como um pequeno imprevisto?

— Dei o pacote para um dos comissários. Foi a minha terrível falta de sorte que fez com que ele o levasse e trouxesse de ..volta no bolso. Estava com ele o tempo todo!

— Você era a responsável. Era sua obrigação verificar se o pacote tinha sido desembarcado.

Não havia perdão. Kent Travers não desculpava a ineficiência. Simone suspirou alto e Kent, rindo sonoramente, disse-lhe que não sentisse pena de si mesma.

— Não estou sentindo! Nunca me sinto assim!

— As mulheres — ele falou, depois de um curto silêncio — têm sempre autopiedade. Elas cometem os erros mais estúpidos e depois adotam ares de mártires para com quem as repreendeu, fazendo com que a pessoa se sinta um patife.

— Imagino que esieja se referindo exclusivamente a mulheres que teve sob o seu comando!

Ele concordou:

— Minha experiência com mulheres incompetentes e choronas é apenas profissional.

Simone não fez comentários. Imaginava que tipo de noivo ele teria sido. Ela gostaria de uma intimidade espiritual e completa num noivado, o que seria de todo impossível com um homem frio e austero como Kent Travers. Não desculpava a noiva dele por sua conduta leviana, mas achava que ela tinha tido muita sorte em escapar daquele casamento.

Olhou para Bárbara e Holmes que saíam do mar, mas sua atenção desviou-se para os pescadores que vinham com peixes na rede e os arremessavam numa cesta.

Bárbara deitou-se na toalha a seu lado.

— Isso é que é vida! Secando as pernas. Holmes sugeriu: — Que tal almoçarmos juntos?

— É uma boa idéia. Que lugar você sugere?

— Sugiro o Moon Plaza Hotel, onde a comida é divina!

Depois do almoço se separaram, porque as moças queriam fazer compras. Bárbara queria lembranças locais e Kent desaconselhou, dizendo que normalmente as coisas eram importadas de seu próprio país.

— Pensei que os nativos fizessem cestas e vasos! — falou Bárbara. — Pérolas são os únicos produtos locais; querendo, dêem um giro por aí, para ver se têm sorte. Encontro você no bar do hotel às sete e meia, Simone. OK? — disse Holmes.

— Estarei lá.

Enquanto perambulavam pelas ruas, olhando as lojas, Bárbara comentou:

— O que é que você tem que eu não tenho? Ele nunca me chamou para um programa.

— Talvez porque seja o seu chefe.

— Ele nunca saiu com você quando trabalhavam juntos?

— Saiu, sim — disse Simone com uma expressão estranha.

— Não leve isso a sério, eu não ligo mesmo. Aliás, tenho um namorado que ficaria louco se soubesse que saio com todos os rapazes daqui. Nós nos conhecemos há cinco meses e ele não vê a hora de eu largar esse emprego. E você, não tem um?

— Nada sério, somos amigos.

— Não é muito satisfatório, é?

— Acho que é o que nos convém.

Pararam para apreciar as pérolas de diversos tamanhos e tipos, trazidas pelos mergulhadores.

— Que lindas!

Compraram um colar de pérolas, depois foram ao Mercado do Ouro, saindo com broches de filigrana e uma bela pulseira para Bárbara.

— Amei o passeio e estou feliz por ter encontrado você, Bárbara!

— Eu também. Se bem que seria bem mais divertido com companhia masculina.

As duas riram.

Algumas horas depois, Simone e Holmes se encontraram no Gulf Hotel. A elegância do casal atraía olhares. Simone sentiu que estava num de seus melhores momentos.

Quando chegaram ao bar do hotel, ele perguntou:

— Você não parece estar indo bem no trabalho corno antes.

Era um assunto delicado. Antes de responder, Simone tomou um gole do drinque. Depois, sorriu:

— Você é o responsável, porque me estragou com os seus elogios, quando era meu chefe.

— Uma resposta brilhante e diplomática. Aliás, como você. Sabe, querida, estou um pouco preocupado com você. Por que Kent acha que é ineficiente?

— Ele não disse isso!

— Ele não disse nada, mas, reunindo os fatos, concluí que ele não está nem um pouco satisfeito com você.

— Estou numa fase péssima agora, Curly. Por exemplo: ontem esqueci de desembarcar um frete prioritário. Tivemos que voltar. Foi terrível! Só espero que o que está me acontecendo seja passageiro.

— E ele brigou com você. Bem, eu teria feito o mesmo.

— Foi uma tremenda falta de sorte. O comissário esqueceu de deixar a encomenda... e Kent ficou louco. Eu não o culpo. Sabe, tenho cometido um erro atrás do outro desde que trabalho com o capitão Travers.

— É uma pena mesmo, porque ele costuma ser bem popular com os subordinados, e com você a frieza é gritante. Por isso resolvi me meter. Eu, particularmente, gosto muito dele! Será que posso fazer algo para ajudar?

— Obrigada pelo interesse, Curly, mas acho que não há muito o que fazer. De qualquer forma, minha posição não é das piores. Ele não é vingativo e nada de mal vai me acontecer!

Simone não quis contar a respeito da ex-noiva e de sua semelhança com ela. Pararam de conversar para escolher o que iam comer. Curly então perguntou:

— Vocês não vão trabalhar juntos por muito tempo mais, não é?

— Não, não vamos. Aliás, ouvi dizer que o capitão Travers vai deixar a Força.

— Não é boato, não, é fato, mesmo. O sortudo herdou uma fortuna!

— Parece que vai comprar uma companhia de frete.

É isso mesmo. O tipo da coisa que eu gostaria de fazer, quando me retirasse.

Logo depois, o garçom levou-os a uma mesa perto da janela, de onde podiam apreciar o jardim de palmeiras e a piscina iluminada, onde havia muita gente nadando. E não falaram mais em assuntos desagradáveis.

— Passei uma noite maravilhosa. Obrigada, Curly — disse Simone. descendo do táxi e voltando ao Hotel Britt.

— Obrigado digo eu. Você é sempre uma ótima companhia. Simone seguiu o olhar dele e viu Miles e Kent olhando para ela,

enquanto desciam também de um táxi.

— Alô, Simone! Você está um estouro! Não quer tomar um drinque com a gente? — disse Miles, assobiando.

Ela sentiu em Kent o mesmo olhar de aprovação e corou.

— Acho que vou para a cama, Miles.

— Cama, agora? Por que tão cedo?

— Já é tarde!

— Bobagem! — E, indiferente aos protestos dela, praticamente arrastou-a até o bar.

CAPÍTULO III

Um mês depois, a história se repetia. Simone estava de novo no alojamento da Força Aérea em Sedenlowe e ouvia os planos do capitão Travers para outro voo até o golfo Pérsico.

Como antes, teve que ficar, depois que os outros saíram.

— Parece que temos tido mais sorte ultimamente. Será que posso confiar em que as coisas continuem assim, comissária?

— Espero que sim, senhor.

— Não. pretendo ter que voltar por nenhum motivo, desta vez! Simone estremeceu: ele não tinha necessidade alguma de voltar ao assunto. Achou mesmo bastante indelicado da parte dele. Indignada e ferida, respondeu:

— Não costumo cometer o mesmo erro duas vezes, senhor! Inesperadamente, Kent recebeu a resposta com um certo ar de diversão, o que irritou mais Simone.

— Até admito isso, comissária. Mas... infelizmente, você tem uma fantástica capacidade de cometer erros novos!

Ela corou e cerrou os punhos de raiva. Seu gesto despertou a atenção de Kent.

— Capitão Travers, o senhor tem me cobrado certas culpas e responsabilidades que fogem totalmente do meu controle. Sinto muito ter que chamar sua atenção para isso, mas não posso mais continuar ouvindo calada suas impertinências.

— Quanta autopiedade!

— Não, não é autopiedade. É autodefesa.

Foi bruscamente interrompida pelo soco que o capitão deu na mesa.

— Não me interrompa quando estiver falando! Simone desviou o olhar, mas ficou em silêncio.

— Agora, pode ir, comissária.

Suspirou aliviada quando a porta se fechou atrás de si. Quanto antes saísse daquele lugar, melhor. Não aguentava mais!

Às três horas da tarde, tinha que se apresentar para uma entrevista em Londres com o representante da companhia petrolífera onde esperava trabalhar.

Vestiu um discreto terninho esporte azul e apresejou-se pontualmente. Foi levada até um escritório suntuoso, onde era esperada por dois homens: um senhor, e outro poucos anos mais velho do que ela. A entrevista levou meia hora: passou por uma verdadeira sabatina, mas nada foi decidido. Receberia uma carta resposta, como era hábito, informaram.

Quando saiu, acompanhada por Bill Forben, o mais jovem dos dois que a entrevistaram, foi convidada para um chá.

— Seria uma ótima oportunidade para nos conhecermos melhor, já que, no futuro, trabalharemos juntos!

— Trabalharemos juntos? Consegui o lugar?

— Não é oficial, mas pode estar certa de que será seu.

— Que maravilha! Obrigada por ter me falado, sr. Forben. Gostaria muito de aceitar o seu convite.

Durante o chá, Bill Forben falou do seu trabalho com a companhia e sobre outras coisas que eram do interesse de Simone. Inclusive que ela faria vôos periódicos de levantamento topográfico no deserto.

— Pelo visto, você já conseguiu! Posso ver na sua cara! Tem a mesma expressão de quando fez seus exames! — falou Linda, quando se encontraram mais tarde.

— Ainda tenho que esperar uma carta, mas Bill... o sr. Forben, que é com quem vou trabalhar, me adiantou que o emprego é meu.

— Felizarda! Bill, hein? Já estão se tratando pelo primeiro nome?

— Bem, ele me levou para tomar chá e conversamos o bastante para esta intimidade. Satisfeita?

— Mais ou menos. Como ele é? Atraente? Bonito?

— Moreno de olhos azuis, bronzado, alto, simpático, e tem um lindo sorriso. Quer a verdade? — disse Simone, um tanto corada. — É realmente um homem superatraente. Principalmente depois...

— Depois de Kent Travers, não é?

— É claro! Ele dará um chefe bem diferente. Bill será bem mais agradável de se conviver, e a minha vida vai melhorar muito depois que eu deixar o capitão!

— Você já pensou na hipótese de se encontrar com ele fora daqui, querida?

— Deus me livre! Nem pense numa coisa dessas, Linda! Quando sair, espero nunca mais pôr os olhos nele novamente!

— Você o detesta mesmo!

— Você sentiria o mesmo, se trabalhasse sob suas ordens.

— Felizmente não corro esse perigo, porque ele vai sair mais ou menos no mesmo período que você.

O vôo para o golfo Pérsico começou com um tempo tempestuoso, mas logo depois acalmou, perto de Chipre. Deixando a ilha, Simone tomou como sempre as providências com a comida, tirando-a do freezer e instruindo as aeromoças sobre a refeição seguinte. Enquanto isso, deu um giro até a cabine de comando para saber qual dos pilotos pretendia comer primeiro.

— Eu vou. Tem frango? — perguntou Miles. — O senhor também quer frango, capitão Travers?

— O que mais você tem? — perguntou Kent a Simone.

— Bife.

— Então eu prefiro.

Como sempre, as aeromoças atendiam aos passageiros enquanto Simone cuidava da tripulação. Alguns minutos depois de o capitão ser servido, ele irrompeu na cozinha, onde Simone estava fazendo café.

— Eu pedi bife! — falou bruscamente, enquanto ela o olhava incrédula.

— O senhor recebeu bife... — Sua voz murchou assim que viu que ele tinha nas mãos o recipiente com frango.

— O... o código deve ter sido trocado. Os recipientes são... codificados, como o senhor sabe — gaguejou, desculpando-se. Não podia acreditar que, por uma extrema falta de sorte, tivesse cometido outro erro.

Ele sabia que o procedimento correto seria aquecer a comida e entregá-la com o recipiente ainda fechado, e tudo o que Simone deveria ter feito era guiar-se pelo código escrito na tampa.

— Eu lhe reservei... eu lhe reservei o que pensei serem os bifes.

— Reservou? Você quer dizer que não tem mais? — perguntou, agressivo.

— Não... não temos mais, senhor. Estou tão sentida: desculpe-me, sim?

Seus nervos estavam à flor da pele. Aquela era a última refeição do voo e não havia mais nada a bordo para ser servido ao capitão.

— O que mais você tem aí?

Ele deixou a comida em cima da pia e Simone não ousou levantar os olhos.

— Só temos queijo e biscoitos, senhor.

— Queijo e biscoitos! Que beleza de refeição!

— Não há outra coisa. . .

— Será que você percebe que temos ainda três horas de voo pela frente?

— Justamente por isso, senhor, estou tão chateada. Não sei o que dizer. . .

— E que, até que eu coma algo decente, fará exatamente oito horas que estarei de estômago vazio?

Ela teve que concordar, muda e humildemente.

— O senhor vai querer o queijo? — Simone tentou mais uma vez. Ele deu um profundo suspiro.

— Faça-me uma xícara de café! Acho que pelo menos isso você deve saber fazer direito.

Tão logo chegaram ao Hotel Britt, Simone deixou os outros e foi para o quarto. Sentia-se cansada fisicamente e um tanto assustada.

— Depois de um dia desses, algo de horrível ainda vai acontecer, estou certa! — murmurou, dirigindo-se ao banheiro.

Naquela noite, foi jantar com Dawn, uma colega, no Hotel Gulf. Enquanto elas tomavam drinques no bar, Miles e Geoff aproximaram-se e as convidaram para dançar.

— Não vi você entrar, Simone! — Miles disse, ao chegarem à pista.

— Acabamos de chegar. Aliás, uma turma enorme do Britt. Os outros ainda estão no bar.

— Vão jantar aqui, não vão?

— Vamos, é claro.

— Vou conseguir do garçom que reúna algumas mesas. Assim, fazemos uma festa!

— E. . . o capitão Travers está aqui? Vai jantar conosco? Miles riu da pergunta.

— Mas é claro! O homem está faminto. Esqueceu? — Por favor, Miles, seja discreto!

— Não acredito que ainda esteja esquentando sua cabecinha com a história dos bifes. Ou está?

— Tive o maior azar, Miles. Ele me deixa tonta. Nada explicaria eu ter apanhado o recipiente errado. Aposto qualquer coisa que aquele era o único que estava com o rótulo trocado. — Fez uma pausa. — O que realmente me preocupa agora é que algo de terrível está para acontecer! É o que pressinto!

— Bobagem. Como assim? — Como ela não respondesse, ele continuou: — Pare de pensar naquela maldita refeição. Já passou e o que está feito não volta atrás. Portanto, esqueça.

— Até a próxima vez! — ela disse, num tom fatalista.

— Aposto que Kent já esqueceu.

— Ah, não. Não sei de onde você tirou isso. Ontem, ele até voltou ao assunto do pacote que trouxemos de Akrotiri de volta na última viagem.

— Sabe, Simone, acho que você leva as coisas muito a peito e se liga muito nelas — falou sorrindo e carinhosamente. — Vou ver se consigo que o garçom junte as mesas para o jantar. Vai ver como até lá todo o seu mau humor e depressão já terão passado.

Miles tinha razão. A companhia estava animadíssima.

Foi um jantar delicioso. Kent pediu um bife enorme e terminou a refeição com um doce, coisa que não era de seu costume comer.

Como só havia homens na mesa, as moças não pararam de dançar. Kent dançou duas vezes com Dawn e, apesar de Simone não esperar que ele a convidasse, sentiu-se desconsiderada.

Observava, enquanto Kent dançava com Dawn, e reparou que era ótimo par. Os dois conversavam e riam. Não havia dúvida de que o homem era muito atraente e simpático. . . com os outros.

Miles interrompeu seus pensamentos:

— Estou contando a Hugh sobre o seu trabalho. Ele está morrendo de inveja.

Hugh era o engenheiro do mesmo avião que Dawn. Ia deixar a Força Aérea depois de dezoito meses e ainda não sabia se se acostumaria novamente à vida civil, depois das viagens e aventuras a que se acostumara durante seu tempo de serviço.

— Eu também tinha dúvidas — disse ela. — Por isso senti que estudando geologia teria uma ótima perspectiva de arranjar um emprego interessante.

— Vou pensar nisso. Apesar de que acho um pouco tarde agora — falou Hugh, pensativo.

— Já faz mais ou menos três anos que Simone vem estudando, não é? — perguntou Miles.

— Eu estava com vinte anos, quando comecei o curso e. . . — Virou-se, sentindo que Hugh olhava para alguém atrás dela: Kent estava lá.

— Vamos dançar, Simone?

Ela ficou tão surpresa e embaraçada que não notou os olhares divertidos do resto da tripulação. Tentou recuperar-se e levantou-se, acompanhando Kent até a pista. Na realidade, não queria dançar com ele, mas não podia recusar. O que teria acontecido para convidá-la?

A noite já estava chegando ao fim. Aliás, alguns já tinham voltado para o hotel. Talvez Kent tivesse percebido que não era muito educado dançar com uma das moças e não com a outra, É, devia ser isso mesmo!

Agora, levando-a pela pista e tentando escapar de um casal que ameaçava esbarrar neles, falou:

— Simone, ouvi dizer que conseguiu o posto que estava querendo. É verdade?

— Tive a entrevista ontem. — Sentiu-se acanhada e mentiu: — Estou esperando uma carta.

— Quer dizer que ainda não tem certeza? Pelo pouco que andei ouvindo, achei que você tinha se saído muito bem.

— A pessoa com quem vou trabalhar garantiu que o lugar é meu, mas para ter uma certeza absoluta preciso receber a confirmação por carta.

A segurança com que falava foi diminuindo à medida em que Kent se interessava pelas suas palavras. Não estava habituada, naquelas reuniões sociais, a ser tratada assim por ele. Em todas as ocasiões anteriores, era apenas parte do grupo e ele não lhe dera muita atenção.

— Vai trabalhar para alguém em particular? — falou, olhando-a fixamente, e Simone sentiu-se embaraçada porque notou sua expressão irônica e soube no que estava pensando. Com certeza, Kent duvidava de que ela tivesse mais sucesso no futuro do que tinha agora, trabalhando com ele. Pensou em repetir, pela milésima vez, que sempre se dera bem com o capitão Holmes, mas... de que adiantaria?

— É, vou trabalhar com uma pessoa, um homem, a maior parte do tempo.

Ele ainda a encarava, observando cada detalhe de seu rosto com o mesmo olhar irônico que a incomodava tanto.

Será, pensou, que está me comparando com a ex-noiva? Será que esteve realmente apaixonado?

Não podia imaginar como seria Kent envolvido emocionalmente. Era demasiado frio e machista. Quando um homem se envolve com uma mulher, tem que relaxar e deixar-se levar pela suavidade e pela ternura do amor, porque a mulher é por natureza calorosa, sensível e romântica.

Mas Kent era machista e agressivo e ela sentia por instinto que ele devia considerar uma fraqueza de sua parte demonstrar ternura e carinho. Talvez tivesse ficado assim, endurecido, devido ao trabalho que exigia dele atenção e precisão.

Ficou surpresa quando foi levada, delicadamente, até a porta aberta.

— Está quente! — foi só o que Kent conseguiu dizer como explicação.

Olhou para ele, estranhando: com o ar condicionado ligado, era mais provável que a temperatura estivesse bem mais amena dentro do que fora do salão. Mas não ousou dizer nada. Além do mais, a atitude dele a deixara curiosa.

O jardim estava perfumado e o ar era refrescante. Talvez devido às águas do golfo Pérsico que, refletindo o céu estrelado, pareciam um cenário encantado. As palmeiras dançavam ao vento suave e a lua salpicava tudo de prata.

Simone arriscou um olhar para o companheiro e achou-o carrancudo, sombrio. Nunca tinha visto aquela expressão nele. Ela o conhecia como disciplinado e tirano, mas carrancudo, nunca!

— Fale-me de seu trabalho. — O pedido foi feito em tom de ordem.

— Eu mesma ainda não sei o suficiente. Vou trabalhar num laboratório algum tempo, se bem que também voarei. Por enquanto, é tudo o que sei — falou, sorrindo para ele. — Tenho sorte, porque adoro voar.

Kent respondeu, pensativo, como se falasse consigo mesmo:

— É maravilhoso voar... levantando antes do amanhecer, a decolagem com as primeiras luzes cinzentas, e depois aquele espetáculo indescritível que é ver o nascer do sol lá de cima. O mundo inteiro é seu quando você se eleva acima das nuvens.

Ele não estava com ela. Simone olhava fixamente para o rosto dele, atordoada com aquele novo aspecto nunca antes revelado de sua personalidade.

Houve silêncio e preocupação. Para Simone, a situação ficava cada vez mais irreal e tensa, mas não ousava dizer nada para não quebrar o encantamento e tirá-lo da abstração. Como era estranho estar com Kent Travers, seu superior, sentada no jardim do hotel, embevecidos os dois com a magia de uma noite tropical.

Era um ambiente de romance, de beijos roubados e novas descobertas! Uma hora para o amor! Começou a fantasiar e, rapidamente, resolveu dar uma basta nos devaneios. Mas, apesar de seus esforços, não conseguia se controlar nem evitar que o coração batesse acelerado.

Tentou falar, mas não achou o que dizer. Então, sentou-se corretamente e crispou as mãos. Por que estava ali com Kent? O que poderiam duas pessoas, que até agora tinham vivido em pouca harmonia, encontrar para compartilhar naquela noite tropical? Sua garganta estava seca, e os nervos, tensos. O que significavam as sensações estranhas que tomavam conta de si?

Simone não conseguia explicar seus sentimentos, nem suportá-los. Então, virou-se para Kent e disse:

— Não seria melhor voltar para dentro com os outros?

— Os outros? — Ele deu uma olhada no relógio. — Já está na hora de voltarmos ao Britt. Vou chamar um táxi.

— Um táxi para dois.. . eu vim com Dawn — ela lembrou. Mas, enquanto falava, ouviu o alegre bate-papo e o barulho dos carros que partiam do hotel. — Ela já foi...

Seus nervos estavam à flor da pele. Kent não se mexeu, nem falou. Simone olhou-o timidamente e repetiu:

— Dawn já foi!

— Que importância tem? Como disse, vou conseguir um táxi para nós.

Ele estava inclinado sobre ela e, quando se levantou, seus rostos ficaram próximos. Instintivamente Simone se afastou, com o coração ainda mais acelerado.

— Venha — ele disse e ela se levantou. Mas nenhum dos dois tomou a iniciativa de sair do jardim. Pareciam hipnotizados por aquele momento mágico. Ficaram parados, bem juntos.

Era inacreditável que não conseguisse se afastar de Kent. O que estava acontecendo com ela? E com ele? Por quê? Simone tremia, sentindo prazer e medo ao mesmo tempo, uma espécie de ansiosa expectativa. Uma brisa gostosa veio do mar, fazendo com que as palmeiras se agitassem, e levou até eles o agradável perfume das flores.

Quando Kent segurou sua mão, ela não ficou surpresa. Fazia parte da magia do momento e da estranha irrealidade de estarem, pela primeira vez, em completa harmonia. Ainda assim, conseguiu sussurrar:

— É uma loucura. ..

E a loucura arrastou-a irresistivelmente para os braços dele. Seus lábios encontraram-se numa procura desesperada. Simone correspondeu, com uma ânsia que nunca havia sentido. Estava completamente dominada pela força do abraço de Kent, por seu poder másculo.

O abandono a que se entregou fez com que Kent se tornasse ainda mais ardente: apertou-a de encontro ao peito, como se nunca mais fosse deixá-la ir. Ela se sentia incapaz de resistir.

Passou muito tempo até que ele a soltou; seus olhos verdes tinham perdido aquele brilho frio. Quando falou, parecia um outro homem, de sangue quente e apaixonado.

— Simone. . . você é linda! Sempre a achei linda.

De repente a magia desapareceu e Simone compreendeu: ele a beijara por causa da semelhança com a noiva.

Furiosa e humilhada, soltou-se dos braços dele e correu de volta ao hotel. Kent logo a alcançou, perguntando, assustado, o que havia de errado.

— Odeio você! — Ela tremia. — Já odiava antes, mas não era nada em comparação com o que sinto agora. Como ousou me beijar? Como?

Surpreso com aquela explosão inesperada, ele demorou para responder:

— Que diabos deu em você?

— Você é detestável! Pensei que fosse, pelo menos, ura cavalheiro!

Sua voz vibrava de raiva e só quando Kent deu uma gargalhada é que Simone percebeu como estava sendo ridícula.

— Você é maluca! Queria que eu a beijasse. . . Não tente negar, Simone. Não pode. Não, da maneira como as coisas se passaram; você não ofereceu nenhuma resistência.

Sua voz era zombeteira e seu olhar mostrava como se divertia com a situação. Simone ficou com os olhos cheios de lágrimas e tentou virar a cabeça para esconder a vergonha. Engolindo em seco, disse, no mesmo tom formal que sempre usava com ele:

— Quer fazer o favor de chamar o táxi?

Desejou de todo o coração não ter ido ao Hotel Gulf naquela noite. Tarde demais. Odiou Dawn por ter insistido tanto para irem lá. Nunca se sentira tão envergonhada na vida. Nem tão indefesa.

Entrando de novo no hotel, Simone ficou de lado, esperando que Kent chamasse ou mandasse chamar um táxi para eles. Já no táxi, foram em silêncio pelo Causeway, construído sobre as fundações, de coral para unir as ilhas de Bahram e Muharraq, onde ficava o Hotel Britannia.

O silêncio foi quebrado um pouco antes de chegarem ao hotel.

— Por que tão ausente, Simone? Ainda de mau humor?

— Acertou, ainda estou de péssimo humor!

— Tolice, não acha? — Havia zombaria em sua voz e Simone mordeu o lábio. — Mulheres são tão estranhas! Elas querem atenção e fazem tudo para serem notadas, depois adotam esse ar de indignação. Todas se comportam exatamente do mesmo jeito: são transparentes.

— Elas também são bastante honestas, capitão!

— Quer dizer que eu não sou? — falon, virando-se. — Preciso de uma boa explicação para isso! — A frase soou como uma ordem.

— Não é honesto fingir — disse, antes de perceber que poderia ser mal interpretada.

— Houve fingimento da sua parte. . . talvez.

— Da minha? De que maneira fingi, de que forma? Ele deu um suspiro de impaciência.

— Nós dois fizemos o que tínhamos vontade de fazer naquele momento. Eu simplesmente admito isso, mas você, não. Esse protesto, por exemplo: qual é o sentido dele, afinal? Essa atitude que você tomou contra mim, como se eu tivesse me aproveitado da ocasião como um patife. Como já disse, você é maluca!

Ainda mais ferida em seu orgulho, Simone respondeu:

— Tem o hábito de beijar moças pelo prazer do momento?

— Você alguma vez encontrou um homem que não fosse assim? — falou, rindo da pergunta.

Simone corou e ficou em silêncio por alguns momentos. Depois, disse:

— Quando falei sobre honestidade e fingimento, não quis dizer o que você pensou.

— Não?

Ela engoliu em seco e tentou encontrar as palavras. Finalmente disse:

— Você me beijou, capitão Travers, porque eu me pareço com a sua ex-noiva.

Seguiu-se um longo silêncio, cortado apenas pela respiração aflita de Kent. Será que ela o havia tocado tanto, ou tinha atingido algum ponto crucial? Simone sinceramente esperava que sim.

Apesar do desejo vingativo, sentia um certo temor. Não devia ter dito aquilo. Afinal de contas, Kent Travers era seu superior e podia criar muitos problemas para ela. Mas foi surpreendida pelo que ele disse:

— Como, pode me explicar, você sabe que é parecida com a minha ex-noiva?

— Alguém no alojamento reparou na minha semelhança com ela. O táxi parou e o motorista abriu a porta. Simone desceu, seguida por Kent. O motorista recebeu seu dinheiro e foi embora, deixando-os de pé lá fora, na escuridão, porque devido à hora já tinham apagado as luzes do Hotel Britannia.

— Ah, entendo! — Kent falou por fim, demonstrando sua irritação em saber que tinha sido alvo de fofoca no alojamento dos sargentos. Olhou para Simone, muito sério, e não falou mais até entrarem. Depois, num tom impessoal que costumava usar quando estavam em serviço, disse: — Boa noite, comissária.

Simone ficou chocada, sentindo um nó na garganta. Seu rosto pegava fogo e virou-se para escondê-lo.

— Boa noite, capitão.

Subiu a escada para o quarto. Quando fechou a porta, viu através da fresta a sombra dos pés dele e, depois, quando passou, ouviu-o assobiando baixinho.

Estava intranquila. O incidente e o que houve depois não saíam de sua cabeça, incomodando-a e fazendo-a sentir-se muito envergonhada. No fundo, entendia o que havia acontecido. A fantasia da situação em que Kent Travers não parecia aquele homem impessoal que costumava ser como seu chefe... O fascínio da lua e do mar... A magia da noite tropical... Tudo isso e um homem sem dúvida nenhuma bastante atraente.. .

O que ele estaria pensando dela? Aparentemente, tinha se divertido e zombado, mas no íntimo poderia estar sentindo desrespeito por ela. Agira como uma maluquinha qualquer. Não era melhor que as outras. Podia até ser que ele pensasse que poderia ter feito com ela o que quisesse.

Não poderei mais encará-lo!, pensou.

Mas, como tinha ainda cinco meses para trabalhar com ele, é claro que teve que arranjar coragem para enfrentá-lo.

CAPÍTULO IV

Apesar dos temores de Simone, nada de terrível aconteceu nos cinco meses restantes de serviço. De fato, aquilo era inesperado, quase um milagre. Kent continuava brusco e impessoal no relacionamento, mas nunca mais mencionou o incidente no Hotel Gulf. Parecia ter esquecido completamente.

Despediu-se de Simone dois dias antes de ela deixar a Força Aérea, porque ele e a tripulação iam para o Oriente Médio e não voltariam antes de uma semana. Estavam a sós na sala da tripulação e Kent estendeu-lhe a mão de uma maneira fria e desinteressada.

— Boa sorte no novo trabalho.

— Obrigada, senhor. Eu também lhe desejo sorte no novo trabalho.

Sentia-se pequena perto dele e ficou inexplicavelmente triste. Ele também estaria deixando a companhia em duas semanas.

— Obrigado. — Seguiu-se um silêncio.

Simone ficou surpresa pela dificuldade que Kent tinha com as palavras. Um pouco depois ele disse:

— Você parece inclinada a seguir carreira. Não tem planos de casar? Pensei que tivesse um namorado.

Ela olhou para as mãos, em silêncio, lembrando-se daquele beijo e de sua vergonhosa falta de controle. Era estranho e injusto que um homem pudesse se deixar levar pelo ardor do momento e uma mulher, não.

Não que Simone estivesse habituada a perder o controle. Aliás, o incidente no jardim do hotel tinha sido o primeiro, embora soubesse que, no momento certo, saberia resistir. Mas a atitude que Kent tomou para com ela, desde aquele dia, foi a de mal disfarçado desprezo.

— Mathew é apenas um bom amigo. Nunca pensamos em casamento.

Kent olhou para ela com ar de dúvida.

Será que ele me acha leviana?, pensou, com um suspiro infeliz.

Três meses depois Simone foi visitar os pais, que moravam perto de Brighton. Saíram para fazer compras, e na volta Simone estava guardando os pacotes na cozinha, enquanto a mãe preparava uma salada para o jantar, quando a sra. Clarke começou com as queixas de sempre:

— Como eu gostaria que você voltasse para casa, querida! Tenho três filhos e raramente os vejo. São todos errantes!

Simone sorriu e lembrou-a do que ela costumava dizer:

— Viajem, todos vocês. Não serão suficientemente instruídos, se não tiverem viajado.

— Foi isso mesmo, admito. Mas não quis dizer que vocês viajassem para sempre! Cindy está no Canadá e o porquê dela ter que estar lá para ser uma babá eu realmente não entendo! Há muitos trabalhos melhores aqui! Depois, o Stephen, de carona pela Europa, Deus sabe onde. Nunca sei onde ele está, na maior parte do tempo! — Colocou a salada na mesa. — E aquele rapaz da Força Aérea, vocês não iam se casar?

— Não vou me casar com ninguém por enquanto, mamãe. Estou contente com o meu novo trabalho e não pretendo mudar de vida, pelo menos durante alguns anos.

— Alguns anos? Estará velha para casar daqui a alguns anos! Simone riu, dizendo que faltava muito para ser velha, ainda mais para o casamento.

— Ainda não sei se quero ficar amarrada a uma casa o dia inteiro. — Mas, apesar de falar com convicção, suas ideias eram um tanto confusas. Sabia que era idiotice, mas se surpreendia frequentemente pensando em Kent Travers e no incidente em Bahrain. Compreendia agora que Kent havia despertado algo nela, desde o começo.

E depois que se separaram foi mais difícil ainda tirá-lo da cabeça: quanto mais tentava esquecer, mais insistente se tornava aquela imagem. Ele não era para ela, sabia disso; portanto, não adiantava ficar pensando. Seu trabalho era interessante e absorvente e tinha todas as condições de fazê-la esquecer o ex-chefe.

— O casamento não é uma prisão hoje em dia — a mãe disse, interrompendo os pensamentos de Simone.

— Talvez não — concordou, fechando a porta da geladeira —, mas o casamento prende, apesar de tudo, e ainda não estou preparada para ser presa.

— As coisas são tão diferentes agora! — falou a sra. Clarke, com um dar de ombros. — Quando eu era jovem, morríamos de medo de ficar para titia.

— Então, por isso casavam com o primeiro que aparecia.

— Não quis dizer isso. Eu não peguei o primeiro que apareceu.

— Estou muito feliz que não. Senão, eu não teria um pai tão maravilhoso. . .

— Alguém está falando de mim? Fico contente que você reconheça a sorte que tem — disse o sr. Clarke, vindo do jardim e sorrindo carinhosamente para a filha.

Simone sorriu também, mas a mãe deu um olhar de desaprovação ao marido.

— Dave! Estava lá para fora outra vez sem chapéu?

— Não ligue para o que ela diz, querida. Sua mãe está ficando velha e ranzinza.

— Quero ser levada a sério, sim. Dave, você também não acha que já passou da hora e que Simone precisa pensar em casar?

— Bem. . . seria maravilhoso ter um monte de garotos me chamando de vovô.

— Não perca as esperanças. Ainda tem Cindy e Stephen. Stephen estava com apenas dezenove anos e era um namorador.

— Você é a mais velha — o pai a lembrou. — E, como mamãe falou, devia pensar em casamento. — Sentou-se na copa e pegou o cachimbo. — E Biil? Parece um ótimo rapaz e gosta muito de você, sem dúvida. Quando é que ele vem aqui?

— Amanhã. Vai ficar uma semana e depois voltaremos para Londres juntos, no domingo à noite.

— Ele gosta daqui, não é? Disse que se divertiu muito, na última vez.

— Que bom que você o convidou — a sra. Clarke interrompeu. — Concordo com o papai, ele é um ótimo rapaz. — Olhou em volta, procurando algo, e Simone deu-lhe a saladeira. — Você já pôs a mesa, querida?

— Já. Vou cortar o pão.

— Conte-me sobre esse projeto de viagem, Simone. Pelo que entendi, é uma pesquisa aérea no deserto, não é? — perguntou o pai.

Simone concordou com a cabeça e a mãe perguntou, antes que ela respondesse:

— Num desses aviõezinhos? — Naturalmente.

— Não gosto disso, Simone. Eles nunca me pareceram seguros. Quer dizer, não como os maiores.

— São perfeitamente seguros, mamãe. Se não fossem, a companhia não os usaria.

— Acho você muito corajosa. Eu nunca entraria numa coisa daquelas. Quantos passageiros levam?

— Cinco. Pelo menos, este em que vamos. — Já viajou nele?

— Não, mas estive com o piloto, que me contou tudo a respeito.

— E, outra coisa. . . — falou a sra. Clarke, um tanto ansiosa. — Tem aqueles árabes. Eles não são como nós, você sabe. Têm haréns. . .

— E o que tem isso? — perguntou o marido. — Simone não pretende casar com um árabe!

— Os árabes que conheci são boa gente. São calorosos e muito amistosos.

— Nas cidades, talvez. Mas, e aqueles beduínos?

— O que há com eles?

— Com um trabalho como o seu, você poderia ficar em sérias dificuldades no deserto. . .

— Agora essa! Por que eu ficaria em dificuldades no deserto?

— Já aconteceu muitas vezes.

— Não acho que precise se preocupar com isso, mamãe. Prometo não sofrer uma pane no deserto, fique tranquila.

Bill chegou no dia seguinte, antes do almoço, e foi muito bem recebido pelos pais de Simone.

— Leve-o para o quarto dele, Simone. É o quarto que dá para o pomar — falou a sra. Clarke.

Bill sorriu para ela e foi buscar a mala.

— É formidável estar aqui. Sabe, Simone, acho o seu pessoal maravilhoso em me convidar.

— Mamãe e papai adoram ter visita. Além disso, acham você um perfeito marido em potencial para mim.

Subiram a escada e, quando chegaram ao quarto, Bill falou:

— Não contou a eles o que eu disse?

— O que você disse? Não me lembro. Simone foi até a janela e abriu-a.

— Eu disse, se é que não se lembra mesmo, que já estou desistindo de convencê-la a casar comigo, ou mesmo ter um caso.

Simone riu e abriu uma gaveta.

— Eles ficariam horrorizados com a última sugestão e botariam você porta a fora imediatamente.,

— Muito bem, vou esperar mais um pouco — falou, resignado.

— Todas as gavetas estão vazias, e também o armário. Quer que o ajude a guardar as suas coisas?

— Obrigado. — Passou-lhe o casaco para pendurar. — Sabe, Simone, não vamos viajar num dos nossos aviões. Tivemos que fretar um avião de uma companhia particular.

— Uma companhia particular? — perguntou, agitada.

— É. E sabe o que mais? Conheço o dono. Não é uma coincidência? Estivemos na mesma escola e ele foi da Força Aérea até pouco tempo atrás. . . O que há, Simone? Você está bem? Ficou pálida de repente.

— Esse homem. . . qual é o nome?

Por que perguntar? Simone sabia perfeitamente o nome.

— Kent Travers. Um ótimo sujeito. Vai gostar dele. Ela engoliu em seco.

— Vou gostar dele? Por quê? Onde o encontrarei? Ele não está pilotando o nosso avião, está?

— Não, claro que não. Teremos que pegar o avião em Nicósia, mas ele nos convidou para ir à sua casa.

— Nós?

— Todos nós, claro. . . você, eu e o fotógrafo.

— Você. . . disse a ele o meu nome? Bill fez uma cara de surpresa.

— Não, por que diria? Ele sabe que somos dois homens e uma mulher, naturalmente. Alguma coisa errada?

Ausente e distraída, ela segurou a maçaneta da porta. Ver Kent de novo, quando tentava desesperadamente esquecê-lo! Ser sua convidada, quando ele nem sabia que era a ela que estava convidando.

— Não. . . — falou afinal.

Bill ficou em pé, ao lado da maieta aberta, esperando, perplexo, que ela se explicasse.

— Mas.. . Kent Travers foi meu capitão durante o meu último ano de serviço.

— Foi? Então, por que o olhar sombrio? Vocês terão muito o que falar.

Simone sorriu amarelo.

— Estivemos longe de ser amigos, Bill. De fato, nunca nos demos bem.

— Não posso entender que alguém não se dê bem com Kent ou com você. Muito estranho!

— falou, pensativo.

— Acredito que fosse porque eu me pareço muito com a ex-noiva dele e lhe trazia más recordações, porque ela o abandonou. Talvez tenha ficado chocada com a semelhança e, a partir daí, foi sempre frio e impessoal comigo. É tudo!

Vendo que a expressão do amigo mudava, explicou;

— Ele não era hostil: pelo menos, não me dava essa impressão. Mas tudo o que eu fazia estava errado e. . . Bem. acho que antipatizamos à primeira vista. A nossa relação nunca foi aquele coleguismo e amizade que existem na Força Aérea entre os tripulantes. . . principalmente quando estávamos de folga. Com o meu outro capitão, tivemos uma ótima vida social e eu, como qualquer outro, podia chamá-lo pelo apelido. Não foi bem assim com o capitão Travers. Nunca me senti à vontade para relaxar com ele. . . — Sua voz enfraqueceu, quando lembrou a única vez em que se trataram com intimidade. . . Depois tentou afastar as lembranças e saiu.

Viajaram para Nicósia, e encontraram Kent no escritório da companhia. Simone e Kent se encararam por alguns segundos. Ele ficou apenas surpreso, enquanto que o silêncio de Simone demonstrou falta de confiança. Se fosse com o capitão Holmes, ela o teria recebido com entusiasmo e seria correspondida. Não como com Kent.

— Então, nos encontramos novamente Simone. — Kent estendeu-lhe a mão. — Sabe que eu estava desconfiando de que minha convidada era você?

— Foi mesmo? — Sua boca secou e ela tossiu. Ele riu de seu evidente nervosismo. — Achei que a idéia talvez lhe ocorresse.

— Fiquei surpreso quando Simone me contou que trabalharam juntos — Bill falou. — Acho que vocês terão muita coisa para recordar — acrescentou, apesar do que Simone tinha dito. Virou-se para Martin, o fotógrafo, e apresentou-o a Kent.

Martin era um homem de meia-idade e não tinha muita saúde. Sofria de dificuldades respiratórias.

— Foi muito amável em nos convidar esta noite, capitão.

— É um prazer enorme!

Será que foi por mero acaso que os olhos de Kent evitaram os dela, quando disse aquilo? Talvez não. Não devia começar a fantasiar sobre o convite.

Kent levou-os até o setor turco, depois passaram pelos bosques montanhosos, cortando a cadeia Kyrenia, antes de saírem na linda cidade de Kyrenia, do lado norte da ilha. Depois de viajarem alguns quilômetros, chegaram ao vilarejo de Ayios Epiktitos.

Da estrada avistaram, lá no alto, uma típica casa cipriota, branca e moderna, com varandas e pátios ensolarados e uma vista magnífica para as águas azuis e profundas do Mediterrâneo. Um lado da casa estava ainda sobre estacas. Kent dirigiu até lá e todos desceram.

Era o começo de maio e o finzinho da primavera ainda coloria as montanhas e os campos com o amarelo das margaridas, o vermelho das papoulas e a beleza dos gladiólos.

— Já estive antes em Chipre? — O olhar de Kent passou por Simone e Bill e parou sobre Martin, que logo concordou. — Então nenhum de nós é estranho ao lugar! — Ele caminhava ao lado de Martin, enquanto subiam os degraus que levavam até a casa.

Da sala de visitas, a vista era estonteante. Imediatamente abaixo da praia dourada havia um caminho estreito que levava à cidade, ladeado de flores campestres e árvores frutíferas ainda verdes. Limões e laranjas, com folhas de um verde vibrante, contrastavam com a monótona folhagem verde-acinzentada das oliveiras. Abaixo estava a praia, banhada de sol. Era uma das praias mais populares da costa norte. Mas, naquela época do ano, estava deserta: a temporada começava em junho. No entanto, Simone pediu licença para tomar um banho mais tarde.

— É uma casa maravilhosa — Bill observou, olhando pela janela. — Você a comprou, não foi? Sempre achei que era impossível comprar uma casa em Chipre. Pensei que tivesse de ser construída.

— Normalmente se constrói, porque, como você diz, raramente há casas à venda aqui. Mas tive sorte, porque o pessoal que a construiu resolveu não ficar na ilha. Não é exatamente o que eu queria, mas farei as alterações em breve.

— E fica bem perto de Nicósia. Você teve sorte, Kent, muita sorte mesmo!

Kent virou-se para uma jovem cipriota que tinha entrado na sala em resposta ao chamado do sino que ele tocara.

— Júlia, quer levar a srta. Clarke até o quarto que preparou para ela?

— Sim, sr. Travers. — Júlia examinou Simone dos pés à cabeça e sorriu para ela. — Sua bagagem, senhorita?

— Todas as malas ainda estão no carro. Peça a Michael para trazê-las — informou Kent.

— Sim, senhor.

— Depois de mostrar o quarto da srta. Clarke, volte para levar nossos convidados ao quarto deles.

— Sim, senhor.

Uma hora depois, o almoço estava servido. Quando tomavam café, no pátio, Bill aproximou sua cadeira da de Simone para poder colocar o braço no encosto. Era um gesto natural, mas ela, ao notar o olhar estranho de Kent sentiu como se estivesse fazendo alguma coisa errada.

Devia retribuir o olhar dele com indiferença e não ligar para a sua opinião, fosse qual fosse. Mas, em vez disso, corou feito uma tola e virou a cabeça para esconder o embaraço. Depois de algum tempo, tentou olhar para Kent, que conversava com Martin, mas ele se mostrou totalmente indiferente. Simone levantou-se e, com um sorriso forçado, disse:

— Vocês se importam se eu for nadar um pouco?

— Nadar? Em maio? — perguntou Bill. — Estamos em Chipre!

— A água ainda não está bastante morna.

— Não para você talvez. Para mim está perfeita.

— Como sabe?

— De experiências passadas, é claro. — Olhou para Kent, como se pedisse licença.

— Por que me incomodaria? — ele respondeu, desconcertando-a.

— Sou hóspede na sua casa. Seria indelicado sair sem pedir. —

Sabia que ele não se importaria. Muito pelo contrário, desconfiava de que Kent preferisse mesmo ficar livre de sua presença.

— Não, Simone, não me importo mesmo. Mas a praia não é tão perto daqui como parece.

Ela olhou para baixo.

— Não há uma passagem direta?

— Não, não há. A gente tem que usar a estrada e a distância é de mais ou menos um quilômetro.

— Não é longe para andar. A que horas é o chá? Não me importo de chegar atrasada.

— Em geral, tomamos chá às quatro e meia, cinco horas. Jantamos às oito e meia. — Kent parou, ao ver que Júlia o chamava.

— Telefone, sr. Travers.

— Desculpem. Levantou-se e entrou na casa.

Os três conversaram e Simone ainda estava lá quando Kent voltou, pálido. Ela pressentiu algo errado, mesmo antes que ele falasse.

— Sinto muito, Martin, mas a viagem não pode ser feita amanhã, como planejamos.

— Não? Não entendo. . .

— Minha secretária acaba de ligar, dizendo que o seu piloto sofreu um acidente de carro e está no hospital.

— Então, não temos piloto?

— Posso levá-los. Mas não amanhã. Na verdade, ainda não sei quando poderei. — Parou um pouco para explicar que Ian, o piloto, era um grande amigo e que, naquele dia, a mulher o abandonara. Na opinião de Kent essa era a causa do acidente. Ian era considerado o mais cuidadoso dos motoristas.

— O pouco que minha secretária soube é que ele bateu numa árvore, na estrada. Naturalmente não estava em condições de dirigir, depois de ser deixado pela mulher... — Parou de falar, de repente.

Simone não acreditava no que via: o imperturbável Kent Travers estava descontrolado, quase em choque.

— Há duas crianças, e decidi que vou ficar com elas até que Ian saia do hospital e possa arranjar alguém para tomar conta delas.

— As crianças virão para cá?

— Minha secretária, a srta. Benson, vai trazê-las logo, porque estão sozinhas em casa. Antes disso, naturalmente, vou até o hospital ver Ian. — Ele estava lívido e não era difícil adivinhar que sentia ódio daquela mãe que havia abandonado a família.

— É inacreditável o que algumas mulheres são capazes de fazer — Martin disse, com desprezo.

— Não essa mulher! Eu me surpreendo é que tenha ficado tanto tempo com Ian! — Kent falou com tanto ódio e veemência que Simone estava realmente assustada. Ele não poderia demonstrar mais fúria se estivesse envolvido.

Kent fez um gesto de desculpa com as mãos e retirou-se, dizendo que estaria de volta para o jantar. Disse também que depois cuidaria do vôo e pediu a Bill que telefonasse para a companhia, resolvendo se queriam outro avião ou se podiam esperar um ou dois dias mais.

— Obrigado, Kent, farei isso. Acho que será difícil conseguir outro avião em tão pouco tempo. Será mais conveniente esperar que você resolva os seus problemas. Poderemos arranjar um hotel. Não queremos dar mais trabalho ainda, num momento difícil como este. . .

— De jeito nenhum! Vocês vão ficar aqui. Nem quero ouvir tamanho absurdo!

Do quarto, Simone observou o carro de Kent, que saía pelo portão do jardim. Seguiu-o com os olhos enquanto ele corria pelo caminho estreito que levava a Kyrenia.

Mais tarde, foi dar um mergulho, mas sentiu-se desanimada e logo voltou para casa.

— Você não demorou! — Bill e Martin estavam ainda no pátio, lendo.

— Não há clima para relaxar. Não consigo deixar de me preocupar com a situação em que Kent está envolvido.

— É desconcertante mesmo — concordou Bill, trazendo uma cadeira para ela.

— Não vou me sentar ainda, Bill. Preciso de um banho. Além disso, acho que as crianças devem chegar logo.

Quando Simone voltou ao pátio, os dois homens tinham saído para dar uma volta. Logo depois ouviu um carro parando e, olhando para o jardim, viu uma moça alta e elegantemente vestida que descia, seguida por duas meninas que pareciam um tanto desconfiadas e assustadas.

— Vamos! O que vocês estão olhando? Vamos, já disse! — A voz da mulher era ríspida.

As crianças a seguiram, relutantes, dando corridinhas cada vez que ela olhava para trás, com impaciência. Aproximou-se da casa, com um andar decidido, parecendo acostumada a estar ali. Simone observava, inclinada na cadeira, e não gostou da mulher.

Mais tarde, ouviu que conversava com Júlia:

— Então, trouxe as crianças não é srta. Thora? O sr. Travers mandou que a esperasse e disse para eu cuidar delas, até ele voltar.

— Já sei de tudo. Ele falou comigo pelo telefone, lembra?

— Sim, srta. Thora.

— Catherine, Vicki, venham! Vão ficar com Júlia até o tio Kent voltar.. .

— Quero meu pai... — começou uma das crianças.

— Não seja boba! Meu Deus, vai chorar, na sua idade?

— Ela só tem cinco anos — falou a outra criança, indignada. — Está chorando porque mamãe foi embora e o papai está no hospital. Nós não queremos ficar aqui!

— Vamos, não chore! Tomarei conta de você até o seu tio voltar. Ele foi ver o papai e contará tudo, quando chegar. Venha, menininha, deixe-me secar os seus olhos — Júlia falou calmamente.

— Júlia, pare de paparicar essa criança tola! Catherine, tome conta de sua irmã. Acho que umas boas palmadas nela não fariam mal!

Uma onda crescente de ódio trouxe cor ao rosto de Simone. Que mulher sem coração! Como podia ter tão pouca psicologia com crianças? Incapaz de continuar ouvindo em silêncio, foi até o hall.

Júlia olhou-a e sorriu, aliviada ao vê-la. Thora virou-se, sem entender.

— Quem é você? — perguntou, insolente, olhando Simone da cabeça aos pés.

Simone fervia de ódio, mas tentou falar num tom calmo e suave:

— Sou uma convidada. Há algo que eu possa fazer?

— Uma convidada! — disse a outra, intrigada, ignorando a pergunta. — Kent disse que estava esperando um grupo que tinha fretado um de seus aviões. Por acaso, você. . .

— Há dois homens e eu! — Simone interrompeu, olhando para as duas crianças: uma estava com os olhos úmidos, e a outra, vermelha de raiva. Tinha o braço ao redor da irmã e cochichava suavemente em seu ouvido.

Simone sorriu. Mesmo a mais velha era quase um bebê.

— Perguntei se há algo que eu possa fazer.

A outra pareceu que ia dar uma resposta mordaz, mas lembrou-se a tempo de que Simone era convidada de seu patrão.

— Não acho que Júlia precise de ajuda. Obrigada, senhorita. . . — Clarke. Simone Clarke.

— Bem, obrigada por se oferecer, srta. Clarke, mas não há necessidade de se expor ou de se envolver nessa ridícula. . . nessa situação infeliz. Júlia, já preparou o quarto das crianças?

— Sim, srta. Thora. O sr. Kent mandou.

— Bom. — Seus olhos azuis ainda estavam sobre Simone. Olhos frios, carregando uma inconfundível sombra de inimizade.

Thora Bensoo era, sem dúvida, a mulher menos atraente que Simone já encontrara. Não fisicamente, pois era até bonita. Corpo esbelto, pernas longas e bem-feitas. Pele sedosa e olhos de um azul intenso. Cabelo louro e liso, preso de um lado com uma fivela de pérola e solto do outro, caindo no rosto. Sem dúvida, uma ótima aparência, mas quanto veneno sob o verniz! Simone sorriu daquela ironia.

Notando o sorriso, Thora perguntou em tom ríspido:

— Posso saber o motivo da graça, srta. Clarke?

— Eu apenas sorri de mim mesma, srta. Benson. E dos meus pensamentos.

A outra ficou vermelha. Virando-se para Júlia, disse: — Vou embora, agora. Olhe as crianças e veja que elas não escapem.

— Sim, srta. Thora.

Thora dirigiu-se para a porta.

— Vai sair sem tomar um refresco? — Simone falou mecanicamente. Estava quente e era costume servir uma bebida gelada às visitas.

A moça ficou tão indignada com a pergunta, que chegou a corar.

— Srta. Clarke, estou suficientemente em casa para pedir um refresco, se quiser!

Simone engoliu em seco, sem entender o porquê daquela reação. Poderia ser uma ponta de ciúme? Não interessava. Não tinha nada a ver com o relacionamento de Thora e Kent.

CAPÍTULO V

No momento em que Thora saiu, as crianças começaram a chorar. Simone pegou-as pela mão, levou-as até o pátio, colocando duas cadeiras juntas, e sentou-as lá. Pediu a Júlia que trouxesse três copos de limonada e sorvete.

— Eu. . . não quero. . . nada para beber. . . — Vicki soluçava, agarrando-se à irmã. — Quero meu pai.

Simone pegou-a e sentou-a nos joelhos.

— Tio Kent foi ver o papai. . . você sabe, não é?

— Sabemos, sim, mas também queremos ir com ele. Papai está muito triste, sabe? — Olhava para Simone de uma maneira amistosa. — Você vai levar a gente até o papai?

— Não é possível, Catherine. . . desculpe, queridinha. Talvez você possa ir até o hospital assim que o papai começar a se sentir melhor.

Vicki tinha parado de chorar e Simone secou seus olhos, sorrindo e falando com ela de maneira suave;

— Papai não gostaria de ver você triste assim, Vicki. Vamos, quero ver o seu sorriso.

— Sabe, é também por causa da mamãe — falou Catherine. — Ela foi embora de casa e o papai não sabe onde encontrá-la. Você sabe onde ela foi?

Simone ficou engasgada.

— Não, querida, não sei onde sua mãe está, mas ela vai voltar logo. . .

— Ela não vai, não! Papai foi procurar e não achou ela. Ela se perdeu. . . — Catherine começou a chorar e Vicki foi solidária e também chorou.

— Vamos, queridas, vocês não devem... — Simone abraçou as duas, até que se controlaram. — Bom, assim está bem melhor! Vocês vão estar sorridentes quando o tio Kent voltar, não é? — Catherine concordou e se deixou levar até a cadeira, para tomar o refresco e o sorvete que Júlia tinha trazido numa bandeja.

— Tio Kent é bonzinho. Ele brinca com a gente e compra presentes.

— É mesmo? Conte mais sobre ele. — Os olhos de Simone brilharam.

— Ele é grande e ri, e joga a gente no ar e agarra depois. Sabe, é uma delícia quando ele joga a gente pra cima! — contou Vicki, ainda no colo de Simone, com a cabeça descansando no peito dela.

— É uma delícia quando ele nos pega, também — falou Catherine, provando seu sorvete e desenhando sobre ele com a ponta do biscoito. — Você acha que vai cair, mas não cai! — Olhava para Simone, já sem aquele ar assustado. — Sabe, ele me deu esse medalhão. . . que tem o retrato da minha mamãe. Você quer ver?

— Quero, sim. Posso abrir?

— Vou abrir para você, por causa do fecho. Aqui. . . Essa é a mamãe. Não é linda? — A criança curvou-se, segurando fortemente o medalhão.

Automaticamente Simone o pegou, olhando fascinada para a minúscula fotografia incrustada no coração de ouro. Era incrível a semelhança da moça da foto com ela mesma! Assustou-se. Aquela devia ter sido a ex-noiva de Kent. Olhou novamente para as crianças. Nenhuma delas se parecia com a mãe.

— Você acha ela bonita? — Catherine colocou o medalhão na posição correta para poder olhar para a foto. — Seu nome é Catherine, como o meu. Você acha ela bonita? — repetiu a pergunta, com a boca cheia de sorvete.

— Muito bonita.

Mentalmente, Simone repassava a cena da chegada de Kent, depois de receber a notícia por telefone.

Pensara, a princípio, que ele estivesse pessoalmente envolvido... E estava! Mas era incompreensível que fosse tão amigo do homem que tinha roubado sua noiva. Não somente amigo de Ian, como da mulher também. De outra forma, como seria tão chegado às crianças? Ele brincava com elas e dava-lhes presentes; então, era hábito visitá-las.

Simone sentiu-se muito confusa. Querendo desvendar o mistério, achou-se mais perdida ainda. Se Kent era tão amigo de Catherine, então por que antipatizara com ela, Simone, justamente por causa da semelhança entre as duas?

— Vicki, não vai tomar o seu sorvete? — falou Simone.

— Vou, sim, agora mesmo.

— Quer sentar numa cadeira?

— Não, quero ficar aqui no seu colo. — Vicki debruçou-se na mesa, enquanto Simone puxava o sorvete para ela. — Por que você não come o seu?

— Vou comer já.

— Posso pôr um pouco de sorvete na minha limonada? — Catherine perguntou.

— Se quiser, claro que pode.

— Que bom! E como um *milk shake*.

— Você vai pôr na sua limonada? — Vicki queria saber e Simone negou. — Por- quê? Não gosta de sorvete na limonada?

— Hoje não quero. — Houve uma pausa, e então ela perguntou: — Vocês sempre moraram aqui em Chipre?

— Não, só estamos aqui há pouco tempo. Papai veio porque queria pilotar um avião pro tio Kent. Nós morávamos em Yorkshire antes. .. perto da praia. Quem é aquele? — Catherine virou a cabeça e viu Bill, que vinha do pomar.

— Um amigo do tio Kent que vai ficar aqui até amanhã.

— Oi! — Bill acariciou a cabecinha de Catherine. — Como você se chama?

A menina respondeu e, enquanto examinava o rosto dele, perguntou:

— Você é o marido dela?

— Não, querida, não sou. Bem que gostaria!

— Não comece justo agora, Bill. — Simone sorriu. — Tenho coisas mais importantes para fazer do que ouvir suas propostas amorosas.

Ele encarou Simone.

— Minha querida, até agora não fiz mais do que ficar na reserva, desde que pus os olhos em você! No dia em que conseguir dar um passo à frente, darei uma festa também.

— Onde está Martin? — ela perguntou, para mudar de assunto.

— Já vem. Ele encontrou um homem com um burro e parou para conversar. Martin é assim. . . gosta da vida simples.

— E eu gosto dele. Acho que devia casar. Precisa de alguém que cuide dele.

— Espero que você não esteja pensando em se candidatar. EJe tem idade bastante para ser seu avô.

— Pare de maldade, Bill.

— E você, pare de assanhamento.

— Vocês estão brigando? — Catherine interrompeu, um tanto alarmada.

— Não, querida. Por que achou que estávamos brigando?

— Meu pai e minha mãe dizem coisas horríveis um para o outro, como vocês fizeram. . .

Depois, começam a gritar e a brigar de verdade.

Bíl e Simone olharam-se.

— Triste, muito triste — falou o rapaz, dando um suspiro. — Sabe, o estranho é que todos os casais começam apaixonados, muito apaixonados. O que vai mal depois? Pode me dizer?

— O casamento é assustador! — ela murmurou, quase que para si mesma. — Como você disse, eles começam apaixonados e talvez *não* tentem. . .

— Por que deveriam tentar? Se existe amor, deveria haver carinho todo o tempo.

— O amor quase sempre dura pouco.

— Do que vocês estão falando? — Vicki fez Simone rir.

— Você colocou mais sorvete no nariz do que na boca!

— Eu, não! Só um pouquinho. . .

— Está uma graça. Sorvete, bem na ponta do nariz!

— Ela é tão criança! — disse Catherine. — Estou com seis, mas ela tem só cinco anos.

— Tenho mais que cinco!

— Você fez cinco há duas semanas. Eu me lembro, porque nós encontramos o tio Kent em Nicósia e ele comprou uma boneca.

— Terminei. — Vicki empurrou o prato e encostou em Simone novamente.

— Uma bonita cena familiar!

A voz de Bill era um tanto irônica e zombeteira. Simone fez uma careta para ele. Felizmente, o rapaz nunca tinha tentado passar dos limites com ela. Senão, sua posição ficaria difícil. Gostava de seu trabalho: era toda a sua vida e queria que continuasse daquele jeito.

As crianças ainda estavam acordadas quando Kent voltou do hospital Simone continuara com elas no pátio e Bill e Martin, no quarto, trocavam-se para o jantar. Ela mudara de roupa um pouco antes e usava um vestido de algodão fino e alegre. As duas crianças deixaram Simone e correram para Kent, agarrando suas pernas. Com um impulso, ele as pegou nos braços.

Mesmo depois do que as meninas haviam contado, a ternura que Kent mostrou surpreendeu Simone. Sorriu rapidamente para ela, antes de dar toda a sua atenção às crianças.

— Você viu o papai? Ele está bom? — Catherine falou, com o rosto colado ao de Kent. — Ele já vem pra casa?

— Dentro de algum tempo, Catherine. Sabe, ele não está inteiramente bem e você não gostaria que ele viesse para casa antes de estar curado, não é?

Catherine sacudiu a cabecinha energicamente.

— O que ele falou sobre nós? — perguntou Vicki, passando os braços em volta do pescoço dele.

— Mandou muito amor para vocês e disse que sejam muito comportadas com Júlia.

— Seremos sim.

Uma pausa. Depois Catherine falou.

— Podemos ter essa moça boazinha para tomar conta da gente, tio Kent?

Ele olhou para Simone. Ela estava preocupada e franziu o cenho. Kent realmente adorava as crianças. Seria por causa da mãe delas? Aquilo não fazia sentido, principalmente a amizade entre os homens.

— Gostariam que ela cuidasse de vocês? Simone corou com a pergunta.

— Gostaríamos. Ela é carinhosa e me deixa sentar no colo dela — falou Vicki.

— Porque Vicki estava chorando. Eu também chorei, mas não tanto quanto ela, porque ela é menor e estava assustada — explicou Catherine.

— Assustada? Por que Vicki estava assustada?

— Por causa da outra moça que foi nos pegar em casa. Ela não é tão boa como essa.

— Não aponte, Catherine. Isso é feio. — Kent fez uma pausa. — Podem chamar essa moça de tia Simone.

— Que nome bonito! Você é minha tia? — perguntou Vicki.

— Sim, ela é sua tia. — Kent colocou-as no chão e chamou Júlia, que veio imediatamente.

— Júlia, ponha as meninas na cama.

— Não jantamos, tio Kent.

— Não? Bem, não podem ir para a cama sem comer. Júlia vai providenciar.

Foram obedientes com Júlia, mas Vicki voltou e perguntou:

— Essa moça. . . a tia Simone pode subir pra dar um beijo de boa-noite?

Kent olhou para ela, que sorriu e concordou.

— Você fez sucesso com Vicki e Catherine — falou Kent, quando estavam sentados lá fora, depois do jantar. — Gosta de crianças, isso é óbvio.

— Ninguém pode deixar de gostar dessas duas: são tão meigas!

— Meigas... — ele concordou, ausente, e caiu num pesado silêncio.

Estava pensando que poderiam ser dele? Simone sentiu-se deprimida.

Os dois estavam sozinhos no terraço. Bill e Martin haviam pedido emprestado o carro de Kent para visitar um amigo de Bill, que tinha uma casa de verão em Bellapais.

No começo, Simone ficou nervosa; não queria ficar a sós com Kent Travers. Mas nada podia fazer e resolveu aproveitar a primeira oportunidade que aparecesse e escapar, dizendo que estava cansada e queria deitar-se cedo. Parecia, no entanto, que não seria necessário escapar de Kent, porque a conversa fluíu sem a tensão que ela esperava. A atitude dele chegava a ser quase a de um velho amigo.

Talvez porque não seja o meu superior, pensou, se bem que ele lhe inspirasse o maior respeito. Se fizessem o vôo juntos, ele seria o comandante; e, como tal, sua palavra seria lei do momento da partida até a volta para Nicósia. Mesmo Bill teria que obedecer.

— Então, vamos voar juntos novamente... — ele disse.

O tom da voz dele despertou em Simone as experiências passadas. Isto trouxe um leve rubor às suas faces, ao recordar quão desesperadamente pedia a Deus que nada desse errado.

— Eu costumava pensar que você me enfeitiçava — confessou inconscientemente.

— Era o que pensava? — Ele parecia surpreso, mas não indignado. — Você nunca cometeu asneiras, antes?

— Eu lhe disse que não. O capitão Holmes também confirmou a minha eficiência. . . lembra?

— Talvez vocês tivessem mais em comum do que nós.

Kent olhava Simone com um leve ar zombeteiro. Ela imaginou o que ele estaria querendo insinuar. Talvez recordasse o jeito como correspondera àquele beijo e a considerasse leviana. Corou violentamente e desviou o olhar, fingindo um exagerado interesse pela paisagem.

O jardim estava mergulhado num prateado radioso que se espalhava pela colina e através do mar, até as montanhas Taurus, delineadas contra um céu de veludo. Períó, mas em outra direção, um colar de luzes douradas brilhava nas pequenas aldeias no sopé das montanhas da cadeia Kyrenia, que, graciosa e suavemente, contrastava com o outro maciço de Chipre, a grandiosa cadeia Troodos, situada na parte sul da ilha.

— Está muito quieta, Simone.

Essas palavras foram ditas suavemente, mas fizeram Simone pular, pois a noite estava silenciosa e cheia de magia. . . como naquela outra vez.

— Estava simplesmente admirando a paisagem. Adoro esta ilha. Desviando o rosto, ele olhou para as águas.

— O mar está claro esta noite. Mais tarde haverá lua cheia. — Levantou-se. — Vou dar um passeio antes de entrar. Você vem?

Silêncio, tensão eletrizante. Aquela situação era muito parecida com a outra.

— Não. . . estou um pouco cansada. Acho que vou para a cama.

— Como quiser.

Ele se afastou e ela sentiu o coração pesado. Furiosa, admitiu que estava com medo. Não queria passear com Kent, arriscar-se a que acontecesse tudo novamente, passar pela mesma vergonha e humilhação. Não, não queria mesmo passear com ele.

Depois de alguns passos, Kent virou-se e, com um sorriso de compreensão, disse:

— Vamos, Simone. Está com medo de quê?

Sua boca se contraiu e ela engoliu em seco, zangada com Kent e consigo mesma, com sua mente e seu corpo, porque eles estavam todos fazendo a coisa errada. Começou a andar ao lado dele. Kent apontou para as escuras silhuetas das palmeiras contra o céu e, num gesto natural, pousou a mão no ombro dela. O coração de Simone disparou.

Não posso perder o controle, de jeito nenhum, disse a si mesma.

Caminharam em silêncio pelos campos e pela estrada. Tudo conspirava contra ela: o luar prateado, os ciprestes que sussurravam com a brisa, as plácidas montanhas, a praia, o mar escuro e imóvel, o ar pesado, saturado de perfumes exóticos. À distância, o grito de queixa de um burro e a música dos sinos dos carneiros quebravam o silêncio da noite calma.

Em desespero, Simone tentou ignorar tudo aquilo. Mas o contato da mão de Kent não podia ser ignorado.

— Vamos voltar? — ele perguntou finalmente. Sua voz era incerta, quando respondeu:

— Sim, deve. . . estar ficando tarde!

A hesitação dela chamou a atenção de Kent. Ele parou e olhou-a de frente, alto, magnífico e perigosamente masculino.

— Do que você tem medo? — insistiu, com uma ponta de divertimento. Parecia estar brincando com ela.

Simone deu uma risada forçada.

— Medo? Por que eu teria medo?

— Isso é o que me intriga.

— Intriga?

— Bem, você não é exatamente uma garotinha inocente, não é? Seu rosto estava em chamas, mas ela conseguiu responder:

— Como se atreve a dizer isto! E como sabe o que sou?

Ele arqueou uma sobrancelha, como se duvidasse da autenticidade da indignação dela. Ao perceber isso, Simone ficou enfiada. Virou-se para fugir dali, mas seu pulso foi subitamente agarrado com força e ele a obrigou a encará-lo.

— Você é um pequeno demônio tentador, Simone. . .

Seus lábios encontraram os dela. Mas Kent não teve resposta desta vez. Nem dos lábios nem do corpo de Simone, apesar de estarem muito próximos, como na outra ocasião. Ela parou de lutar e, por um segundo, aquela passividade o decepcionou. Então Kent mudou de tática: tornou-se gentil, seus lábios e mãos acariciando mais do que exigindo. Mas Simone encontrou forças para resistir. Finalmente, ele a soltou, tenso.

— Por que não correspondeu? — Seu tom era gelado e a zombaria não estava mais presente em seus olhos. — Você correspondeu da outra vez.

Ela corou, lançando-lhe um olhar ressentido. Mas sua voz foi tão fria como a dele:

— Não é nada cavalheiresco ficar lembrando essas coisas.

— Mas que frieza! E que formalidade. — Kent balançou a cabeça por causa da expressão de dor que viu nos olhos dela. — Não é cavalheiresco da minha parte, então? — Sua voz denotava surpresa. — Está tentando me dizer que estou errado a seu respeito?

— Eu o odeio! — ela falou, tremendo de raiva, e afastou-se.

— É a segunda vez que me diz isso.

Agora a voz dele tinha uma estranha inflexão, e ela não suportaria ter que encará-lo novamente. O jeito como Kent mudava, de uma hora para a outra, fazia com que se sentisse sempre em desvantagem. Por que insistia em torturá-la? Será que tentava se vingar da noiva. Através dela?

Como se tivesse os pensamentos dela, Kent disse:

— Você também falou que eu a beijei porque se parece com minha ex-noiva.
— O que é verdade.

Um sorriso leve tocou os lábios de Kent.

— Acha?

— Estou certa.

Ele suspirou e olhou-a, levantando a cabeça dela

— Você se parece com ela, Simone. . .

— Eu sei. . .

Parou, mas depois, percebendo que devia se explicar, contou que tinha visto a fotografia no medalhão de Catherine.

— E isso fez com que começasse a imaginar como é que tudo aconteceu, não é?

Simone não respondeu. Depois de um longo silêncio, ele começou a falar, soltando o queixo dela e sem olhá-la.

— Você é muito parecida e, ao mesmo tempo, não é parecida. . . Sorriu para ela e algo tocou seu coração. Aquele riso tão suave naquela boca tão dura. . . Nunca tinha visto nada tão atraente. Ser casada com aquele homem. . . seria como estar sempre entre o céu e o inferno.

— Às vezes, fico pensando até que ponto vocês são diferentes — ele falou como que para si mesmo. — Catherine era falsa, leviana, gostava muito de homens.

Simone compreendeu que, depois do primeiro beijo, Kent havia concluído que ela era tão leviana quanto a outra. Mas, vendo sua expressão agora, cheia de dúvidas, soube que ele estava começando a perceber que se enganara.

Kent parecia ter esquecido a maneira brusca e injusta como sempre a tratara. Seus olhos brilharam e um sorriso abriu seus lábios.

Mas, de repente, ele estragou tudo, ficando muito sério e dizendo, com uma rudeza que desconcertou Simone:

— Como você observou, já é tarde. Vamos voltar para casa.

CAPÍTULO VI

Enquanto tomavam café no dia seguinte, Kent explicou aos convidados que se ausentaria por algumas horas.

— Tenho que ver e fazer algumas coisas para Ian e verificar se a casa dele está bem fechada. — Sua voz era ríspida e seu rosto tinha uma expressão selvagem. Não havia dúvida de que pensar em Catherine tinha perturbado sua calma. — Providenciarei para que minha secretária traga as roupas das crianças — disse, olhando para Simone. — Você mencionou ontem à noite que ela tinha trazido só as camisolas.

Simone concordou. Thora nem mesmo pensou em trazer-lhes uma muda de meias; mas se conteve e não mencionou o fato.

— Estava pensando se você poderia tomar conta delas agora de manhã, Simone, já que Júlia tem muito o que fazer. Tentarei conseguir alguém para ajudar aqui, mas talvez demore um pouco. As crianças pareciam muito felizes com você. Então, pensei que podia levá-las à praia. Você faria isto?

— Mas é claro — respondeu prontamente, feliz porque Kent admitia precisar dela, o que era a primeira coisa agradável que ele lhe dizia. — Gostarei de cuidar delas.

As crianças não tinham maiô mas a roupa de baixo era suficiente.

— Eu sei nadar — Catherine contou, indo direto para a água. — Vícki sabe mais ou menos, mas precisa de ajuda, porque tem medo de afundar.

— Então nós teremos que segurá-la, não é?

— Você pode fazer isso, tia Simone, mas eu vou nadar agora... lá! — Lá, não, Catherine. Fique perto de nós.

— Está bem. — A menina deu um mergulho e caiu na risada. — Está vendo? Eu disse que sabia nadar!

Depois de algum tempo brincando, saíram e foram para a areia. O olhar de Simone desviava-se de uma menina para a outra, tentando achar alguma leve semelhança com a mãe,

mas não conseguiu. Ambas tinham cabelos pretos e olhos castanhos, rosto redondo e nariz arrebitado.

— Podemos tomar sorvete? — Vicki apontou para o bar que ficava um pouco afastado.

Simone pegou a bolsa.

— Você não devia pedir — advertiu Catherine. Depois acrescentou; — É porque ela é pequena ainda, tia Simone. Vicki não sabe que não fica bem pedir coisas.

O rosto de Vicki fechou-se.

— Por que é feio pedir? Se eu não peço, a tia Simone não vai saber que eu quero sorvete.

Simone sorriu e deu a cada criança uma moeda, dizendo:

— Vão até lá!

— Você não quer um?

— Agora, não, Catherine. Talvez mais tarde.

Simone olhou-as, voando como o vento até o bar onde havia uma ou duas pessoas sentadas em mesas, agradecidas pela sombra proporcionada pelos vinhedos.

Como esses vinhedos fariam falta em países como o Chipre, pensou. Cresciam como erva daninha, suavemente, acomodadamente, dando proteção contra o sol impiedoso, sem falar em seu fruto delicioso. Vinhedos sempre cresceram selvagens e muitas vezes Simone tinha colhido uvas numa margem do rio ou num campo. As crianças não estavam à vista e esperou, ansiosa, até que reapareceram, acenando para ela, enquanto corriam de volta.

— O meu foi cinquenta — falou Catherine, ofegante, sentando-se perto de Simone. — Mas Vicki quis economizar. Então, o dela foi só vinte e cinco!

Vicki sentou-se e tirou o sorvete da embalagem.

— Vamos dar mais um mergulho? — Catherine perguntou, ansiosa, quando terminou.

— Muito bem. — Simone levantou-se e tirou os óculos de sol.

— Guarde o meu dinheiro, tia. — Vicki entregou. — Eu posso perder.

— Vamos, quero apostar uma corrida! — Ela esperou que as crianças saíssem na frente e depois começou a seguir, mas Vicki parou de repente e correu em outra direção.

— Tio Kent!

Um segundo depois, estava nos braços dele, sendo jogada para cima e para baixo, gritando com um fingido temor.

— Você voltou cedo. Pensei que ia ficar ocupado a manhã toda — falou Simone, assim que ele a alcançou.

Colocando Vicki na areia, Kent sorriu.

— Sabe que horas são?

— Não, mas não é. . . — Olhou, assustada. — Que horas são?

— Uma e meia. Arregalou os olhos.

— Sério?

— Por que você não trouxe suas coisas? — Catherine queria saber, pegando a mão de Kent. — Você podia ter vindo para um banho com a gente.

— Terminou a praia por hoje, mocinha. Você nunca tem fome? — Já comemos sorvete!

— Onde estão as roupas? — Kent olhou em volta e Vicki apontou-as, cuidadosamente dobradas em cima da bolsa de praia de Simone.

— Lá.

— Vão se vestir. — As crianças correram e Kent ficou por um instante olhando para Simone. — Obrigado, estou muito agradecido a você, Simone.

— Bobagem! Eu me diverti muito, mesmo. Prova disso é que o tempo voou e nem percebi.

— É, acho que sim.

Olhava para ela tão fixamente, que Simone encabulou.

— Vou pegar o meu vestido. . .

Ele a seguiu. Enquanto ela se vestia, Kent ficou de joelhos para ajudar Vicki com as sandálias. Simone pôde observar-lhe as mãos e ombros fortes. Ele estava demasiadamente perto e ela se afastou justamente no momento em que Kent ergueu os olhos em sua direção. Claro que ele tinha notado como estava perturbada. Aqueles olhos verdes tinham o poder de mexer com suas emoções.

E agora eles investigavam o rosto dela, como que querendo forçá-la a revelar seus pensamentos.

Pegando as toalhas, Simone dobrou-as e colocou-as na sacola.

— Eu levo — Kent disse, tirando a sacola das mãos dela. — Obrigada.

As crianças se colocaram entre os dois e seguraram suas mãos.

— Uma família de verdade, não somos? — Kent sorriu e virou a cabeça.

Simone concordou, agitada. Ficou aliviada quando Catherine perguntou se ele tinha trazido o carro.

— Está lá. — Indicou o estacionamento.

— Ah! Já vi. Embaixo dos vinhedos. Você teve que pôr na sombra, não foi, tio Kent? Por causa do sol? Papai sempre põe o carro na sombra e a mamãe também. . . — Parou, e Simone observou que o rosto de Kent tinha se enrijecido com os primeiros sinais de raiva ao redor da boca.

— Tio Kent, a mamãe vai voltar? Papai falou que não. . . que ela não vai voltar mais.

Um suspiro e depois a resposta diplomática:

— Temos que esperar para ver o que acontece, não é, Catherine?

— Podemos ficar com você e com a tia Simone, até que o papai saia do hospital?

— Vocês vão ficar comigo, Catherine, mas a tia Simone não mora em Chipre e tem que voltar para casa logo.

Vicki virou a cabecinha para trás e Simone começou a rir, porque a criança parecia uma bonequinha ao lado daquele homem tão alto e forte.

— Não quero que a tia Simone vá para casa. Por que ela não pode ficar com a gente?

— Você fica? — pediu Catherine, antes que Kent pudesse responder.

— Eu gostaria, Catherine, mas não posso.

— Por quê?

— Como o tio Kent acabou de falar, Catherine, tenho que voltar para casa. — Era a primeira vez que Simone usava o nome dele e saiu tão naturalmente que Kent nem percebeu.

Vicki reagiu:

— Por que você tem que ir para casa? Não gosta daqui?

— Gosto muito. . . mas não posso ficar.

Tinham chegado ao carro e Kent abriu a porta traseira.

— Pra dentro, e não mexam nas maçanetas. Simone, que ia entrar na frente, hesitou:

— Sento com Catherine e Vicki?

Kent respondeu que não com a cabeça, colocando a sacola de Simone no canto do banco traseiro,

— Não, elas não vão mexer nas portas, mas eu sempre lembro.

— Sempre? — A pergunta saiu antes que ela percebesse que estava sendo curiosa. Kent deu partida no carro, não parecendo achar nada estranho na pergunta.

— Eu as levo passear, às vezes — foi tudo o que disse, mas Simone lançou-lhe um olhar de relance, cheio de surpresa, Quem imaginaria o formidável capitão Kent Travers bancando a babá de duas menininhas?

Depois do almoço, Catherine e Vicki foram entregues aos cuidados de Julia, enquanto os quatro adultos discutiam a viagem para o deserto. Kent concordou em levá-los na quinta-feira e, como ainda era terça, ficariam em Chipre, como seus convidados. Feitos os planos, Bill e Martin disseram que iam fazer a sesta.

— Vocês vão? Eu ia perguntar se queriam dar um passeio. Vou levar as crianças para a praia. — Olhando para Simone, acrescentou: — Você também vai dormir?

— Não. . .

— Então, vamos. As crianças estão ansiosas.

A praia estava praticamente deserta, como antes. Assim que Simone trocou-lhes as roupas, as meninas correram para o mar. Kent foi atrás delas, mas Simone deitou-se na areia morna, entregando-se ao sol.

Depois de algum tempo, Kent acenou chamando e ela foi até a água. Estava de um azul esverdeado e tão límpida e tranquila como um lago. Simone boiou suavemente, olhando para o incrível céu, salpicado aqui e ali de nuvens muito brancas que indicavam tempo bom.

Gritos e protestos chamaram-lhe a atenção. Kent tinha Vicki nas costas e ameaçava jogá-la na água.

— Vou afundar! — Mas não havia medo em sua voz. — Não, tio Kent. . . não me deixe cair!

— Eu não me importo de cair. Posso subir nas suas costas, tio Kent? — Catherine estava ao lado, agarrada em seu braço. Kent ajudou-a a subir.

Simone observava, fascinada, com uma estranha sensação envolvendo-a. Que pai maravilhoso ele daria. . . e ainda diziam que era um solteirão convicto!

Virando-se, nadou até a praia e sentou-se na beirada da areia, com os joelhos dobrados e o queixo apoiado neles. Depois de algum tempo, Kent saiu com Vicki e Catherine e foram em direção ao carro. Aparentemente para pegar dinheiro, porque as crianças correram logo para o bar. Kent voltou e sentou-se ao lado de Simone, o cabelo molhado pingando nos ombros musculosos e muito morenos.

— Aquelas duas deviam ser meninos. — Ele sorriu, olhando-as. — Prefere meninos?

— Gosto dos dois. — Uma pausa e então acrescentou: — Há algo muito especial com as garotinhas. É uma pena que elas. . . — Parou de falar.

Mas Simone concluiu, levantando ligeiramente o queixo;

— ... Cresçam e se tornem mulheres.

— Eu não disse isso.

— Quase — ela arriscou.

— O que não foi diplomático, não acha?

Ele estava novamente muito perto, mas desta vez Simone não fugiu.

— Você acredita que todas as garotinhas como Catherine e Vicki cresçam e se tornem mulheres como. . . como... — Simone mordeu o lábio, achando que tinha ido longe demais.

— Como a mãe delas? — ele terminou, ríspido.

— Sinto muito. Agora sou eu que não estou sendo diplomata. Esperava que a censurasse, mas ele apenas se limitou a mudar de assunto e não se mostrou ofendido.

— Que tal levar Catherine e Vicki para tomar chá em algum lugar? Acho que será uma festa para elas.

— Seria ótimo.

Simone estava extraordinariamente feliz, mesmo sabendo que poderia ser uma felicidade passageira, que deixaria cicatrizes e saudade.

Pegaram a estrada da costa, passando pelo vilarejo de Ayios Georgios, onde Kent conhecia o proprietário de um café. Ele cumprimentou Kent entusiasticamente e, ao ser apresentado a Simone, deu-lhe um largo sorriso.

— Bem-vinda. Nossa ilha ficou mais linda, agora.

— Obrigada, Davos. Estou muito feliz em estar aqui.

— Essas duas criancinhas... — Com a curiosidade típica do cipriota, Davos queria conhecer bem a situação.

— Convidadas minhas, Davos. O pai delas teve um acidente e está no hospital em Nicósia.

O homem franziu o cenho e olhou, penalizado, para as meninas.

— Mas isso é triste. Apesar de que elas têm o senhor, sr. Kent. Então, isso é sorte para elas.

Kent, Simone e as duas crianças sentaram-se nos bancos altos e não conseguiam decidir o que iam beber.

— Deixe comigo — o homem falou e Kent sorriu.

— Deixo sempre com você, Davos. Mas desta vez insisto em pagar a conta. Não sei como não vai à falência, com essa mania de servir bebida de graça.

— Tenho meus limoeiros. Por que me preocupar com dinheiro?

— Onde mais no mundo você acharia gente como essa? — murmurou Simone, depois que Davos trouxe umas garrafas de limonada para as crianças. — De todas as pessoas que conheci, prefiro os cipriotas. Acho que você tem muita sorte de poder viver aqui. Eu o invejo.

— Gostaria de morar aqui, não é?

Vicki estava rodando no banquinho e Simone, automaticamente, segurou-a.

— Eu gostaria, sim, mas jamais seria possível.

Ele mergulhou num silêncio que a intrigou. Olhava para o espaço, pensativo, e ela o observou, curiosa e levemente ansiosa. Entretanto, Kent não falou e a expectativa só foi aliviada quando Davos voltou.

— Sr. Kent, o que vai beber? Simone, quer um *brandy*?

— Não, obrigada, Davos. . .

— Tome um *hrandy* — insistiu.

— Nós queremos chá. Podemos tomá-lo no jardim? — pediu Kent.

— Mas é claro que podem tomar o chá no jardim. Saladas? Carnes e queijo?

- Seria ótimo.
- Fritas?
- Sem fritas, Davos.
- Muito bem. Mas, antes, você tem que tomar um drinque.
- Tomo um *brandy*, então. Simone, acho bom você tomar o mesmo, que tal?

Enquanto bebiam, Davos e sua esposa, Margharita, preparavam o chá, estendendo uma toalha branca à sombra de uma árvore. Flores cresciam em profusão, mas quase todas estavam em vasos, pois com todos os riachos secos, naquela época do ano, Chipre não tinha água para desperdiçar. Não havia realmente falta, mas a água não era abundante como na Inglaterra. Então, as flores eram frequentemente encontradas em vasos para serem conservadas vivas com o mínimo de água possível. Foi só quando terminaram o chá, e as crianças estavam afastadas, brincando, que Kent disse:

- Ian ficará no hospital no mínimo por quatro meses.
- Tanto? — Seu rosto ficou sombrio. — Tanto assim? Que horror! E você vai ficar com as crianças esse tempo todo?
- Claro. Minha secretária já está providenciando uma ajuda extra para que Júlia possa se dedicar a elas.
- É muito amável da sua parte fazer isso pelo seu amigo — murmurou, com um meio sorriso.
- Surpreendente! É o que você está pensando? Não conseguiu mentir.
- Não podem me culpar por estar surpresa.
- Então, agora que não sou mais seu superior, você se sente à vontade para dizer o que pensa, hein? — ele falou, com uma risada irônica.

Ela concordou, meio sem jeito.

— Sempre me lembrarei de que sou uma hóspede em sua casa — disse, e se arrependeu de ter confirmado a suspeita dele.

- E se não se sentisse assim?

A insistência dele desconcertou-a, como era provavelmente a intenção de Kent.

- Eu realmente não o conheço bem para ficar inteiramente à vontade.
- Você tem me visto somente no trabalho.

O duplo sentido daquelas palavras e a ironia no tom de voz dele fizeram com que Simone corasse.

- A maioria do tempo tem sido no trabalho — corrigiu, desviando os olhos.

Kent gostava de brincar com ela, era evidente; sentia prazer em fazê-la lembrar-se daquele incidente no Hotel Gulf. Como se Simone pudesse esquecer!

- A maior parte?

Ela levantou a cabeça e viu a sombra de um sorriso nos olhos de Kent. Mas ele estava pensativo, como se repassasse as ocasiões em que tinham se encontrado, fora do trabalho. Tinham sido poucas, devido à sua reserva e à sua preferência por companhias masculinas. Quando estavam longe da base, em hotéis no estrangeiro, Kent sempre deixava bem claro que não gostava de sair com mulheres e simplesmente ignorava a presença de Simone. Só depois de um bom tempo ele falou:

— Diga-me uma coisa. . . Sou realmente um monstro? Simone olhou rapidamente para ele, de cara fechada, achando que havia alguma segunda intenção na pergunta. Era como se ele estivesse colhendo informações para referências futuras.

- Você não foi muito. . . gentil...

- Gentileza deveria fazer parte de um relacionamento de trabalho como o nosso?

— Por causa da disciplina, você quer dizer? Acho que se pode ser rígido em disciplina e, assim mesmo, gentil.

Kent encoslou-se na cadeira, mas sua mão permaneceu pousada sobre a mesa.

- Acha-que fui grosseiro, só porque me queixei quando havia motivo para isso?

Ela começava a ficar impaciente. Por que todas as perguntas? Parecia que queria convencê-la de que não era o carrasco que ela havia imaginado.

Mas era óbvio que o arrogante Kent Travers nunca ficaria abalado pela opinião dela a seu respeito.

— Acho que você devia ter feito concessões em certas ocasiões, quando a culpa não era inteiramente minha.

Não obtive logo uma resposta. Viu que Kent pensava no assunto.

Depois, ele falou:

— Talvez você esteja certa, Simone. Poderia ter sido um pouco mais compreensivo.

Ela olhou para ele, sem acreditar no que ouvia. Que coisa estranha, vinda do arrogante e sarcástico Kent Travers! Novamente, ele perguntou:

— Sou mesmo um monstro? Ela não pôde deixar de rir.

— Agora, não — foi a resposta imediata, e Kent sorriu. Simone prendeu a respiração e encarou-o, incapaz de tirar os olhos de cima dele. Se soubesse o que fazia com ela, quando sorria assim!

— Você é muito corajosa, Simone.

— Foi um prazer poder dizer umas coisinhas que estavam engasgadas — brincou.

— Sabe o que eu gostaria de fazer agora? Sorrindo e corada, ela respondeu:

— Atrasar o relógio. . .

— Talvez eu quisesse. . . por um momento ou dois, para poder colocá-la no devido lugar.

— Depois de amanhã — ela lembrou —, você estará de novo numa posição superior.

— Estarei mesmo. . . e me lembrarei dessa sua impertinência.

— E vai me fazer pagar?

Simone aticava-o discretamente e os olhos verdes dele faiscavam, curiosos. Kent não sabia como lidar com ela, descobriu com alegria.

— Com juro, talvez.

Kent levantou-se, olhando o relógio.

— Já está na hora de voltarmos. As crianças estão acostumadas a ir para a cama às seis e meia.

Bill e Martin estavam no pátio quando as duas meninas chegaram e correram para eles.

— Nós nos divertimos muito! — falou Catherine, indo para Martin e sentando-se em seus joelhos. — Adivinhe onde fomos?

— À praia, é claro. A água estava gostosa e morna?

— Uma delícia, não podia estar melhor. — Vicky foi encostar-se nos joelhos de Bill. — E fomos tomar chá depois.

— Foram? Sortudas! Gostaria de ter um tio bom que me levasse para tomar chá.

— Tia Simone também foi — acrescentou Catherine, virando-se para sorrir para Simone, enquanto ela e Kent pegavam duas cadeiras disponíveis. — Foi exatamente como quando saíamos com mamãe e papai, às vezes. . . mas não era sempre com a mamãe. Era mais com o papai. Ou, se ele estava trabalhando, era com o tio Kent. Mas é melhor quando uma moça vem também, não é, Vicki?

— É muito melhor quando uma moça vem. — Virando-se para Kent, Vicki perguntou: — A tia Simone pode ir de novo com a gente?

— Ela tem que voltar para a casa dela — Catherine lembrou, com uma pontinha de tristeza na voz.

Kent lançou um olhar penalizado para Simone, antes de tocar o sino para Júlia, que veio imediatamente

— Veja se as crianças querem tomar leite com biscoitos, Júlia. — Houve um telefonema para o senhor, sr. Kent. Da srta. Thora.

Ela não quis deixar recado, mas disse que era sobre o pai das crianças e que telefonaria novamente já pelas oito horas.

— Às oito?

Kent ficou muito preocupado e logo em seguida desculpou-se e entrou na casa. De onde estava, Simone podia ouvir as perguntas que fazia por telefone. Entendeu que ele ia para o hospital e sua voz ficou mais grave quando disse:

— Desta vez é pior? Como assim? Pode ser algo sério? — Um silêncio, e depois acrescentou: — Vou dar um jeito nisso.

Seu rosto era uma máscara de ódio quando voltou, mas Bill e Martin estavam conversando e só Simone notou.

— Ian está muito doente? — ela arriscou, depois que os dois homens subiram para o quarto para se trocar para o jantar. — Pergunto, porque não pude deixar de ouvir o que você dizia ao telefone.

— Sim, Simone, ele está muito mal. Tem que fazer uma operação muito delicada e espero entrar em contato com um cirurgião que conheço, de Londres. Só ele pode salvar Ian. . . — Kent desabafou e sua boca ficou mais amarga do que antes. — Senão, não sei o que vai ser dessas duas meninas!

Simone não foi capaz de responder imediatamente, porque sentia um aperto na garganta. Quando finalmente conseguiu falar, sua voz estava rouca de preocupação:

— A mãe delas. . .

Calou-se, pois percebeu que a menção à mãe das meninas era o mesmo que agitar uma bandeira vermelha diante de um touro furioso.

— Estou quase certo — disse, por entre os dentes — de que ela jamais chegará perto das crianças novamente.

Thora chegou quando os homens ainda não haviam descido e foi levada até a sala onde Simone estava diante de uma peça de arte chinesa, um tesouro raro, que sem dúvida Kent tinha trazido de alguma de suas viagens. Vírou-se quando Thora e Júlia entraram.

— Já se conhecem! — Júlia sorriu para Simone e deixou-as.

— Boa noite — Thora falou secamente, olhando a moça com insolência. — Onde está Kent?

— No quarto, se trocando. Não deve demorar. Thora sentou-se no sofá, ainda observando Simone.

Vocês vão embora amanhã, *não* é? — É, vamos.

A outra a tratava como a dona da casa diante de uma visita indesejada.

— Deve ter sido uma amolação para Kent acomodar vocês todos, com essas duas crianças sendo jogadas em cima dele justo agora.

Simone não sabia o que dizer. Aquela mulher não tinha um pinga de tato e consideração com as pessoas

— Não acho que ele nos convidaria para ficar, se não quisesse, srta. Benson.

Sentiu-se aliviada quando a poria se abriu e Kent entrou na sala.

— Ah, Kent! — O rosto de Thora se iluminou ao vê-lo. — Espero que não tenha se importado por eu não deixar recado. Senti que você gostaria de saber as notícias diretamente de mim.

Ele sorriu, complacente com um gesto tão tipicamente feminino. Thora torceu as mãos. Parecia um suplicante idolatrando um santuário, e Simone notou uma ponta de desprezo em Kent. A moça faria qualquer coisa por um pouco de atenção. *E* o homem arrogante se sentiria bem, desempenhando o papel de dono e senhor.

Ele percebeu o olhar e os pensamentos de Simone e ficou obviamente divertido.

— A propósito, Thora, liguei para o hospital e eles me deram notícias.

A mulher, que até então parecia ter esquecido a presença de Simone, perguntou:

— Podemos falar em particular, Kent? Surpreendentemente, ele negou.

— Não vejo necessidade disso. A srta. Clarke sabe por que as crianças estão aqui, e sabe que Ian está muito mal no hospital.

Empalidecendo por causa da fria recusa de Kent, Thora lançou um olhar invejoso na direção de Simone, como se ela fosse a culpada pela desfeita.

— Eu ia dar uma sugestão sobre as crianças — começou a falar, hesitante. — Conheço alguém que tem um pequeno internato. . .

— Obrigado pelo interesse, Thora, mas Catherine e Vicki não seriam felizes num internato. Além do mais, prometi a Ian tomar conta delas até que ele saia do hospital. . . até que se restabeleça para tomar certas providências.

— Acredita que ele sairá?

— Espero que sim — foi a dura resposta.

— Matfon disse que ele precisa de uma operação seriíssima e que, mesmo assim, pode não escapar.

— Se eu conseguir o homem que quero... a tempo. , . Ian vai se recuperar muito bem.

Depois do jantar, quando estavam todos no pátio tomando café, Bill aproximou a cadeira da de Simone e colocou o braço no ombro dela. Kent notou imediatamente e Simone, pela primeira vez, ficou zangada com Bill e ainda mais zangada consigo mesma, por deixar que a opinião de Kent a incomodasse.

Thora saiu depois das onze, Kent ofereceu-se para acompanhá-la até o carro e Simone aproveitou para dar boa-noite, dizendo que ia subir para o quarto.

Quando ele voltou, ela ainda estava na varanda, olhando o mar e gozando a noite tranquila e fresca, depois do calor terrível que fizera durante o dia.

A lua estava alta, brilhando sobre a cadeia Kyrenia. As montanhas circundavam praticamente toda a costa norte. Em dois de seus picos brilhavam as únicas luzes: dos castelos de Hilarion e de Buffavento.

Simone ouviu Bill e Martin dizendo boa-noite e retirando-se. Depois, a sombra no terraço mostrou a presença do homem que agora perturbava seus pensamentos mais do que nunca.

Instintivamente quis se retirar para o quarto, mas ele olhou para cima, pressentindo sua presença, e depois de uma rápida hesitação decidiu subir para a varanda.

Tomada de pânico, Simone quis fugir. O que ele queria, vindo até ela na penumbra do jardim? Por que não a deixava em paz? Por que tanto interesse de repente?

— Posso subir?

Pergunta inútil, pois Kent já estava quase lá. Ela conseguiu dizer apenas:

— Lógico.

— Simone — ele falou, depois de breve hesitação —, quero propor alguma coisa a você e quero que pense bem, sem me dar uma resposta rápida e impulsiva. Não quero que se precipite, porque pode ser que me dê a resposta que eu não gostaria de ouvir.

Virou-se para ela, grave. Simone o olhava, sem entender. Então, Kent continuou:

— Sei muito bem que o que vou pedir não é fácil, e tudo o que posso prometer é que você não vai sair perdendo, de forma alguma. Enfim. . . gostaria que olhasse por essas duas crianças, até que o pai delas saia do hospital. . .

Parou de falar e ela notou um certo mal-estar nele.

— As chances de Ian se recuperar são remotas, mas existem. Se ele morrer, você terá que ficar permanentemente com elas. Se viver e decidir levar as crianças para a irmã dele na Inglaterra. . . já tinha me falado nisso. . . ou se a mãe voltar, o que acho muito pouco provável, você estará sem emprego, tendo perdido o que tem agora. No entanto, tenho uma certa influência e posso garantir que conseguirá um trabalho parecido com o que faz.

Simone ficou muda, repassando mentalmente tudo o que ele havia exposto tão calma e claramente. Então, todas as perguntas e o interesse em saber sua opinião sobre ele tinham sido o prelúdio daquele pedido?

Como ele havia dito, a vontade dela foi recusar imediatamente. Havia lutado para conseguir aquele posto na companhia de petróleo e tudo corria tão bem agora, que não devia considerar nem por -um momento o pedido de Kent. Mas, por incrível que pudesse parecer, considerava seriamente a possibilidade de aceitar.

Seria uma situação perigosa, por causa do que sentia por ele. A voz do bom senso mandava que se afastasse e quebrasse aquele encantamento.

Kent, ali tão perto dela, fazia seu sangue, ferver, impedindo que pensasse direito.

— Eu não sei. . . — começou. Mas, de repente, uma estranha força fez com que gritasse;

— Não, eu não posso! Seria louca, se jogasse minha. . .

Ele a interrompeu, segurando-a pelo braço. Sua mão queimava feito fogo.

— Naturalmente, não espero sua resposta imediatamente. — As palavras eram suaves e persuasivas. — Só quando voltarmos, no sábado.

— Seria muito imprudente. . . — Simone tentou recusar novamente. — Não me tente, Kent. Por favor, não me tente. Nunca mais conseguirei um emprego como o que tenho.

— Eu disse que tenho influência. Se decidir se sacrificar, e é pelas crianças, Simone, não por mim... pode ficar certa de que não sairá perdendo.

Incerteza de novo. . . Mas. . . não! Gostaria que aquela incerteza jamais tivesse tomado conta de seus pensamentos. Não sabia se atendia aos apelos do coração ou aos apelos do bom senso.

— Sinto pelas crianças. . . — Sua voz tremia e ela virou-se para olhá-lo.

Kent repetiu:

— Quero sua resposta no sábado, apenas. Pense no assunto nos próximos dois dias, . .

De repente parou, como se uma idéia tivesse atravessado sua mente; perguntou, num tom de voz bem diferente:

— Bill? Existe alguma coisa entre vocês? Ela sacudiu a cabeça.

- Não, ele é apenas o meu chefe.
- Tem certeza?
- Mas é claro que tenho.

Ele parecia considerar o que tinha ouvido. Será que duvidava? Lembrou-se da maneira como Bill se sentava perto dela, passando o braço em seus ombros. Queria que Kent acreditasse nela.

- Estou falando a verdade.
 - Não duvido da sua palavra, Simone.
- Sorriu, agradecida, o que trouxe um brilho divertido aos olhos dele.
- É tão importante? — ele perguntou.
 - O que... é tão importante?

— Que eu acredite em você. . . Ora, sabe do que estou falando. Simone ficou perplexa e olhou em outra direção. Não devia se sentir agitada assim. Ele apenas pedira um favor. . . um grande favor, porque significava uma mudança radical em sua vida e em seus planos. Mas não era obrigada a aceitar. Portanto. . .

— É muito tarde — Kent observou, olhando para o relógio. — Temos que levantar cedo. É melhor entrarmos.

- Sim.

Não queria ir para a cama, não agora. Deixou escapar um profundo suspiro. Kent ouviu, com surpresa, e perguntou:

- Por quê isso, agora?
- Deu de ombros: não tinha uma resposta honesta conveniente.
- Está uma noite tão bonita. . .
 - Você quer dizer que é uma pena entrar? Os nervos de Simone ficaram alertas e tensos.
 - Temos que entrar? Não podemos. . .

Kent ficou ao lado dela, encarando-a, como se quisesse adivinhar-lhe os pensamentos. Simone fugiu daquele olhar penetrante, mas ele segurou o queixo dela e forçou-a a levantar a cabeça,

O coração de Simone disparou e ela chegou a ter medo de que Kent pudesse ouvir as batidas. Que tortura era aquela? Era intencional? Seria possível que ele testasse seus sentimentos e se divertisse com aquele joguinho?

- Então, você não quer entrar. . . — ele falou suavemente. — Como pensei.

Inclinou a cabeça e beijou os lábios trêmulos dela tão gentilmente, sem a violência das outras, vezes, tentando-a e pedindo entrega. Depois, afastou-se e procurou descobrir o efeito do beijo. Simone abaixou as pálpebras, para que ele não lesse o que ia em seu coração.

— Sabe, Simone, você me intriga — disse Kent, afinal, um tanto divertido com a atitude de defesa dela. — Um minuto atrás, me convidou para ficar aqui fora, e, no outro, parece tão tímida como uma colegial inexperienced

Seu primeiro impulso foi negar, indignada. Mas sabia que aquilo era, pelo menos, meio verdade. Mesmo que não o houvesse convidado abertamente para ficar com ela, tinha desejado que ficasse. Ele ainda a abraçava e Simone estava envolvida no calor e na força de seus braços.

Uma brisa leve agitou os ciprestes, murmurando através da graciosa linha dos picos da cadeia Kyrenia, varrendo as palmeiras e levando as folhas dos eucaliptos até o jardim. Com a brisa chegou até a varanda o perfume de rosas misturado ao doce e sutil perfume das espirradeiras. De um lugarejo da montanha veio o som de música *bouzouki* e isto desviou a atenção de Simone.

- Eslá vindo de uma taverna? — perguntou.

— Não. Há um casamento lá em Klepini. É o primeiro dia, seguirá por mais dois dias, espero.

Enquanto olhavam para o céu estrelado, um ponto brilhante passou por cima das montanhas e sumiu na direção do mar.

Kent disse, sorrindo:

- A magia está quebrada. É um satélite artificial.

Simone concordou. Nenhuma estrela cadente jamais descreveria aquele trajeto em linha reta.

- Boa noite, Simone. . . e não se esqueça de pensar na minha proposta.

Em seguida ele se retirou, depois de apagar as luzes. Simone entrou no quarto e fechou cuidadosamente as portas da varanda.

CAPÍTULO VII

— Simone, você pode ficar no assento da direita.

A ordem foi dada quando decolavam do aeroporto de Nicósia. No trabalho, agora, Kent adaptava a mesma e familiar atitude de chefe para com ela.

É como nos velhos tempos, ela pensou. . . exceto, naturalmente, que nunca tinha me sentado ao lado dele, antes. Bill estava atrás e Martin ocupava o último assento, perto da janela.

Kent comunicou-se com a torre:

— Nicósia. Chamando Nicósia. Golfo Alfa Tango Alfa Hotel chamando Nicósia, próximo em dois, um décimo de dois. Você lê?

— Golfo Alfa Tango Alfa Hotel, Nicósia lendo alto e claro, me ouve?

— Leio alto e claro também. Peço instruções para saída.

— Sua saída clara, Golfo Alfa Tango. A temperatura do ar é mais um-cinco e a Q.N.H. um-zero, um-sete.

Ken acionou as máquinas e pediu autorização para taxiar.

— Confirmado. Pista dois sete, esquerda.

Kent checou os instrumentos novamente. Pouco depois, recebeu as últimas instruções.

— Alinhe-se e decole. Vento dois-nove-zero, cinco nós.

Os aceleradores de mão foram acionados para a frente e Kent fez outra inspeção nos instrumentos. Com a vibração costumeira, o avião decolou.

Havia várias paradas para reabastecimento, e foi algumas horas depois que Simone notou a fisionomia preocupada de Kent.

— Algo errado? — perguntou, um pouco aflita.

Ele explicou que estava tendo problemas com a bússola, mas não fez outros comentários e ela se tranquilizou.

Lá pelo meio-dia, estavam sobre o deserto. Martin tirou fotografias sob as instruções de Bill, que apontava para Simone as indicações de presença de petróleo. Ela estava empolgada com o trabalho, avidamente interessada nas lições que Bill lhe dava sobre o terreno.

Ainda tinham uma distância considerável para voar, quando Martin começou a passar mal. Sua respiração tornou-se difícil e o rosto ficou avermelhado, Simone foi até ele, dando-lhe umas gotas de água.

Havia um assento vazio, onde deitaram o fotógrafo da melhor maneira que podiam. Mas ele sofria muito e a posição era desconfortável. Kent decidiu descer. Virou-se para Simone e disse:

— Acho que sabe ler o mapa, não é?

— Claro.

— Há um mapa topográfico aqui. . . veja onde estamos. Marquei o trajeto do vôo. Vai encontrar um campo de aterrissagem em algum lugar por aqui. — Apontou para a linha no mapa. — Vou descer lá. Esta é a linha que estamos seguindo. Há uma ou duas marcas, que você poderá escolher. Só tente descobrir se estou na rota certa ou não.

Simone olhou para o mapa várias vezes e depois para baixo, um pouco preocupada.

— Não posso reconhecer nada aqui embaixo. De acordo com o mapa, deveria haver um terreno montanhoso por aqui... — Sacudiu a cabeça. — Não parece haver nada semelhante com o traçado do mapa.

Kent olhou para o mapa.

— O que é isso? Lá está um terreno rochoso, um pedaço.. .

— Não posso ver os. . .

Ele deu um suspiro e Simone se calou. Kent Travers, em serviço, era um homem completamente diferente do Kent Travers que tinha estado com ela na varanda, na véspera.

— Se não consegue íer, diga de uma vez — ele falou, impaciente. Estavam gastando combustível, ela sabia, e podia mesmo entender a ansiedade de Kent.

— Há um morro lá... — Indicava no mapa. — Procure por ele, deve estar nas redondezas. Já o vi várias vezes.

Seguiu-se um pesado silêncio, enquanto Simone tentava relacionar as indicações do mapa com algo lá embaixo. Relutante, abanou a cabeça.

— Os marcamos aqui por perto não são claros — falou, nervosa, com uma terrível suspeita.

Kent parecia não ouvir; olhava em volta, com a boca apertada. Estaria pensando o mesmo que ela?

— Kent. . . — O nome saiu inconscientemente, enquanto o mapa nas suas mãos tremia. — Acho que estamos fora da rota.

— Acha? Nós estamos fora, é claro! Que diabo! Como é que foi acontecer?

— Kent, Martin não está nada bem... — Bill disse, lá de trás.

— Não, eu aguento. — Martin levantou-se, cambaleante, e foi até o assento do piloto. — Só quero ar, é tudo. Logo estarei em forma novamente.

Kent olhou para o rosto torturado do homem e depois para Simone.

— Acho que é um ataque cardíaco — ela sussurrou e ele concordou.

— Vou descer — disse, decidido. — De qualquer maneira, não podemos continuar assim, ou esgotaremos o combustível. Apertem os cintos.

Fez um giro de reconhecimento.

— O terreno é muito acidentado... — Simone começou, mas logo parou.

Kent devia saber o que estava fazendo. Toda aquela área era pedregosa, mas ele tinha verificado e achado uma pequena faixa que parecia sem obstáculos.

Mergulhou para descer, baixando o trem de aterrissagem. Todos estavam tensos, mas não sentiam medo. Martin não estava em condições de perceber o drama. Ansiosa, Simone observava o solo, enquanto Kent se preparava para pousar na pequena e estreita faixa que tinha escolhido.

— Martin! — Bill gritou.

O fotógrafo tinha soltado o cinto de segurança e perdera o equilíbrio, agarrando os braços de Kent como apoio.

— Que diabos. . .

Kent não teve condições de corrigir a posição do avião, que desceu pesadamente, com o trem de aterrissagem chocando-se contra as pedras.

— Simone, abra essa porta. E não esqueça a água.

Bill desceu primeiro, também levando água, enquanto Kent carregava Martin nos braços para um lugar distante do avião. 74

— Vamos para cima! — ele berrou para Bill, que estava se dirigindo para o lado oposto. — Se ele explode, você vai ficar... — Kent parou e olhou fixamente para ele. — O que há de errado com você?

— Eu. . . — Bill alcançou Kent e Martin. — Minha cabeça. . . bati no rádio.

— Bateu? Era só o que faltava! Não estava com o cinto de segurança bem preso?

— Pensei que estava, mas acho que me enganei. Meu Deus, sinto minha cabeça estourar!

— Está sangrando muito.

Os olhos de Simone dirigiram-se para o avião; ela arriscaria voltar para pegar a maleia de primeiros socorros, mas sabia que não chegaria muito longe, antes da ordem de Kent trazê-la de volta.

Depois de deixar Martin o mais confortável possível, Kent voltou-se para Bill, com os olhos faiscantes de raiva. A falta de atenção dele com o cinto tinha feito com que tivessem dois inválidos nas mãos, em vez de um só.

— Você tem algo que eu possa usar para estancar o sangue, Simone?

— Não. . . tenho lenços, mas estão na minha bolsa. . .

— Então, não servem! — Kent cortou, impaciente. — Tenho dois aqui, que servirão. Agora, sentem-se quietos, vocês dois — ordenou, quando acabou de fazer a atadura. — Mexer-se com esse calor provoca muita perda de água.

A primeira coisa a fazer era improvisar algum abrigo. Tão logo se verificou que não havia perigo de fogo, ele e Simone entraram no avião.

— Quer que eu ajude com a tenda? — ela perguntou. — Ou cuido de Bill primeiro?

— Você pode me ajudar com a tenda... é o mais importante agora. — Franziu a testa. — Depois, quero descobrir como e por que saímos tanto da rota.

Os dois fixaram a tenda, trabalhando vagarosamente, para não transpirar mais que o necessário. Com os doentes instalados confortavelmente e a ferida de Bill coberta, Simone voltou para o avião e preparou uma bebida forte para os dois.

— Simone, venha cá!

Ao chamado de Kent ela virou-se, os nervos abalados, sem saber explicar por quê. Mas o tom de voz dele e agora sua expressai)- . .

— Sim?

— Acho que essa é a sua bolsa.

— Sim. — O olhar dele pousou nela, passando pelos destroços. A bolsa havia ficado lá depois que servira a bebida aos rapazes. Não notou imediatamente que estava perto da bússola. — Sim, é claro que é minha.

— O que há dentro dela? — Antes que pudesse responder, ele ordenou; — Abra e esvazie aqui.

Obedeceu, perplexa. Um batom e um pó compacto, dois lenços limpos. Um diário, uma garrafinha de *brandy* e um tubo de bronzeador. E sua carteira, naturalmente.

Os lábios de Kent estavam aperjados; ele lançou-lhe um olhar terrível. Depois pegou o pó compacto, colocando-o perto da bússola, que pareceu enlouquecer. Afastou o estojo e a agulha voltou a apontar o norte magnético. Simone tapou a boca com as mãos e engoliu em seco.

— Foi tudo culpa minha?

— É claro que foi culpa sua! Se não fosse irresponsável de colocar sua bolsa perto da bússola. . . sabendo que havia um objeto de metal dentro dela! Não é de estranhar que saímos da rota!

— Sinto muito. . .

Parou. Uma desculpa era inteiramente fora de propósito e inútil. Kent não estava disposto a ouvir e não podia culpá-lo. Olhou-o por entre as lágrimas. Mesmo assim, tentou se justificar:

— Eu sempre tive o pressentimento de que uma catástrofe ia acontecer. — Seus olhos vagaram até a bússola. — E agora, aconteceu!

Não conseguia enfrentar a expressão terrível de Kent.

Os homens na tenda estavam em choque. Deu um gole de *brandy* a cada um, para reanimá-los, e tomou um também: estava esgotada e muito infeliz.

Sentia-se incapaz de afastar o pensamento do erro que cometera. A bolsa havia ficado no chão, ao lado dela, quase o tempo todo. Mas, quando Martin sentiu-se mal, lembrou-se da garrafinha de bebida que tinha colocado cuidadosamente na bolsa. Na pressa de dar alívio a Martin, acabou deixando, impensadamente, a bolsa perto do painel de instrumentos.

— Como se sente agora? — Simone olhou ansiosa para Martin. 76

Ele estava deitado, com a cabeça apoiada num dos assentos que ela havia trazido do avião.

— Muito melhor, Simone. Estou terrivelmente sentido com tudo o que aconteceu. Sou inteiramente culpado pelo acidente, não sou?

O fantasma de um sorriso chegou aos lábios dela.

— Houve uma ou duas circunstâncias infelizes que contribuíram para o desastre, Martin. Mas não é muito sério. Estamos sendo esperados no aeroporto de El Gizahhad em poucas horas, e, quando verificarem que não chegamos, mandarão socorro à nossa procura.

— O rádio. . . — começou Bill, mas Simone balançou a cabeça.

— Receio que o capitão não possa sair dessa. — Bill olhou para ela.

— Não tem medo, Simone?

— É claro que não. Não há motivo para ter. Mas estou muito perturbada e cansada, Bill. — Quando ele ia pedir uma explicação, ela acrescentou; — Vou descansar, agora. No avião.

Kent ainda estava lutando com o rádio e Simone sentou-se num dos bancos, observando.

— Não adianta — disse ele finalmente. Parecia tão preocupado, que ela perguntou:

— A nossa situação não é séria, é? Quero dizer, eles já devem estar procurando por nós há algum tempo, não?

Kent virou-se e encarou-a.

— Vão procurar na rota em que deveríamos estar. Receio que tenhamos nos desviado uns vinte graus ou mais.

Simone empalideceu. Não fazia idéia de como estavam mal quando tranquilizou os dois homens na tenda. Arriscou, hesitante:

— Nossa água. . . será suficiente?
— Suficiente para quê? Simone mordeu o lábio.
— Quanto tempo vai durar? — perguntou, olhando para as mãos que estavam entrelaçadas no colo.
— Quarenta e oito horas... com racionamento.
— Dois dias... — Subitamente, sentiu-se amedrontada. — Não é muito.
Ele suspirou.
— Começaremos a nos preocupar com isso depois. Agora, seria melhor decidirmos um plano de ação. — Fez uma pausa. — Aqueles dois não podem ter tarefas, portanto o que tem que ser feito deve ser dividido entre você e eu. Ficarei de guarda hoje à noite, pronto para fazer uma fogueira, caso ouça algo. Você se encarrega da comida e da bebida.
Ela concordou. Kent naturalmente iria racionar o pouco que tinham, como um capitão sempre faz numa situação dessas.
— Teremos que armar um outro abrigo?
— Mais tarde, sim, quando o sol se esconder.
Até lá, todos ficaram na sombra da tenda, para não transpirar demais.
— Com quanto de água pode-se continuar aguentando? — Bill quis saber. — Pode-se ficar sem comida por um longo período, disse eu sei.
— As necessidades do corpo dependem das condições do ambiente.
— É, eu entendo. Quanto mais quente é o tempo, mais água você necessita, porque, naturalmente, perde mais.
— Certo. Então, é aconselhável permanecer na sombra, para que a perda de água do corpo através da transpiração e da evaporação seja mínima.
Olhou para Simone e ela entendeu. Tinham água suficiente para dois dias, se economizassem. Dois dias... se fossem encontrados nesse tempo.
— Meu racionamento será rígido — ele disse, seco. — Apesar de ter esperança de sermos encontrados dentro das próximas doze horas, mais ou menos, não estou certo disso, porque nos desviamos muito da rota.
— Como é que aconteceu isso? — Bill perguntou. — O que aconteceu com a bússola?
Silêncio por alguns segundos. Então, Simone falou:
— Foi culpa minha, Bill.
Explicou o que havia acontecido e viu que o rapaz ficava carrancudo. A situação poderia tornar-se séria: aqueles três homens iriam responsabilizá-la por completo por qualquer problema que tivessem que enfrentar.
Simone estava tão infeliz que, depois da refeição, entrou no avião e sentou-se lá, sozinha. Mas, logo em seguida, Kent chamou-a, imperioso. Foi para o abrigo onde estavam descansando.
— O que você estava fazendo lá?
— Apenas sentada.
— Então, sente-se aqui. Está muito quente no avião. Era verdade, pois o sol entrava pela janela traseira.
— Nada pode ser feito com o avião ou com o rádio. Não podemos fazer muito para nos ajudar.
— Temos apenas que esperar, é isso? — Martin sentou-se, aparentemente recuperado.
Kent concordou com a cabeça e os quatro caíram num longo silêncio, cada um ocupado com os próprios pensamentos.
A noite se aproximava. Pela primeira vez na vida, Simone não apreciava o pôr-do-sol, absolutamente magnífico pelos reflexos da areia. A descida da noite era mais suave do que em Chipre. Mas aquele lindo espetáculo significava mais problemas: com o sol desaparecendo, a temperatura cairia rapidamente.
— É melhor você se mudar para dentro do avião para passar a noite — Kent falou. — Ficarei no abrigo.
Simone olhou para ele, com profunda ansiedade.
— Você vai gelar — murmurou.
— Gelar? — Martin perguntou, espantado. Não tinha muita noção da temperatura no deserto. — Não vai fazer tanto frio assim. Ou vai?
Simone explicou que a temperatura à noite, naquela parte do deserto, em especial, era de dez graus em média.

— De dia, faz mais de cinquenta. Uma mudança brusca para dez é quase insuportável.

— Mas como é que isso acontece? — Martin perguntou, em tom de queixa. — Não posso imaginar como é que pode ficar tão frio

Em tão pouco tempo. . . Quero dizer, por causa do sol que ainda está alto às cinco horas. — No deserto, você tem rápidas transições. Muito calor e rápido esfriamento. Céu claro, como resultado da intensa insolação. . . À noite, quando o sol some, você tem radiação excessiva, e por isso a temperatura cai violentamente.

Corou, vendo a expressão de Kent: ele estava interessado no que ela dizia, mas ao mesmo tempo olhava-a com dureza, para que não esquecesse nem por um segundo sua culpa.

— Em outras palavras — Bill estava dizendo —, a terra perde rapidamente o calor transmitido pelo sol.

— Muito rapidamente. . . numa região seca como esta. Em lugares à beira-mar, a água retém o calor, e assim você não tem grandes variações de temperatura.

A conversa poderia continuar, mas Kent disse que já era hora de Simone e os dois homens entrarem no avião e ficarem mais à vontade. Ele entraria depois, para distribuir a comida e a bebida.

Lá pelo meio-dia do dia seguinte, todos eles estavam preocupados; às quatro horas da tarde, com outra noite gelada se aproximando, Simone decidiu ir para o avião. Queria ficar sozinha, pois o silêncio dos homens parecia uma constante condenação. A comida já havia quase terminado, mas o mais importante era que restava pouca água e Kent já tinha avisado que as rações seriam reduzidas.

Kent tinha estado pesquisando o mapa topográfico e disse aos dois homens que sabia onde estavam: a trezentos e cinquenta quilômetros do aeroporto de El Gizahhad. Não falou diretamente com Simone, nem ela se atreveu a dizer uma palavra, pois a infelicidade pesava como um fardo em suas costas. Sentia-se doente por dentro e não tinha vontade de falar com ninguém.

Afastou-se, esperando ficar sozinha por alguns minutos, antes que Kent a chamasse. O sol estava se pondo, mas o calor ainda era intenso, deixando uma névoa pálida sobre a vasta e árida paisagem. Era fácil entender como se podia facilmente enlouquecer num lugar assim.

Simone já não aguentava tanto calor e sentia que nunca mais queria ver o sol, enquanto vivesse... Nunca mais ver o sol. Será que sairiam dali vivos? Água era vida; poderia não haver sobreviventes sem ela. . . E a água que tinham era pouca, perigosamente escassa.

Sentou-se. Tinha uma sede terrível mas ainda suportável. Bill, por outro lado, estava afogado e sem apetite. . . os primeiros sintomas de desidratação.

Ele tinha perdido a paciência, também, pedindo mais bebida, que Kent recusou. Simone tentou não pensar na própria sede, mas era torturante. Os outros sofriam o mesmo. . . e tudo por sua culpa. Sobrecarregada pelo remorso, colocou a cabeça entre as mãos. Seus ombros sacudiam com os soluços, mas os olhos estavam secos.

— O que é isso? — Ouviu a voz de Kent, baixa e calma.

Virou-se, perguntando:

— Quanta água ainda temos?

— O suficiente para outras vinte horas.

— E depois?

Ele deu de ombros. As palavras pareciam desnecessárias e os lábios de Simone tremeram,

— Tudo por minha culpa. — As lágrimas vieram a seus olhos.

— Se. . . se não formos salvos, serei a. . . culpada. . . pela morte de todos vocês.

Viu então, surpresa, que Kent sorria.

— Não deixe que isso pese demais na sua consciência. Você não poderá continuar vivendo assim.

Ela não disse nada e ele continuou, tentando acalmá-la:

— Não vamos morrer.

— Como pude ser tão estúpida? — Chorava e sacudia a cabeça, desesperada. — Não sou inexperiente: deveria saber o que ia acontecer.

Ele ficou algum tempo olhando para ela.

— O que fez com que colocasse a bolsa lá? Não poderia estar lá o tempo todo, senão estaríamos fora de curso muito antes daquele momento.

— Foi quando peguei o *brandy* para Martin. Estava tão assustada... ele parecia estar morrendo... e, então, eu não pensei. Devo ter jogado a bolsa naquele lugar. Nem me lembro de ter feito isso. Não há desculpa, naturalmente; sei muito bem disso.

Surpresa, sentiu a mão dele no ombro.

— Esta não é uma hora para auto-recriminações, Simone. Foi um erro normal, entendo agora, causado apenas pela ansiedade em socorrer Martin. Eu também poderia ter cometido o mesmo erro... .

— Não, Kent... Sinto-me tão infeliz e culpada. . .

— Não fique. Numa situação dessas, não há lugar para lamentações. Quanto a erros que eu possa cometer... não sou infalível, Simone. Poderia ter cometido o mesmo engano... em condições semelhantes, você sabe.

A humildade de Kent surpreendeu-a ainda mais, mas não aliviava sua angústia.

— Não há nada que possamos fazer?

Era uma pergunta tola, Precisavam de água para sobreviver, e a deles já estava acabando:

— É lógico que não há.

Um curto silêncio se seguiu e depois Kent falou o que tinha em mente:

— Se não houver sinal de salvamento lá pelas seis, vou tentar achar algo, indo por este vale. — No mapa topográfico, mostrou o leito seco de um rio. Simone olhou para a escala e fez os cálculos. — Pode estar totalmente seco, mas pode haver poças de água...

— Nunca são fáceis de encontrar... — Simone interrompeu, com temor.

Kent andando sozinho no deserto, por quinze quilômetros. E, se não encontrasse água, nunca mais voltaria...

— Não, por favor, não vá!

Kent olhou para ela com um brilho estranho nos olhos.

— Tenho que ir. Iremos até a tenda e falaremos com os outros. Saiu do avião, seguido por Simone.

Martin e Bill ouviram ansiosos o que Kent tinha a dizer. Depois, Bill sugeriu acompanhá-lo.

— Ficaria muito agradecido com a ajuda — admitiu Kent —, mas não é conveniente, porque seu ferimento ainda não cicatrizou e seria perigoso. Minha tarefa não será fácil e não posso arriscar, levando-o comigo. — Kent virou-se para Martin e avisou, sem lhe dar chance de falar: — Receio que não possa levá-lo também. Terei que ir sozinho, mesmo.

— Leve-me, então! — Simone, interrompeu, num impulso. — Se encontrarmos água, poderemos trazer duas vezes mais.

— Duas vezes? — Ele sorriu.

— Dois podem trazer mais do que um, certamente.

— Será demais para você, Simone. Não, eu irei sozinho. Sabia o que ele pensava: se não encontrasse água, seria a única vítima.

— Kent — ela insistiu, alheia à expressão curiosa dos dois homens —, se não encontrar água, você. . . você não voltará. — O pensamento era uma tortura, uma agonia insuportável. Ela devia ir com ele.

Kent não respondeu, sabendo tanto quanto ela que a longa caminhada iria esgotá-lo.

— Sejam os otimistas, Simone, e esperemos ter sorte. — Depois, continuou dando instruções. Bill iria vigiar durante a noite, e Martin, o restante do tempo. De nenhuma forma deveriam tomar mais água do que o estipulado.

Falou dirigindo-se a Simone a maior parte do tempo, mas ela escutava apenas pela metade e, quando ele finalmente terminou, pediu, desesperada:

— Por favor, deixe-me ir com você.

Para sua surpresa, Kent não respondeu logo. Insistiu, sentindo que ele hesitava:

— Sentiria como se estivesse fazendo algo para remediar o meu erro. Por favor!

Houve um pesado silêncio, quebrado quando Kent resolveu finalmente concordar.

— Muito bem, Simone... — Olhava para ela de um jeito estranho. — Você sabe o que isso significa?

Ela sabia. Na pior das hipóteses, morreriam juntos no impiedoso deserto. Mas tentou parecer animada:

— Sejam os otimistas, como você disse, e esperemos encontrar água.

CAPÍTULO VIII

Os preparativos começaram imediatamente, com Bill e Martin ajudando.

— Não conseguiremos fazer mais de dois ou três quilômetros por hora neste tipo de terreno — observou Kent, pensativo, enquanto estudava o mapa e os outros se ocupavam com as provisões que levariam.

Para Kent, Simone tinha improvisado uma mochila de um pára-quedas, cortando as correias e o enchimento traseiro. Para ela mesma fez uma mochila mais leve, com o náilon. A maior parte do espaço foi reservada para os recipientes de água.

— Seria melhor colocar algo em volta dos tornozelos — Kent recomendou, antes de partirem. — Tiras desse náilon servem. Se não, terá que ficar com os sapatos o tempo todo. — Ele mesmo estava de botas, que davam bastante proteção contra a infiltração da areia fervente.

Às seis horas, uma e meia depois de a luz do dia desaparecer, partiram para o vale.

A noite estava clara. Mesmo assim, era difícil se orientar e fazer uma idéia exata do que havia pela frente. Kent preveniu Simone de que o que parecia ser uma mera ondulação na areia poderia ser um buraco de quarenta ou cinquenta metros.

Depois de andarem por uma hora mais ou menos, fizeram uma parada para descansar por uns dez minutos! Pararam de hora em hora. Às nove e meia, Kent estimou a distância percorrida em mais ou menos nove quilômetros. Então, tiveram um descanso maior para comer e beber algo.

— Está bom, tão bom! — disse Simone, quando ele quis encher seu copo pela segunda vez.

Kent concordou:

— Só numa situação como essa a gente percebe a importância da água. — Observava Simone beber, devagar, saboreando cada gota. — Faz a gente se sentir culpado por escovar os dentes com a torneira aberta — acrescentou, brincando.

— É mesmo. — Ela riu, feliz por ele ainda conservar o bom humor.

Assim que terminaram a refeição, debruçaram-se sobre o mapa. Kent segurava a tocha. Suas cabeças estavam próximas. Era uma situação irreal: duas pessoas sozinhas naquela imensidão silenciosa e estéril. Nada vivo na distância, nenhum som, além das próprias respirações. Era um momento cheio de suspense, porque a possibilidade de um fim terrível estava sempre presente: a morte, juntos, na areia escaldante ou na noite gelada.

— É aqui que estamos agora. — Kent apontou para um ponto no mapa. — À velocidade em que viajamos, significa que estamos bem quanto ao horário. Sim, vamos muito bem até agora. Se pudermos conservar esse ritmo, chegaremos ao vale lá pelas onze ou um pouco depois. Com sorte, encontraremos água e poderemos voltar mais ou menos à uma hora, o que nos dá uma hora para enchermos as latas e colocar nas mochilas. Se voltarmos à uma hora, devemos chegar ao acampamento antes que o sol esteja escaldante e que a viagem fique cansativa demais. — Fez uma pausa e explicou — Levaremos mais tempo na volta do que na vinda por causa do peso extra. E será um peso bem razoável, Simone. Está preparada para isso?

Ela concordou e perguntou, baixinho:

— E se não encontrarmos água dentro desse tempo?

— Não vamos pensar nisso, sim?

Seu tom de voz era grave, e Simone sabia que, quanto mais avançassem pelo vale, menos horas da noite sobriariam para voltar ao acampamento. E teriam que caminhar debaixo do sol causticante, o que os enfraqueceria. Ainda por cima, suariam muito. . .

Kent deu-lhe a tocha, enquanto dobrava o mapa. A tocha tremeu em sua mão e ele virou-se para ela.

— O que é, Simone?

— Sinto-me tão culpada! Oh, Kent, como pude ser tão distraída a ponto de fazer uma coisa daquelas?

— Esqueça — disse Kent imediatamente. — A culpa-não foi inteiramente sua. Foram várias circunstâncias combinadas que provocaram o desastre. Se a bússola e o rádio estivessem funcionando, não afetaria em nada você colocar sua bolsa ali. Se Martin não tivesse desmaiado em cima de mim, eu não teria me saído tão mal no pouso. . . e também, se ele não precisasse ser levado às pressas para um pouso de emergência, nada disso teria acontecido. Kent levantou-se e ela fez o mesmo.

— Não pense mais nisso, Simone, conserve suas energias. Nós vamos conseguir! — Suas palavras trouxeram alento a Simone e um sorriso iluminou seu rosto.

— Estou contente por ter me deixado vir — sussurrou e começou a caminhar ao lado dele, pisando cuidadosamente, com medo de tropeçar numa pedra ou de torcer ou quebrar o tornozelo. Tal desastre não só arruinaria suas chances de sucesso como também faria Kent desejar de todo o coração ter recusado seus apelos de acompanhá-lo.

— Está cansada? — perguntou mais ou menos uma hora depois, quando fizeram uma parada de mais dez minutos. Simone negou. Estava um pouco cansada, mas nada a faria confessar, numa hora tão crítica como aquela.

— Não, estou ótima para uns vinte quilômetros. Ele sorriu, mas não fez comentários.

Praticamente não se falaram durante o último quilômetro. .. o que os levaria até o vale, se tudo desse certo. Às dez para as onze, Simone olhou o relógio e seu coração disparou.

— Kent.. . estamos no caminho certo?

— Estamos. Estou certo que sim. — Ele mostrou a Ursa Maior. — Lá está a estrela do norte. Estamos indo deste lado, que deverá nos levar ao vale. Tudo certo?

Ela concordou, convencida, mas disse:

— Perdemos tempo, Kent?

— Não. O vale deve aparecer a qualquer momento agora.

E apareceu, finalmente. Ficaram juntos, olhando para baixo, para as pedras secas, a areia solta e os sedimentos no leito do rio. Obviamente, tinha sido um ano ruim para chuva, pois não havia vestígio de areia úmida ou lama. Se houvesse algo, poderiam aproveitar, mergulhando panos, espremendo-os e depois coando a água para o consumo.

— Bem, é melhor começar a procurar. Ninguém disse que ia ser fácil, não é? — Kent tentou animá-la. — O leito do riacho é muito estreito, não dá para trabalharmos lado a lado. Nem faz sentido procurar na parte mais alta. Então, pode começar seguindo na direção daquela pedra.

Apontou para baixo e, quando ela concordou, ele acrescentou:

— Vou começar da pedra. Quando você chegar lá, escolha um outro ponto de partida. E quando eu chegar até você, farei o mesmo.

Ela concordou com as ordens e Kent continuou, dizendo que, sem dúvida, qualquer poço seria conhecido pelas tribos de beduínos errantes e estaria coberto com pedras.

— Não será fácil distinguir, no escuro, mesmo com a ajuda da tocha. Vai ter que olhar bem, prestando muita atenção para identificar.

Vasculharam cada palmo de areia, seguindo rio abaixo.

Simone começava a sentir uma sede insuportável, quando Kent a chamou.

— Quer beber?

— Posso? Oh, Kent, quero, por favor!

Foi até ele e sentaram-se na margem. Kent dosou as rações. — Estamos perdendo um tempo precioso — ele disse, depois de apenas cinco minutos. Levantaram-se novamente, para recomeçar a busca.

Apenas dez minutos haviam se passado quando Simone o chamou, entusiasmada, sua voz soando aguda e clara naquele silêncio solene e mortal.

Kent estava inclinado. Ela podia ver a sombra dele à luz fraca da tocha. Ouvindo o grito, Kent endireitou-se e virou-se. Daquela distância, não dava para distinguir sua expressão, mas Simone imaginou que estivesse tão excitado quanto ela.

— Achei um! Kent. . . venha imediatamente. Achei. . .

Foi um momento de quase histeria, com Simone acenando feito louca, sem saber se ria ou chorava.

— Há um poço aqui. . .

Um profundo silêncio seguiu-se então e a tocha de Kent foi apagada. Com um pulo, ele subiu para a margem; dessa forma, seria mais fácil se aproximar do que ao longo do leito pedregoso do riacho. Simone não tirava os olhos dele. A estranha claridade do deserto aumenta e distorce tudo, e era um gigante que caminhava até ela. . . já que a água tinha sido achada, não importava quem a encontrara. Mesmo assim, Simone sentia-se extraordinariamente feliz por ter conseguido.

Alcançando-a, Kent ficou por alguns minutos parado, abismado diante da grande pedra que ela afastara de lado, revelando a presença de um poço. A tampa era pesada e ele acabou de removê-la, não sem alguma dificuldade.

O silêncio foi intenso, enquanto os dois ficavam lá, lado a lado sob a palidez da lua, afastados do mundo dos homens.

A oeste, havia pequenas colinas que se uniam, formando uma cadeia sinuosa e quebrando a monotonia daquele mar de areia.

Vagarosamente, Kent levantou a cabeça e olhou para as montanhas e depois para Simone, que estava emocionada e quase em lágrimas.

Ignorando a emoção dela, ele assumiu um ar de superioridade zombeteira, dizendo, com aquele ar sarcástico:

— Percebe, comissária, que finalmente fez algo certo? Sempre esperei que o impossível acontecesse... e aconteceu! Meus parabéns!

Ela começou a soluçar, de alívio e felicidade, e Kent tornou-se mais sério e severo.

— Pare com isso! Não pode se permitir chorar!

Sacudiu-a pelos ombros. Simone mordeu o lábio, como se quisesse desesperadamente segurar as lágrimas que estavam prestes a cair. Afinal conseguiu sorrir, e depois os braços de Kent estavam ao seu redor, apertando-a fortemente, transmitindo calor e demonstrando carinho e compreensão.

— Boa menina, nota dez para seus poderes de observação — disse alegremente.

Ambos riram. Aliviada a tensão, Kent tornou-se ativo novamente. Voltou ao comando.

— Vamos, estamos perdendo um tempo precioso. — Abaixou-se e afastou a pedra para o mais longe possível. — As cordas. .. estão na sua mochila ou na minha?

— Eu tenho aqui. . . — Deu-lhe uma.

Atando um dos recipientes, ele o desceu para o poço e um longo e tenso momento se passou.

— É muito profundo.

Dava mais e mais corda. Pareceu uma eternidade, antes que ele murmurasse:

— Ah!

Os olhos de Simone brilharam e ela deu uma risada. Estava iluminando o poço e sua mão tremia.

— Água! Maravilha! Bendita água! — gritou, ofegante.

Kent sorria, talvez dela. . . ou talvez o peso crescente na corda aumentasse também o seu bom humor.

— Aí vem o primeiro.

Olharam o recipiente por um instante, muito emocionados para poder falar. A água era escura e cheia de detritos de rochas. . . mas era sinal de vida.

Trabalharam metodicamente, Kent esvaziando um recipiente, enquanto Simone amarrava a corda no outro e esmagava as cápsulas de cloro e as jogava dentro da água.

Com todos os recipientes cheios e a pedra recolocada, cobrindo o poço, Kent pegou o mapa e, usando os morros e a cadeia de rochas como referência, marcou a posição da mina.

— Pode salvar a vida de mais alguém algum dia — disse, dobrando o mapa novamente.

Permitiu um descanso de dez minutos para beberem e comerem. Depois, pegaram o caminho de volta com os corações leves, apesar do pesado fardo nas costas. Mas o fardo era vida e estavam certos de que seriam salvos antes que aquela reserva se esgotasse.

Como antes, fizeram uma parada a cada hora e, lá pelas quatro da manhã, ficou claro que os últimos quilômetros seriam difíceis.

— Perdemos tempo no vale — Kent falou.

Tinham ficado tão contentes por encontrar a água, que não prestaram atenção na demora. — Receio que o sol estará alto, bem antes de alcançarmos o acampamento.

Simone concordou. Sentia-se cansada, mas não demais. Só rezava para que seu corpo aguentasse e não se tornasse um peso para Kent.

Sua roupa estava suja, o rosto empoeirado e pegajoso de suor. Sabia que tinha olheiras e o cabelo desgrehado. Kent não estava em melhores condições; seu rosto estava gorduroso e as mãos também. Viu que piscava com dificuldade para manter os olhos abertos e ficou tentada a colocar sua cabeça no colo e deixá-lo dormir.

— No que você pensa?

Olhava fixamente para ela, curioso.

— Nada importante. — Mas seu rubor demonstrou que não era bem assim.

— O quê? — ele insistiu, ainda procurando ler nos olhos dela.

Um meneio de ombros e ela finalmente respondeu:

— Nada, apenas notei que está cansado!

— Não é uma resposta à minha pergunta. — Seu olhar era bastante perturbador.

Simone sentiu sua cor ficar mais intensa e, para desconversar, ofereceu-lhe biscoitos. Ele aceitou alguns e continuou a olhar para ela, com a cabeça um pouco inclinada, ainda questionando. Então respondeu, resignada:

— Eu pensei que você precisava de algum lugar para descansar a cabeça.

Olhou a distância e depois pegou seu copo e estendeu-o para pedir água. Um leve sorriso tocou os lábios dele. Ignorando por completo o copo, Kent falou, com uma estranha inflexão de voz:

— E onde, posso saber, você acha que seria um bom lugar para descansar?

Simone arregalou os olhos. Havia um brilho zombeteiro nos olhos dele, apesar do cansaço. Será possível que Kent tinha adivinhado seus pensamentos? Se assim fosse, aquilo era realmente uma provocação.

Desconcertada e ciente de que ele ainda esperava uma resposta que não conseguia dar, Simone esticou novamente o copo, para chamar a atenção.

Desta vez ele serviu, e ela bebeu com ânsia.

— É como o néctar!

Respirou, quase sem fôlego. A água tinha cheiro e gosto forte de cloro, mas. . . que importava?

— Estamos salvos agora, não estamos? Quero dizer, mesmo que o salvamento venha mais tarde do que esperamos, podemos voltar ao vale novamente.

— Poderíamos, Simone, mas não acredito que o socorro demore muito. Depois, a situação ainda é difícil. Não temos muita comida, e consequentemente ficaremos enfraquecidos. Acho também que Martin tem um problema cardíaco mais sério do que ele pensa, e Bill precisa de cuidados médicos. — Eles se olharam e Kent acrescentou, gravemente: — Não, esperemos que não seja necessário ir até o vale novamente.

Faltando apenas dois quilômetros para chegarem, Kent sugeriu um descanso mais longo. Simone bem que precisava: sentia-se a ponto de desmaiar. O peso nas costas começava a ficar insuportável e a temperatura estava sufocante, pois o sol já surgira.

Seu cérebro recusava-se a funcionar, o corpo doía como se tivesse levado uma surra, as pernas pesavam toneladas e, apesar de ter se esforçado, o progresso no último quilômetro tinha sido muitíssimo lento. Durante o caminho Kent aliviara sua mochila de duas latas de água, que ele levava agora nas mãos.

Tinham chegado a uma depressão rochosa — talvez o leito de um antigo rio —, que dava alguma proteção contra o sol, e esta foi a razão por que Kent resolveu prolongar a parada.

— Deixe-me fazer isso.

Pegou a mochila de Simone, quando ela tentou desamarrá-la para apanhar os biscoitos. Não ofereceu nenhuma resistência; apenas reclinou-se numa pedra e observou-o. Seu rosto estava molhado de suor e partículas de areia grudavam-se a ele. O cabelo estava despenteado, de tanto sacudir a cabeça para remover a areia. Kent examinou os calos nas mãos e depois virou-se para Simone.

— Você parece muito cansada.

Seu tom era tão delicado que ela teve vontade de abraçá-lo e chorar. Mas aquele não era o momento para fraquejar. Controlou-se e tentou sorrir.

— E estou mesmo! Mas você também está. Ele ignorou o comentário.

— Tente levantar-se. Nós, provavelmente, levaremos um tempão para fazer esses dois quilômetros que faltam, mas poderemos dormir quanto quisermos, depois.

Abrindo o pacote de biscoitos, ofereceu a ela. Simone sacudiu a cabeça.

— Eu não poderia, Kent.. .

— Pegue dois.

— Não estou com fome.

Kent usou um pedaço do papel da embalagem para dar-lhe dois biscoitos, insistindo para que comesse:

— Seja uma boa menina e faça o que estou mandando, sem protestar.

As palavras foram ditas de maneira suave, mas com autoridade. Sem vontade alguma, ela aceitou os biscoitos e forçou-se a dar uma mordida. Depois, tomou um gole de água.

— Sinto muito, sou assim... Estarei bem de novo, quando estiver mais descansada.

— Eu ia sugerir continuar e deixar você aqui.

— Oh, não, Kent. . . Você quer dizer, continuar com a sua carga e depois voltar para me apanhar? Eu não deixaria!

— Se fosse possível fazer isso, eu o faria e você não teria nada a dizer sobre o assunto. No entanto este lugar não dará proteção por muito tempo mais. Daqui a uma hora, quando o sol estiver mais alto, a sombra será reduzida a poucos centímetros. Então, não posso deixá-la.

Sentou-se, colocando o copo sobre a pedra ao lado.

— Coma os biscoitos e depois poderá descansar por mais ou menos uma hora e meia.

— Eu não devo dormir — ela murmurou, já meio adormecida.

— Aconteça o que acontecer, preciso continuar acordada.

— Simone. . .

Kent sacudiu-a gentilmente pelos ombros.

— Simone, já é hora de começarmos a nossa caminhada.

Ela virou-se, piscou, sem entender que tinha dormido e ia cair no sono novamente, se ele não desse tapinhas em seu rosto, para reanimá-la.

Abriu os olhos, mas não conseguiu se mexer. O que estava fazendo nos braços dele, deitada em seu peito?

— Eu... eu dormi?

Suas pálpebras caíram de pura fadiga, não de timidez. Não podia haver timidez naquele momento de intimidade e completo isolamento do mundo.

— Você parecia precisar de algum lugar para pousar a cabeça — ele respondeu, com uma pitada de ironia.

Ainda assim, ela ficou exatamente onde estava. Dormir era tudo o que desejava.. . dormir naquela posição tão natural, na curva do braço de Kent, a cabeça descansando no peito musculoso e acolhedor. Mas seu paraíso foi interrompido pelo chamado dele:

— Vamos. Mexa-se!

— Sim.

Suspirou profundamente, fazendo um esforço imenso para levantar a cabeça. Não conseguiu e pediu desculpas. Um silêncio caiu sobre eles e a intimidade voltou. Kent procurou seus lábios, beijando-a suavemente. Depois sorriu da perplexidade dela, pois aquele tinha sido um beijo muito diferente dos outros.

Seus lábios se tocaram novamente.

— Você tem sido uma boa garota, Simone.

Aquilo era o que ela mais queria ouvir. Sentiu uma felicidade enorme.

— Confesso que tive dúvidas em trazer uma mulher para tal tarefa, e se Bill ou Martin estivessem em condições, eu nunca concordaria que você viesse. — Houve uma pequena pausa e um sorriso. — Mas agora, Simone, eu não hesitaria em fazer a mesma escolha novamente.

Olhou bem dentro dos olhos dela, e Simone soube que estava sendo sincero.

— Obrigada. Obrigada principalmente por não ter me beijado desta vez porque me pareço com a sua ex-noiva.

Não houve ressentimento ou sofrimento da parte de Kent ao ouvir aquelas palavras. Apenas abraçou-a mais forte, em silêncio.

Aconchegada nos braços de Kent, Simone deixou sua mente voar. Lembrou então do pedido dele para que ela tomasse conta das crianças do seu amigo. Antes, ao perceber que era a culpada pelo desastre, achou que Kent nunca mais ia querer vê-la, nem confiaria nela. Mas a jornada até o vale tinha alterado a opinião dele a seu respeito, fazendo com que Simone também visse a realidade claramente: tinha decidido nunca mais dizer adeus a Kent.

Inevitavelmente, chegaria o momento em que seria forçada a se separar dele, mas não queria pensar no assunto. O futuro próximo era um bonito quadro: já se via morando na casa de Nicósia, com ele e as meninas. Mas não compreendia ainda a amizade de Kent com Ian. Disse, então, num impulso:

— Sua amizade com Ian... não entendo: ele roubou a sua noiva...

Parou, receosa de ter ido longe demais. Mas Kent surpreendeu-a, respondendo com tranquilidade:

— Não, Simone, Ian não roubou a minha noiva, como você pensa. — E continuou falando de Catherine, mencionando o relacionamento dela com outros homens, quando ele se ausentava.

— Acabei descobrindo e, naturalmente, larguei-a. . . — Interrompeu-se ao notar a expressão de pesar nos olhos dela, — Não precisa ficar com pena, não perdi grande coisa, ao romper com Catherine.

Simone estremeceu, mas não fez comentários, e ele continuou explicando. Ele e Ian tinham sido sempre ótimos amigos, mas perderam contato por muito tempo. E foi durante esse período que Kent ficou noivo de Catherine. Ian não chegou a conhecê-la. Na realidade, nunca soube que Kent havia sido noivo dela.

— Eu estava em Chipre quando os dois se encontraram e ficaram noivos. Ian conheceu-a durante uma festa da base. Ela sempre ia a essas festas, levada pelo pai, que era também um oficial da Força Aérea. Catherine só esqueceu de dizer a ele que já era comprometida, Ian escreveu, contando sobre o noivado, mas não mencionou o nome da garota. Não que eu pudesse sequer suspeitar de que era a mesma. Quando, pouco depois, fui para a Inglaterra, ele me telefonou, convidando-me para jantar fora com ele e a noiva, para conhecê-la.

Kent parou de falar por um instante, com uma expressão severa.

— Você pode imaginar o que senti, quando fomos apresentados. Enquanto Ian estava ocupado com os pedidos de vinho para o jantar, ela me implorou para não contar nada a ele. Do jeito que Ian estava apaixonado, nada que eu dissesse iria mesmo alterar sua decisão de se casar com ela. Por isso, fiquei calado.

— Você tomou a decisão errada, ao que parece. Ele fez um gesto impaciente.

— Como falei, nada do que eu dissesse mudaria os sentimentos de Ian em relação a Catherine, mas certamente afetaria nossa amizade. Apenas me calei e esperei que fossem bastante felizes juntos.

— Eles devem ter sido, no começo.

— Pareciam felizes, até Vicki fazer três anos. Mas Ian ficava fora por muito tempo e Catherine começou a sair, deixando as crianças com a mãe. .. que, na minha opinião, não deveria dar assistência à filha dessa maneira. Catherine acabou conhecendo outro homem e, apesar de Ian ter tentado salvar o casamento, não conseguiu evitar que os dois se encontrassem, sempre que era obrigado a viajar.

— Você costumava ir lá... quando Catherine estava em casa? — Símore perguntou, curiosa.

— Eu tinha que visitá-los. Se evitasse, Ian teria perguntado o motivo. Foi uma posição terrível para mim, mas eu amava as crianças e elas gostavam muito de mim, também. Ian e eu costumávamos levá-las para piqueniques, às vezes.

Sacudi a cabeça e pareceu voltar ao presente.

— Vamos, Simone, levante-se. Faça um último esforço e depois poderá dormir até sermos descobertos.

Simone fez ainda uma pergunta enquanto se levantava:

— Kent... era porque me parecia com Catherine que você não gostava de mim, no início?

— Sem dúvida foi um choque, quando a vi pela primeira vez — admitiu. — Mas não me lembro de algum dia não ter gostado de você.

Simone olhou para ele e soube que era sincero. Não ter gostado dela, a princípio, tinha existido de fato apenas em sua imaginação. Uma desculpa que inventara, inconscientemente, para seus erros e sua falta de sorte.

Kent estava colocando a mochila nas costas. Depois, ajudou Simone com a dela, apertando as tiras e ajeitando-a tão confortavelmente quanto possível. Apesar de exausta, a proximidade dele e o toque de suas mãos mexiam com ela. Estremeceu, sentindo um arrepio na espinha.

Rindo, Kent pegou no queixo dela e levantou-o, para poder examiná-la mais de perto.

— Você não se parece nem um pouco com Catherine. Ela nunca ficava assim. .. nem podia. — E, como Simone fizesse cara de ofendida, explicou: — Isso foi um elogio, sua boba. — Acariciou o rosto dela. — E você sabe, minha garotinha. Portanto, pode tirar esse ar indignado do rosto!

CAPÍTULO IX

Dois meses haviam se passado desde a dramática experiência no deserto e Simone já estava empregada na casa de Kent há mais ou menos seis semanas. Ele tinha usado sua influência para conseguir que ela fosse dispensada do novo emprego sem cumprir o mês de aviso prévio.

Na volta deles, depois de passarem quase uma semana no deserto, os quatro tinham sido levados para o hospital. Kent e Simone foram dispensados depois de dois dias. Bill e Martin ficaram mais tempo, mas estavam muito bem agora, apesar de Martin quase ter morrido.

A vida de Simone era calma e agradável. Depois do café no pátio com Kent e as crianças, levava Vicki e Catherine à praia, onde frequentemente ficavam o dia todo, almoçando no bar, lá mesmo. Depois do chá, Simone lia para as crianças, antes de colocá-las na cama. Kent voltava de Nicósia e jantavam juntos, batendo papo depois, ou apenas lendo.

No entanto aquela rotina seria logo mudada, pois as escolas iriam reabrir na semana seguinte, depois da interrupção do longo verão, e Kent tinha conseguido que as duas meninas ficassem na escola inglesa em Kyrenia. Comprara um carrinho para Simone usar e uma de suas tarefas seria levar as crianças para a escola e trazê-las de volta.

Kent se ausentava de casa por dois dias uma semana sim, outra não, sendo obrigado a passar também algum tempo no escritório de Londres. Mas preferia ficar em Chipre e contou a Simone que estava treinando um de seus homens de confiança para ficar encarregado de todos os negócios na Inglaterra.

— Gosto de ficar onde está o sol — falou para Simone numa tarde em que tomavam um drinque no terraço do jardim. Depois sorriu, ao acrescentar: — Houve apenas um momento em minha vida em que não gostei do sol. Simone concordou:

— Eu cheguei a odiar. Na verdade, naquela época, não me incomodaria de nunca mais vê-lo.

— E poderia mesmo nunca mais vê-lo. . . se você não tivesse achado aquela água.

— Foi bom fazer algo certo, para variar.

Ela devolveu o sorriso e um brilho divertido passou pelos olhos verdes de Kent.

— Estou começando a achar que fui um oficial insuportável naqueles dias da Força Aérea.

— Foi mesmo.

Ela falou sem um momento de hesitação. Desde o perigo que haviam enfrentado juntos no deserto, nascera entre eles uma amizade sincera e profunda. Simone, naturalmente, teria desejado algo mais emocionante. Mas o beijo suave que Kent lhe deu no deserto havia sido o último.

Depois de seis semanas morando na mesma casa que Kent, Simone acreditava que o conhecia bem. Desde aquela noite no Hotel Gulf, ela sabia como se sentia atraída por ele. No entanto, a experiência no deserto tinha aumentado e fortalecido o crescente respeito que Kent nutria por ela. Em função disso, ele jamais tentaria nada, e, como casamento certamente estava fora de questão, Simone teria que se contentar apenas com a amizade e mascarar seus sentimentos.

Nem sempre era fácil, principalmente quando Kent olhava fixamente para ela ou se aproximava muito. Então, o coração de Simone parecia querer saltar do peito, deixando bem claro o poder devastador daquele homem sobre seus sentidos.

— Mas agora amadureci, ao que parece. — A voz de Kent cortou os pensamentos dela.

— Você mudou, sim.

— Você também mudou, minha querida: é muito mais corajosa agora do que era.

— E que me sinto mais segura.

Kent sorriu e mudou de assunto, perguntando sobre a família dela, pois Simone tinha falado bastante a respeito dos pais e dos irmãos.

— Recebi outra carta de Cindy, hoje de manhã. Ela voltou do Canadá, como falei. Mamãe está contente, porque minha irmã decidiu não vagar mais por aí. . . por enquanto. Nós todos viajamos e mamãe se ressentiu muito. Vive se queixando.

Houve um pequeno silêncio. Depois, Kent disse:

— Se quiser convidar sua família para passar uns dias aqui, está bem para mim. Daremos um jeito de acomodá-los lá em cima, com uma pequena mudança. Vá em frente.

Seus olhos brilharam. Cindy tinha escrito que gostaria de ir visitá-la, mas ela respondera evasivamente, porque não queria pedir a Kent.

— Meus pais não virão: estão esperando meu irmão em casa no mês que vem. Mas Cindy vai pular de alegria com o convite. Obrigada, Kent, muito obrigada.

— Não me agradeça, Simone. Eu é que devo estar agradecido a você. Fez um sacrifício enorme ao concordar com o meu pedido e ficar aqui, desistindo do seu trabalho para cuidar de Catherine e Vicki. Sou muito grato pelo que fez e estou feliz por poder pagar, de alguma forma.

Seu coração deu um pulso. Se ele soubesse como aquele calmo e íntimo momento perturbava seu equilíbrio! Aliviada, viu que Kent não esperava nenhuma resposta. Pegando os óculos de cima da mesa, ele se reclinou na cadeira, esticando as pernas. Na fraca iluminação do terraço, seu rosto parecia feito de pedra, como nos velhos tempos, quando o capitão Kent Travers era seu severo chefe.

Uma brisa suave de repente fez tremer as folhas dos vinhedos; as feições de Kent mudaram com o jogo de luz, tomando um aspecto suave e quase gentil, e Simone teve dificuldade em esconder sua emoção.

A brisa trazia o perfume perturbador e persistente da murta, que em épocas remotas era o símbolo de paz e de casamento feliz e sagrado para Afrodite, deusa pagã da beleza e do amor. O perfume, o canto das cigarras nas oliveiras, os guizos das cabras na montanha, o som distante de música vindo de uma das aldeias distantes. . . tudo lembrava um outro momento mágico.

Como que em transe, Simone procurou os olhos verdes de Kent. Sem sentir, ela o atraía. Devagar, ele colocou os óculos sobre a mesa. Simone esperava, ansiosa e amedrontada ao mesmo tempo. Kent ia se levantar... se aproximar... ia beijá-la. . .

A noite era toda encanto, toda silêncio e calma. . . tentadora demais. Perigosa. Com uma rapidez que pegou Kent de surpresa, Simone ficou em pé, dizendo que ia dormir.

— Agora? — Kent olhou para o relógio, automaticamente, estranhando. — São apenas nove e meia!

Ela concordou e mudou de lugar, colocando sua cadeira perto da mesa.

— Estou um pouco cansada.

Explicação pouco convincente, mas Simone não podia pensar em nada melhor para dizer.

— Cansada? Por causa das crianças? — Ele parecia ansioso, e ela confirmou.

Kent continuou, antes que ela pudesse falar:

— As meninas irão para a escola dentro de dois dias. Então, você poderá descansar.

— Não são as crianças — murmurou, pegando um livro que estava na cadeira ao lado. — Eu apenas quero. . . relaxar e. . . e ler um pouco, antes de dormir.

Ele a olhou, intrigado, mas não insistiu para que ficasse. Com um sorriso fraco e forçado, Simone deu boa-noite e escapou.

Mas, ao chegar ao quarto, estava inquieta. Em vez de mudar de roupa foi até a varanda. Viu Kent lá embaixo, sua silhueta emoldurada pela cerca perfumada de oleandros.

Ele caminhava vagorosamente e com ar preocupado, o que deu a Simone a impressão de que também estava desalentado. Ficou intrigada. Várias vezes nos últimos dias tinha sentido seu desânimo: parecia um homem bastante diferente do confiante e superior Kent Travers que conhecera nos velhos tempos.

Outra coisa que a surpreendia era a abrupta mudança na sua maneira de ser para com ela: de charme atencioso, num momento, para desinteresse; no outro. A transformação brusca parecia indicar que Kent estava decidido a não ultrapassar os limites da amizade. Quando sentia que estava se soltando demais, ele imediatamente se controlava. Poucas vezes era ela quem tomava a iniciativa de se afastar, como naquela noite.

Na manhã seguinte, levaram Catherine e Vicki para a praia. Havia mais gente do que de hábito. Era domingo e os homens de negócio de Nicósia costumavam vir para Kyrenia, trazendo suas esposas e famílias para passar o dia na praia. Observando uma família em particular — pai, mãe e três meninos, todos na água —, Simone virou-se para Kent, que estava deitado na areia a seu lado, vigiando as duas meninas, que nadavam.

— É incrível o contraste entre essa gente. Como podem ser tão diferentes? Quero dizer, o povo que mora em Nicósia é como o de qualquer cidade grande, e aqui neste lugarejo... — apontou para as montanhas — aquelas pessoas são tão atrasadas.

— Você quer dizer que as mulheres são diferentes. — Ele sorriu. — Concordo com você, Simone. Esposas de executivos da Nicósia são diferentes das inglesas, por exemplo, enquanto que as esposas dos homens dos lugarejos são totalmente dependentes. É estranho, porque a distância daqui a Nicósia não pode ser de mais do que quinze quilômetros.

— Fico pensando se as mulheres daqui não invejam as outras. Kent confirmou, sempre de olho nas crianças.

— Elas parecem felizes. . . estão sempre sorrindo, mesmo enquanto trabalham. Era verdade. Os cipriotas, homens ou mulheres, estavam sempre sorrindo.

Talvez seja o clima, pensou Simone. Havia menos de vinte dias por ano em que o sol não brilhava. Mesmo durante a "estação das chuvas", de novembro a março, fazia calor e sol. Durante seus anos na Força Aérea, Simone tinha voado até a ilha várias vezes e nunca pegara tempo ruim. Para ela, Chipre era um paraíso.

Kent estava chamando Catherine e Vicki. Elas vieram imediatamente e ele cuidou de Vicki, enquanto Simone ajudava Catherine a se trocar. Observou-o, enquanto envolvia a menina com uma toalha, secando-a. Sentiu-se perturbada e enternecida. Pensou nele como pai. . . Será que cuidaria dos próprios filhos assim? Os seus filhos? Será que se casaria?

De repente, os pensamentos de Simone foram até Thora Benson. Tentou afastar a imagem daquela mulher. Nas duas ocasiões em que, fazendo compras em Nicósia, tinha aparecido no escritório com as crianças, Thora estava lá com Kent... só os dois, no seu escritório particular.

Quando Thora ia até a vila, agia de uma maneira tão autoritária que devia estar esperando ser um dia a dona da casa. Perto de Kent, no entanto, mostrava-se sempre gentil e submissa.

— Pronto. . . toda vestida e bonita!

Kent virou-se para Simone...

— Tem um pente?

— Na minha bolsa. — Estava ocupada, secando Catherine, e apenas mostrou a bolsa de praia bem colorida, pousada na areia. II

Kent pegou o pente e penteou Vicki. Ou tentou.

— Fique quieta, sua bobona! A menina ria da incapacidade de Kent de colocar seus cachos no lugar. De repente, ele se virou e surpreendeu o olhar de Simone.

— Por que tão surpresa, Simone?

Ela baixou os olhos e respondeu, pegando o vestido de Catherine:

— Eu, surpresa? Por quê?

— Você ficou perplexa, ao descobrir que sou humano.

Ela sorriu e mandou Catherine se virar. Depois de o vestido abotoado, a menina escapou com um rápido giro de corpo e teria ido embora, sem pentear o cabelo, se Kent não a agarrasse. Deixou que a colocasse no colo, sorrindo para ele.

E bom ser criança, pensou Simone. Como gostaria de também poder demonstrar seu carinho por ele!

Depois do almoço, todos fizeram a sesta, pois o forte calor de julho e agosto havia continuado em setembro. Às quatro da tarde, tudo tinha voltado à vida novamente e, da varanda do quarto, Simone viu Kent e as duas crianças no jardim, jogando bola. Que paciência ele tinha! E como tinha sido impaciente com ela, quando era sua comissária! Nunca poderia supor que se sentiria assim com relação a ele, mais tarde.

Sentindo seu olhar, Kent levantou a cabeça. Ela sorriu e ele respondeu. Que estupidez, encorajar aquele sorriso! Só servia para deixá-la com a cabeça cheia de fantasias tolas.

— *Kopiaste!* — ele chamou. — Venha brincar com a gente.

— Daqui a pouco. Quero lavar a cabeça primeiro.

— Seu cabelo está lindo, tia Sim — disse Vicki, usando o apelido que inventara para ela e que Kent desaprovava. — Vamos.. . *Kopiaste!*

— Tudo bem.

Simone desceu a escada e acariciou os cachos de Vicki.

— Falando grego, hein?

— Ela só sabe essa palavra — falou Catherine, correndo para pegar a bola que Kent tinha jogado para ela. — Eu conheço muito mais. Mas, é claro, ela é muito criança. Só tem cinco anos... e eu... já tenho seis.

— De novo, não, Catherine! — Kent interrompeu, pegando a bola que a menina devolvera para ele. — Vicki não gosta de ser lembrada o tempo todo de que é mais moça do que você.

Depois do chá, Simone leu para as crianças durante algum tempo, enquanto Kent trabalhava no estúdio. Mas à noite ficariam juntos, e ela ansiava por aqueles momentos.

— Você telefonou para o hospital hoje? — perguntou, quando tomavam café no pátio, depois do jantar.

— Telefonei à tarde. — Kent parou, suspirou e tornou-se grave. — Ele ainda está com a vida por um fio.

— Não houve melhora nenhuma? Kent balançou a cabeça.
— Francamente, não acredito que ele queira viver. Simone sacudiu a cabeça.
— Um homem tão jovem querer morrer. . . Não, não posso concordar com você, Kent. Ele tem as crianças, mesmo que tenha perdido a mulher.

— É porque perdeu a mulher que não tem mais vontade de viver — Kent falou, agora num tom decidido, como se não tivesse mais dúvidas. — Catherine afetou-o mais do que a mim.

Aquele era o Kent delicado e comunicativo, que ela adorava e cuja companhia lhe fazia tão bem. Conversando ali, tão próximos e íntimos, nem de longe lembravam o chefe carrancudo e a comissária que ele considerava a mais incompetente com quem tinha trabalhado.

— Ian foi casado com ela — Simone falou finalmente, mais para si mesma. Estava imaginando como qualquer moça, que tivesse sorte bastante para atrair um homem como Kent, poderia arriscar-se a perdê-lo, flertando com outros homens. Se tivesse a mesma sorte, não se importaria em esperar por ele o tempo que fosse necessário. E, durante a espera sonharia. . . sonhos de amor, de como seria quando estivessem casados.

Um suspiro de decepção escapou de seus lábios, sufocado pelo som noturno das cigarras nas oliveiras e nos vinhedos. Mas Kent percebeu.

— Por que o suspiro? — perguntou, divertido.

Um leve rubor subiu ao rosto de Simone. Torceu as mãos, nervosa.

Como poderia explicar o que estava sentindo, sem confessar que o amava?

— Foi inconsciente. Às vezes, a gente suspira sem nenhum motivo especial.

Ele olhava fixamente para ela, como se duvidasse daquelas palavras.

Algo indefinido na sua maneira de agir intrigou-a por um momento. Depois, uma idéia súbita cruzou sua mente, tirando-lhe o fôlego: será que Kent também estava sentindo por ela o mesmo que sentia por ele? Parecia incrível, mas explicaria aquelas mudanças de humor que a deixavam perplexa.

Não acreditava que ele pensasse em nada tão sério como casamento, mas era bem possível que estivesse interessado nela. Gostaria de ter mais experiência e astúcia para penetrar na armadura com que Kent se protegia. Infelizmente, nada podia fazer para destruir as defesas dele. Nunca saberia o que Kent realmente sentia.

Na verdade, ele tinha fama de ser um solteirão convicto. Será que sua experiência com Catherine o fizera evitar as mulheres e ter medo de se apaixonar novamente?

— Foi inconsciente, não foi? — Kent quebrou o silêncio. — A gente sempre tem uma razão para suspirar.

Não olhava mais para ela, mas para uma mariposa gigante que tinha pousado na mesa.

Simone também deixou seu olhar vagar pela varanda e pelo mar, banhado pelo luar.

Suspirou novamente, mas desta vez sorriu e disse:

— Adoro essas noites, com a lua e as estrelas, os sons e os perfumes.

— Eu também. Numa noite como esta, você sabe que está no Oriente.

— Eu adoro o Oriente.

Virando-se, ele olhou para ela e perguntou, de repente:

— Se Ian tiver chances de se recuperar, você ficará? Não precisou pensar para responder:

— Sim, Kent, ficarei.

Mas como poderia continuar escondendo seus sentimentos por ele?

Cindy chegou duas semanas depois, e como Catherine e Vicki já estavam na escola, Simone conseguiu dispensar uma boa parte de seu tempo à irmã. Kent sentiu-se inteiramente à vontade com Cindy e ela com Kent. Era cheia de vida, sempre otimista e alegre, não importavam as circunstâncias.

— Não acredito que nada de mal aconteça a ele — disse a Kent quando, numa noite, conversavam sobre Ian e as meninas. — Um pai não pode querer morrer e deixar duas crianças como aquelas. Elas são adoráveis! Pensei que as minhas três fossem as mais maravilhosas do mundo, mas aquelas duas são as mais adoráveis que já vi.

Kent riu.

— As suas três são as crianças de quem você tomava conta no Canadá, *não?*

Cindy fez uma careta, e seus enormes olhos azuis brilharam.

— Está certo. . . Mas devo confessar que não me importaria se fossem minhas mesmo.

— Parece que vocês duas nasceram para ser mães. — Kent olhava para as duas irmãs com carinho.

— Nós sempre gostamos de bebês e de crianças. — Cindy virou-se para Simone e sorriu. — Você se lembra quando saíamos com os bebês de todo mundo? E depois como, quase todas as noites, ficávamos tomando conta das crianças?

Simone concordou e acrescentou, saudosa:

— Nós dizíamos que íamos ter seis filhos cada uma, lembra?

— Certo. E eu ainda pretendo ter seis... quando encontrar um homem. Aí é que está o problema. . .

Kent a interrompeu para dizer que estava certo de que não teria dificuldade em achar um homem que quisesse casar com ela.

— Você deve ter tido muitos pretendentes — acrescentou, mas por alguma razão seus olhos pousaram em Simone.

— Tive — Cindy concordou, sem nenhuma falsa modéstia — Mas nunca me apaixonei por nenhum. — Deu de ombros. — Não é que eu queira perfeição, mas a verdade é que não consigo encontrar o príncipe encantado.

Todos riram e Kent brincou:

— Deve haver um homem sortudo em algum lugar... alheio à sorte que o espera.

Era hábito Kent levar as crianças para ver o pai toda terça-feira à tarde. Quando o dia da próxima visita chegou, ele sugeriu que Simone e Cindy fossem ao hospital com ele e as duas meninas.

— Ian não tem visitas, além das crianças e eu — explicou para Cindy. — Acho que seria bom para ele ver mais gente. Principalmente gente bonita e alegre.

Simone entendeu o que ele queria dizer. Novas caras talvez ajudassem a tirar Ian da apatia em que se encontrava.

— É claro que vamos — respondeu Cindy, ansiosa. — Pobre homem! Precisa de ânimo!

Ian estava num quarto particular e sua aparência era péssima: muito magro, pálido e cansado. Não se animou nem mesmo quando as crianças, correndo para a cama, gritaram:

— Alô, papai!

— Alô. — Seu tom de voz era apático.

Kent e Simone trocaram olhares, ambos profundamente abalados pela falta de interesse pelas filhas.

— Trouxemos algumas visitas para você — Catherine disse, debruçando-se sobre a cama e erguendo-se nas pontas dos pés para dar um sonoro beijo no rosto de seu pai. — Tia Sim. . . você sabe tudo sobre ela... e tia Cindy. Elas são irmãs, como Vicki e eu.

Os olhos de Ian moveram-se para Cindy, que veio lentamente em direção à cama. Observando-a, Simone viu compaixão em seus olhos e um ligeiro tremor nos lábios.

— Esta é Cindy.

A voz de Kent estava emocionada: ele também observava atentamente o rosto dela.

— Que prazer em conhecer você, Ian.

Pela primeira vez, sua maneira alegre e efervescente tinha desaparecido. Mecanicamente ela pegou a cadeira que Kent havia trazido e sentou-se. Tocou a mão magra, caída sobre a coberta, e repetiu, visivelmente emocionada:

— Prazer em conhecê-lo, Ian.

CAPÍTULO X

Um sorriso triste surgiu nos lábios de Simone, enquanto lia a carta de sua mãe, e Kent ficou esperando que ela contasse o porquê.

— Mamãe está sentidíssima por Cindy ter "desertado dela mais uma vez", como diz.

— Ela a quer em casa, então?

— Não exatamente. Mamãe já se resignou a que seus filhos sejam errantes.

Um momento de silêncio, e depois Kent falou:

— Se você explicar à sra. Clarke o milagre que Cindy fez, ela não se importará que a filha fique longe tanto tempo, estou certo.

Com um sorriso de incentivo, Kent deixou-a. Ela caminhou até o pátio e observou o carro dele, que levantava uma nuvem ocre de poeira, descendo em direção à estrada principal.

Milagre? Sim, havia sido um milagre. . . mas o que Cindy podia esperar do futuro? Simone estremeceu e suspirou. Ainda não tinha perguntado à irmã sobre seus sentimentos por Ian. Até bem pouco tempo, achava que não era mais do que compaixão o que levava Cindy até o hospital em cada dia de visita.

A permanência dela em Chipre, que a princípio seria uma quinzena apenas, estava agora na quinta semana, e Cindy ainda não falara em partir. Não que Simone quisesse que ela se fosse, muito ao contrário. Nem Kent queria isso, também. Ainda na semana anterior, ele aproveitara que Cindy tinha ido para o quarto, escrever umas cartas, para confessar:

— Acredito piamente, Simone, que Ian deve a vida à sua irmã. Simone concordou, pensativa:

— Ele se reanimou no momento em que a viu pela primeira vez.

Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada da irmã e das crianças.

— Tia Sim, não está um dia especial? — Catherine e Vicki tinham pequenas mochilas nas costas e os cabelos estavam trançados e amarrados com largas fitas cor-de-rosa.

— Por causa do papai? — Simone sorriu para a carinha ansiosa. — Sim, Catherine, é um dia maravilhoso.

— Ele vem morar aqui um pouco, não é, tia Sim? — Vicki colocou a mãozinha na de Simone e depois apertou-a contra o rosto. — Será tão bom ter o nosso pai aqui conosco de novo!

Nem menção à mãe delas até agora, pensou Simone, imaginando como Catherine podia ter desaparecido sem ao menos ligar para saber o que estava acontecendo com as filhas. Se não fosse por Kent, cias teriam voado para a Inglaterra, para a casa da irmã de Ian, onde, com o passar do tempo, esqueceriam o pai tão rapidamente como tinham esquecido a mãe.

— Eu não quero ir para a escola hoje — falou Catherine, dando uma olhadela para Cindy.

— Papai não vem para casa antes da tardinha.

— Nem posso esperar! — Catherine deu um profundo suspiro.

— Tio Kent disse que o papai não pode brincar com a gente ainda, e que não podemos aborrecê-lo muito, porque ele ainda não está totalmente bom.

— Não, querida, ele ainda não está — disse Simone. — Mas, quando tiver descansado bastante, vai brincar de novo com vocês.

— Ai será muito bom! — Vicki pulou de alegria. — Todos nós? Vamos todos para a praia, brincar juntos?

Simone concordou, com tristeza. Seu tempo na ilha agora estava se esgotando, pois muito em breve Ian tomaria suas providências com respeito às crianças, e ela teria que ir embora, para o emprego que Kent prometera arranjar.

Cindy acompanhou Simone até a escola. Depois de deixar as meninas, foram dar um passeio a pé.

Atravessaram alamedas estreitas, cheias de casas ricamente coloridas, em cujos balcões de ferro enferrujado brotavam flores exóticas, plantadas em latas ou vasos de barro.

Ao chegarem no porto, sentaram-se numa mesa coberta por um guarda-so!, de frente para o mar. Dominando o porto pitoresco, estava o castelo de Lusignan, construído no século XIII, ao lado de um forte bizantino, conquistado pelo galante Ricardo Coração de Leão. Segundo a história, o imperador da ilha teria implorado ao rei Ricardo que não o colocasse a ferros, e foi então preso no forte com correntes de prata.

— Esta ilha é fantástica! — Cindy encostou-se na cadeira, observando as casas e os barcos coloridos. — Como gostaria de morar aqui!

— Existe alguma possibilidade desse sonho se realizar? — Simone mostrou claramente o que queria dizer.

— Não sei. — Cindy ficou em silêncio por um momento. — Gostaria de tomar conta das crianças para Ian. Ele está certo de que a mulher nunca mais vai voltar.

— Ele a aceitaria, se voltasse?

— Eu até acredito que sim — Cindy respondeu, com um tremor de voz.

— Ele pensaria nas crianças, é o que quer dizer?

— As crianças seriam um dos motivos... mas acho que ainda ama Catherine.

— Como é estranho. — Simone ficou em silêncio, pensativa. Depois falou: — Algumas mulheres têm sorte e não dão valor. Catherine teve dois homens maravilhosos e brincou com ambos.

— Dois? — repetiu Cindy, e Simone percebeu que tinha falado demais.

— Ela foi noiva de Kent, antes — explicou, depois de uma certa hesitação que a irmã percebeu.

— Kent? E mesmo assim ele é tão bom para Ian?

— Ian não tirou Catherine de Kent.

Simone parou de falar quando o garçom se aproximou com a bandeja. Depois de servidos os drinques, continuou a contar a história:

— Kent se sente culpado sobre isso, mas, como ele disse, não havia nada que pudesse fazer, pois Ian estava tão apaixonado por Catherine que nunca desistiria dela.

— Então, essa mulher não foi boa coisa desde o início, ao que parece. — Simone não fez comentários e Cindy continuou, num tom sonhador: — Acho que ela deve ter sido muito linda para enfeitigar dois homens como eles.

Um sorriso maroto brincou nos lábios de Simone.

— Tenho uma idéia de como ela é — disse, despertando a curiosidade da irmã.

— O que quer dizer?

— Eu me pareço com ela. Dê uma olhada no medalhão de Catherine ... — Simone se interrompeu, preocupada. — Por falar nisso, não tenho visto aquele medalhão ultimamente.

— Eu nunca o vi.

— Espero que ela não o tenha perdido. Foi presente de Kent. Cindy tomou um gole do drinque.

— E verdade mesmo que Catherine se parece com você?

— Somos muito parecidas, sim. Quando Kent era meu chefe, eu costumava pensar que ele não gostava de mim por causa da nossa semelhança.

— Kent não gostava de você?

— Eu sentia que não, mas agora acredito que ele realmente era apenas indiferente o tempo todo, e ficava louco se eu fazia algo errado.

— Por quê?

— Eu estava sempre em apuros com ele. Kent era severo e exigia eficiência. Mas tudo saiu errado, quando trabalhei com ele. Parecia que o azar me perseguia. Honestamente, algumas faltas eu podia assumir, mas não todas. No entanto, Kent me culpava sempre de tudo. Foi isso que me fez pensar que ele não me suportava.

Cindy olhou para Simone.

— Mas Kent não desgosta de você agora.

— Não. De fato, somos bons amigos.

Amigos. . . uma dor de rejeição feriu seu coração. Quase seis semanas haviam se passado, desde a noite em que começara a suspeitar de que ele sentia por ela mais do que amizade, e ainda eram apenas amigos, sem o menor gesto de afeição por parte de Kent.

Quinze dias depois de Ian sair do hospital, Simone achou-se a sós com Kent. Estavam na praia. Ian e Cindy tinham ido à cidade de carro para comprar sapatos para as crianças. Kent acabara de sair da água e estava em pé, secando-se.

Simone, deitada com as mãos atrás da cabeça, olhava para o céu. Era meados de outubro, mas o sol brilhava e ainda estava quente bastante para um bom banho de mar.

— Ian estava falando sobre ir para a casa dele — Simone disse casualmente, mas seus nervos estavam tensos. — Aquele trabalho que você falou em conseguir para mim. . . Vou deixar a ilha em breve.

Kent jogou a toalha e sentou-se nela, silencioso.

— Providencio isso na segunda-feira — prometeu finalmente.

— Obrigada.

Virou a cabeça, não querendo que ele percebesse seu desespero. Raramente chorava, mas agora as lágrimas estavam muito próximas.

— Eu acredito — disse Kent, depois de um instante — que existe a possibilidade de Ian pedir a Cindy para ficar e ser uma espécie de governanta para ele e para as crianças.

Simone pensou que seria a melhor coisa que ele poderia fazer.

— Cindy vai gostar.

Kent hesitou e depois disse:

— Eles se dão muito bem.

Simone sentou-se, apoiando o queixo nos joelhos.

— Cindy acha que Ian aceitaria a esposa, caso ela voltasse.

— Não estou certo disso.
— Ele talvez pensasse nas crianças.
— O que é natural, suponho. — Kent tornou-se pensativo. — A não ser que ela volte logo, não creio que tenha chance.
— Não? — Simone falou, ofegante. — Acha que ele pode se apaixonar por Cindy?
— Já está no meio do caminho, na minha opinião.
— Teria que pedir divórcio de Catherine, então. Uma sombra passou pelo olhar dele.
— Não seria difícil.
— Minha mãe detestaria a idéia de Cindy se casar com um homem divorciado e pai de duas crianças.
— A princípio, talvez. Mas mudaria de idéia, quando o conhecesse. Simone concordou.
— Ian é tão bom. Papai não se importaria. Está sempre dizendo que quer ser avô.
Kent não disse nada e a atmosfera ficou carregada. Simone enterrou as mãos na areia nervosamente, agarrando um punhado e deixando escorrer pelos dedos. Subitamente, tocou em algo enterrado e, um segundo depois, estava segurando o medalhão de Catherine na palma da mão.
— Onde conseguiu isso? — Kent olhava, confuso. — Você disse que achava que a menina tinha perdido. . .
— Que sorte! — Simone interrompeu, não acreditando no que via. Na verdade, sempre vinham para o mesmo lugar na praia, mas, mesmo assim, havia uma chance em um milhão de encontrar a jóia. — Achei na areia. É inacreditável!
— Catherine pensou que tivesse perdido na escola.
Enquanto falava, ele tirou o medalhão da mão dela e abriu-o para olhar o lindo retrato que estava dentro. Observando Kent de relance, Simone pôde notar o rancor e a frieza em seus olhos, e a **boca apertada de um jeito quase cruel.**
Pensava que o conhecesse bem, pois já o havia observado em diferentes situações e estados de espírito: severo, sarcástico, interessado e desinteressado, ou com profunda compaixão. . . Mas agora, parecia uma outra pessoa, fria e implacável.
Com um estalo, o medalhão foi fechado. Nesse exato momento Catherine e Vicki chegaram correndo pela areia, seguidas de Ian e Cindy. Esperando que Kent desse o medalhão à menina Simone ficou surpresa ao ver que sua mão se fechou, escondendo-o.
— Tio Kent! Compramos sapatos lindos e um vestido para cada uma.. . daquela senhora que faz eles na máquina na rua Catseliis.
— Que bom! Onde estão os vestidos?
— No carro. Deixamos o carro debaixo dos vinhedos, como você sempre faz, tio Kent!
Catherine não parava mais de falar, até que, rindo, Cindy interrompeu:
— Queridinha, não é melhor parar para respirar?
— É.. . mas eu gosto de falar.
— Eu também gosto de falar. — Vicki sentou-se nos joelhos de Kent e, vendo sua mão fechada, começou a tentar abri-la. — O que você tem aí, titio?
— Nada que seja da conta de menininhas. . .
— Quero ver!
— Também quero. — Catherine pulou no outro joelho de Kent.
— Deixe ver... por favor!
Simone observava, curiosa, seu espanto crescendo à medida que se tornava claro que Catherine não teria seu medalhão de volta.
A menina acabou desistindo e começou a falar novamente. Desta vez, foi Ian quem pediu que parasse para respirar.
— Eu sei, mas gosto de falar!
O pai riu.
Como está bem, pensou Simone. Saudável e ganhando um tom bronzeado rapidamente.
Cindy virou-se para ele, sorrindo também: seu rosto estava colorido e seus olhos brilhavam.
— É hora do chá — disse Kent, levantando-se e pegando a toalha. Os outros foram andando, mas Kent não os seguiu. Simone também ficou parada, indecisa.
— Não vamos ainda?
Antes que ela percebesse sua intenção, Kent jogou o medalhão longe.
A jóia brilhou ao sol e mergulhou no mar.

Simone olhava, pasma. Aquela era uma coisa que nunca teria esperado dele.

— Por que fez isso?

— Você não viu a expressão no rosto deles? — No rosto das crianças?

— No rosto de Ian e Cindy. Ela arregalou os olhos.

— Você quer dizer. . .

— Cindy não ia gostar de ver a foto daquele medalhão o tempo todo. E como a foto não podia ir sem o medalhão, ambos se foram. Lembre-me de comprar outro na segunda-feira de manhã, quando eu sair.

Kent provou estar certo sobre Ian e Cindy. No jantar daquela noite, o rapaz disse a Simone e a Kent que pretendia se divorciar de Catherine tão logo pudesse e se casar com Cindy.

— Estou muito contente por vocês — Kent falou e seus olhos verdes procuraram Simone, mas se desviaram rapidamente.

— Eu também, maninha. Estou certa de que serão muito felizes.

— Cindy vem comigo para tomar conta de nós... enquanto esperamos. Deus queira que o divórcio não demore muito: estou apaixonado demais por essa sua irmã.

Quando Kent saiu, na segunda-feira de manhã, Simone lembrou-o sobre o medalhão de Catherine.

— Kent. . .

— Sim? — Ele já estava de saída e virou-se, parecendo impaciente. — Você vai providenciar sobre o meu trabalho?

— Sim, eu não me esqueci, Simone. Fique certa de que conseguirá um emprego melhor do que aquele.

Ela levou as crianças para a escola. Quando voltou, Cindy e Ian já haviam saído para abrir a casa dele e ver se tudo estava em ordem.

Cindy tinha escrito para a mãe na véspera, contando seus planos de ficar em Chipre. Simone sentou-se para escrever exatamente o contrário: ela estaria voltando para a Inglaterra em breve. Quando terminou, foi até a cidade enviar a carta.

Naquela noite, desanimada e infeliz com a idéia de deixar a ilha e Kent, Simone desculpou-se e foi para a cama cedo. Cindy e Ian foram dar uma volta no jardim e depois Cindy também subiu. Quando passava pela porta do quarto de Simone, deu-lhe boa-noite.

Ela respondeu e, depois de mais ou menos meia hora, levantou-se e foi até a varanda. A noite estava perfumada e uma brisa acariciava seus cabelos. Sentou-se numa cadeira e perdeu-se em pensamentos. Seu futuro, que havia sido tão cor-de-rosa no início do trabalho com Bill, agora parecia sombrio.

Tinha sido tola, e agora ia pagar. Deveria saber que Kent não era para ela.. . E assim mesmo, não podia se esquecer do companheirismo que surgiu entre eles, quando estiveram em perigo. Mas agora.. .

Levantou-se para voltar para a cama, e então ouviu vozes no jardim. Kent e Ian. . . e pareciam discutir! Prestou atenção e sentiu-se gelar: falavam dela!

— Ela ama você, Kent, qualquer um pode ver!

— É uma doida.

— Da maneira como ela olha para você. . . não fazendo nenhum esforço para esconder. . .

— Eu sei. É um aborrecimento e tanto! O que há com as mulheres, que se apaixonam tão facilmente? — Kent falou impaciente, quase zangado, e Ian riu.

— Quem manda ser tão bonito?

— Não é hora de piada, estou preocupado apenas com o inconveniente que isso representa.

— Mas ela vai embora logo.

Começaram a andar pelo jardim e suas vozes foram ficando cada vez mais fracas e distantes.

— Você ficará bem novamente em duas semanas. . .

Simone não ouviu mais. Nem queria. Estava louca de raiva consigo mesma, por não ter sido capaz de esconder seus sentimentos. Agora, Kent estava se queixando dela com Ian. Ian, que logo seria seu cunhado, e os dois falando assim dela... era humilhante.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Lágrimas e ódio. Kent era detestável! Como podia falar assim, depois de tudo o que haviam passado juntos lá no deserto? Nunca poderia imaginar. As lágrimas corriam por seu rosto. Entrou no quarto e deitou-se na cama. Iria embora no dia seguinte, de manhã.

Mas, claro, não podia partir tão de repente assim, percebeu no dia seguinte, quando um raio de sol atravessou sua janela. Cindy ia exigir uma explicação, Ian ainda não tinha levado as crianças para casa e ela ainda trabalhava para Kent.

No café, mal olhou para ele e só respondeu às suas perguntas com monossílabos. De vez em quando Kent olhava para ela, sem entender. Os outros estavam surpresos e Cindy, rião resistindo, perguntou:

— O que houve, Simone? Levantou com o pé esquerdo?

Kent olhava, interessado em ouvir a resposta, que veio fria e impessoal:

— Não estou me sentindo muito bem hoje de manhã. O que era verdade, de uma certa forma.

Simone estava na sala quando Kent saía para o escritório. Assim que a viu, parou e entrou.

— Melhorou?

Parecia preocupado. Mas não viu motivo, pois as crianças agora ficavam muito mais com Cindy do que com ela. Portanto, não havia motivo para ele se preocupar.

— Estou na mesma.

Deu as costas e foi até a janela que dava para leste. Era cedo, mas o sol já queimava, espalhando seus raios pelo mar e pelos picos da cadeia Kyrenia. Só que ela estava infeliz demais para apreciar a beleza da paisagem. Nem sequer a via direito, com os olhos embaçados, esforçando-se para não chorar.

— O que há? — A voz de Kent era um pouco mais ríspida agora. — Há algo estranho com você esta manhã, Símona.

— Não há nada. Estarei bem dentro de pouco tempo.

Pouco tempo? Sabia que levaria muito tempo para se sentir bem novamente. Talvez nunca se recuperasse.

— Tem certeza?

Ela fez que sim com a cabeça, e suspirou de alívio quando ele saiu. Observou sua figura alta e elegante atravessar o jardim e entrar no carro. E teve certeza então de que precisava ir embora.

Cindy não quis acreditar, quando ela disse que ia voltar para casa.

— Mas eu não entendo. De manhã, no café, havia algo de errado com você. O que é, Símona? Será que... as crianças... Você acha que eu não deveria... Quero dizer, como estão aos seus cuidados... .

— Parou de falar, porque Simone estava negando.

— Você me conhece bem, Cindy. É lógico que não é pelas crianças.

— Você não se ressentiu pela minha interferência, não é?

— É claro que não. E não chamaria isso de interferência. Não, Cindy, eu apenas quero ir para casa, e me faça um favor: nada de perguntas. Desculpe se estou sendo temperamental, mas não me sinto eu mesma hoje.

— Quer que leve as crianças para o colégio?

— Por favor. Obrigada.

— Não está doente, está? — Cindy ficou ansiosa e Simone negou.

— Quer algo da cidade?

— Você pode pegar um livro que encomendei ao Yannis? Conhece a loja dele... é em frente ao Dome.

— Eu já sei.

Simone controlou-se, até que elas saíram. Depois, não foi capaz de segurar as lágrimas. Tinha que chorar tudo o que queria bem depressa, pois logo a irmã voltaria. Subiu para o quarto e não ouviu o carro de Kent entrar pela alameda. De fato, não fazia idéia de que ele estivesse em casa, até que bateu na porta de seu quarto.

— Simone, vou entrar.

Sem esperar resposta ou licença, ele empurrou a porta. Simone, que estava completamente desfigurada pelas lágrimas, virou-se rapidamente, enxugando os olhos com um lenço.

— O que foi? O que você quer? Por que voltou?

Ele explicou que tinha visto Cindy passar com as crianças. — O que está havendo com você? Eu exijo saber! Ela estava abatida demais para continuar mentindo.

— Ouvi você e Ian falando sobre mim ontem à noite. — Seu rosto estava pálido e seu tom era de censura. — Devia se envergonhar de falar de mim daquela maneira e com o meu futuro cunhado.

Kent deu alguns passos na direção dela, sem entender o que se passava.

— Ouviu Ian e eu conversando sobre você? É melhor explicar. Ele parecia perdido, como se realmente não compreendesse.

— Sabe muito bem o que disse.

Não esperava que ele negasse. Sentia-se decepcionada e ao mesmo tempo queria fugir dali, de vergonha e ódio.

— Não tenho a intenção de repetir, se é o que está esperando!

— É exatamente o que estou esperando! — Seu tom era duro e imperioso, o tom de voz do capitão Travers, seu superior, e Simone deveria estar prevenida. Mas, naquele momento, só conseguia ter raiva e ressentimento.

— Então, vai esperar para sempre!

— Acho que não, Simone.

— Você realmente espera que eu me humilhe mais, repetindo o que ouvi? Você é detestável!

Virou-se de costas para ele, mas foi imediatamente forçada a voltar-se, dando um grito, porque Kent machucava seus braços. — O que você ouviu?

— Meus braços... está me machucando. . .

Em vez de largá-la, Kent começou a sacudi-la com força.

— Responda! Responda, e pare de falar feito maluca! Ela mordeu o lábio, resolvida a aguentar a dor.

— Não sei por que devo repetir.. .

— Porque não sei do que, diabos, está falando! O que há com você para ser tão obtusa? Não é evidente que não tenho a menor idéia do que houve?

Procurou os olhos dele. Sim, parecia falar a verdade. Será que. . . Começou a gaguejar:

— Vocês. . . não estavam. . . falando de... mim?

— Se não me contar o que ouviu, não posso responder!

— Você estava aborrecido porque eu estou. . . quero dizer. . . porque alguém estava. . . apaixonada por você. . .

Quem poderia ser? Sentia realmente medo dele agora.

— Pensei que estivessem falando de mim... — acrescentou fracamente, sentindo-se miserável. Então, viu o olhar doce e meigo de Kent.

Simone corou e abaixou a cabeça. Como tinha sido estúpida! O que estaria ele pensando dela? Tinha feito uma declaração de amor, baseada em conclusões erradas, e não conseguia suportar o peso da humilhação. Com voz fraca e trêmula, conseguiu dizer:

— Foi tolice minha. . . vejo agora que. . . mas não houve danos maiores.

Então ele riu. Mas não foi um riso zombeteiro.

— Eu devia dar uns tapas em você. Por que as mulheres bisbilhotam e depois torcem o que ouviram, a tal ponto que fica completamente diferente da realidade? Por Deus, Simone, houve momentos no passado em que eu tive vontade de sorrir você, mas nunca fui tão provocado como agora!

Ela ficou quieta, receosa de que ele levasse adiante a ameaça, pois já tinha deixado marcas em seus braços.

— Sinto muito — murmurou, pesarosa. — Eu não devia ter ficado escutando.

— Não devia mesmo!

Simone olhou para ele. Kent estava tão perto, segurando seus braços de um jeito tão possessivo, que dava a impressão de que eram mais do que apenas amigos.

O silêncio, quebrado pelo som das cigarras nas árvores, de repente tornou-se insuportável e ela procurou algo para dizer.

— E.. . devia ter mais cuidado e não tirar conclusões apressadas. — Ainda estava intrigada com a conversa do jardim. Quem seria a outra?

— Se tivesse mais cuidado, certamente teria evitado uma boa dose de infelicidade para si mesma. Se estiver interessada em saber sobre quem era a discussão, era sobre Thora Benson.

— Thora? Ela vai embora? Quero dizer, ouvi Ian dizer que essa pessoa ia embora dentro de quinze dias. Por isso, concluí que era eu.

— Dei a Thora uma quinzena de aviso prévio — ele explicou, exasperado. — Isso esclarece todas suas ridículas dúvidas e mal-entendidos?

Ela concordou, ainda temerosa.

— O trabalho, Kent? Você disse que providenciaria um para mim.

Esperou a resposta com o coração apertado. Ao saber que não era dela que os dois estavam falando, uma esperança doida começou a se insinuar em sua mente. Mas, se ele agora concordasse com sua partida.. .

Kent respondeu com outra pergunta;

— Já que concluiu que era sobre você que falávamos, então eu estou certo em pensar que me ama?

Palavras calmas e sem emoção, mas, olhando-o de novo, Simone ficou emocionada ao ver sua expressão meiga.

— Não adiantaria muito se eu negasse, não é? — disse, com um sorriso trêmulo.

— Nem um pouco.

As mãos de Kent escorregaram por seus braços e ela estremeceu. Gentilmente, foi puxada para ele e suspirou, quando seus lábios se encontraram. Fechou os olhos, entregando-se completamente àquele momento divino de carinho.

Afastando-a, ele murmurou ternamente:

— Fui um idiota, Simone, lutando contra o meu amor por você. Eu sabia que seria uma batalha perdida e, se tivesse algum juízo, já teria admitido isso há muito tempo.

— Você lutou contra o seu amor? Por quê, Kent?

Ele não respondeu logo, parecendo nem ter ouvido a pergunta.

— Depois da experiência com Catherine, resolvi que o casamento não era para mim. E, à medida que os anos passaram, devo admitir que minha liberdade tornou-se mais e mais atraente e não tive nenhuma vontade de perdê-la. . . nenhuma intenção — acrescentou, com um sorriso. — Mas depois você chegou e, querida, fiquei louco!

Aquelas palavras a emocionaram. Aconchegou-se a ele e levantou o rosto para um beijo.

— Quando você descobriu? Ele sorriu e sacudiu a cabeça.

— Demorou, Simone. — Houve uma pausa e depois acrescentou: — Você não sabe quando foi?

Através da janela aberta veio o barulho do mar, trazendo uma brisa refrescante, anunciando as chuvas de inverno. Sentiram o perfume de rosas misturado ao doce aroma das flores de limão.

— Foi no deserto? — Simone murmurou finalmente.

— Sim, querida, foi no deserto. — Kent afastou-a e seus olhos verdes brilharam, divertidos.

— Eu me apaixonei por uma garota de rosto imundo, cheia de olheiras e com um cabelo que parecia rabo de rato.

— Você é horrível!

Ele ignorou o protesto e perguntou:

— E quando você descobriu seus sentimentos? Foi também quando estávamos no deserto?

Ela sacudiu a cabeça, relutante em mencionar aquela noite no Hotel Gulf. Mas, como Kent estava esperando, contou que aquele incidente tinha sido, para ela, o começo do amor.

— Sinto muito sobre aquela noite, meu bem — ele disse, ressentido. — Você me perdoa?

Sua resposta foi ficar nas pontas dos pés e beijá-lo na boca.

— Faz tempo, desde que estivemos no deserto. .. tentando saber mais. — Você escondeu muito bem.

— As defesas foram caindo aos poucos. Eu jamais iria arranjar o emprego que lhe prometi, Simone.

— Ontem mesmo, você disse que ia — ela lembrou-o, mas ele negava.

— Devo ter dito, mas não pretendia. Na verdade, foi a possibilidade de você conseguir um trabalho e deixar a ilha que me alertou, Queria ter você a sós, ontem à noite, mas você foi para a cama cedo. . . Pelo menos, foi o que disse. Então, em vez da minha declaração de amor, teve umas poucas horas amargas. . .

— Poucas horas? Foi uma eternidade!

— Para você aprender a não bisbilhotar! — avisou, abraçando-a com força e beijando-lhe os cabelos. — Querida, vamos casar logo?

Ela concordou com a cabeça, emocionada demais para falar. Ficaram abraçados, muito quietos, ouvindo o sussurro do mar, que parecia fazer promessas de amor eterno.

A sombra de uma ilusão (There came a tyrant)
Julia no. 113

Anne Hampson

FIM